



DESCOBRIR-SE AUTOR

Histórias e Canções



CIDADE DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO



Prefeitura da Cidade de São Paulo

Ricardo Nunes

Prefeito

Secretaria Municipal de Educação

Fernando Padula

Secretário Municipal de Educação

Maria Sílvia Bacila

Secretária Executiva Pedagógica

Bruno Lopes Correia

Secretário Adjunto de Educação

Omar Cassim Neto

Chefe de Gabinete

Sueli Mondini

Chefe da Assessoria de Articulação
das Diretorias Regionais de Educação - Dres

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO



DESCOBRIR-SE AUTOR

Histórias e Canções

SÃO PAULO, 2024

COORDENADORIA PEDAGÓGICA – COPED

Simone Aparecida Machado - *Coordenadora*

DIVISÃO DE CURRÍCULO – DC

Maria Cristina Rodrigues - *Diretora*

EQUIPE DIVISÃO DE CURRÍCULO

Adriana Zenezi
Aline Araujo Silva
André de Pina Moreira
Anna Luisa de Castro
Ariana Souza de Santana
Caio Marques Fernandes
Davi Silvestre Fernandes Martins
Deborah Barroso Sodr e
Eduardo Murakami da Silva
Edward Dapor Rodrigues
Elaine Correia de Oliveira
Eva Aparecida dos Santos
Fernando Sales Vitorino
Karla de Oliveira Queiroz
Kelly Aparecida Brandão Avelino
Luana Marganelli Esberard
Luciene Aparecida Grisolio Cioffi
Paloma Damiana Rosa Cruz
Priscila de Oliveira Vieira
Regina Célia Fortuna Broti Gavassa
Samir Ahmad dos Santos Mustapha
Solange Cristina Corregio

Estagiários

Alicia Menezes Santos
Ana Clara Anjos de Souza
Beatriz de Almeida Pagni
Gabriel Luiz Maschietto - *Revisão*
Victoria Brito Solidade

NÚCLEO DE LITERATURA

Academia Estudantil de Letras – AEL

Academia de Letras dos Professores – ALP

Kelly Aparecida Brandão Avelino
Samir Ahmad dos Santos Mustapha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.
Descobrir-se autor : histórias e canções. – São Paulo : SME / COPED, 2024.
160 p. ; 21 x 21 cm

Volume 8 resultante da 13  ed  o da Semana de Incentivo e Orientação ao
Estudo e à Leitura, instituída pela Lei Municipal n  14.999/09.
ISBN: 978-65-88021-59-0 (livro físico)
ISBN: 978-65-88021-57-6 (livro digital)

1. Literatura brasileira. 2. Escolas municipais. I. Título.

CDD 22. ed. B869

Código da Memória Documental: SME128/2024 - Atualização 1
Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede – CRB-8/5877



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido. A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em conformidade à Lei n  9.610/1998, reconhece a especial proteção aos direitos autorais, mediante autorização prévia e expressa do detentor da obra. No caso de eventuais desconformidades, reitera o compromisso de diligentemente corrigir inadequações.

Consulte material disponibilizado em educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br

Publicação disponível no Centro de Documentação da Educação Paulistana – educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/odep

CARO(A) LEITOR(A)

*CERTAS CANÇÕES QUE OUÇO
CABEM TÃO DENTRO DE MIM
QUE PERGUNTAR CARECE
COMO NÃO FUI EU QUE FIZ
CERTA EMOÇÃO ME ALCANÇA
CORTA-ME A ALMA SEM DOR
CERTAS CANÇÕES ME CHEGAM
COMO SE FOSSE O AMOR*

Certas Canções - Milton Nascimento e Tunai

Não há uma pessoa que não traga em suas memórias um afeto por alguma canção especial, que marcou a sua vida. As músicas inspiram, comovem, nos fazem refletir e, como podemos ver nesse livro, criar.

O oitavo volume do bem-sucedido **Descobrir-se Autor** trata da criação literária inspirada em canções. Os estudantes do projeto Academia Estudantil de Letras, participantes desta obra, tiveram um grande trabalho de pesquisa no qual ampliaram o repertório cultural e, assim, produziram histórias a partir de músicas de nosso cancioneiro.

A publicação é parte integrante das ações realizadas na 13ª Semana Municipal de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, criada pela Lei nº 14.999/09, de autoria do professor vereador Eliseu Gabriel. Desde 2016 tem sido uma publicação essencial para a visibilidade do trabalho de valorização da leitura e escrita existentes na Rede Municipal de São Paulo.

Parabéns, jovens autores!

Fernando Padula

Secretário Municipal de Educação de São Paulo



Acesse o QR Code ao
lado e conheça as
músicas que inspiraram
os textos desta coletânea.



SUMÁRIO

Diretoria Regional de Educação – DRE

Butantã	6
Campo Limpo	20
Capela do Socorro	32
Freguesia/Brasilândia	39
Guaianases	50
Ipiranga	70
Itaquera	83
Jaçanã/Tremembé	107
Penha	111
Pirituba/Jaraguá	123
Santo Amaro	133
São Mateus	138
São Miguel	146
Coordenação da AEL nas DREs.....	160

DRE BUTANTĂ

f



E



A

P

L



L



Sonho de menina

Referência: Chega de racismo! — Futparódias, paródia de Dona de mim

Maria teve uma filha chamada Laura. Ela cresceu com o sonho de ser jogadora de futebol, mas os meninos que moravam na mesma rua que ela sempre diziam que isso não era coisa de menina, muito menos para uma menina negra. Esse fato a deixou muito triste e irritada. “Onde já se viu: querer proibir meninas de jogarem futebol e ainda ter preconceito por ela ser negra” - pensava.

Aquilo ficou martelando na sua cabeça e passado um tempo: “racismo é sério e tem que acabar”. Então ela resolveu procurar uma escola de futebol feminino. Conversou com sua mãe, explicou sobre sua paixão pelo esporte e o sonho de ser jogadora. Maria a apoiou de imediato. Ela pesquisou e encontrou um clube de futebol profissional para meninas. Lá, falaram direto com o técnico.

Laura não havia contado o episódio do preconceito para a sua mãe e, quando o técnico fez a entrevista com a menina, ela se viu na obrigação de contar sua história. O técnico se revoltou pela forma como seus amigos a trataram e decidiu dar uma oportunidade no grupo. A mãe da futura jogadora, na hora, ficou enfurecida.

— Onde já se viu criança tratar o sonho de outra criança assim? Os pais não as ensinaram a ter respeito?

Mas Laura já estava tão feliz de ter ganhado uma chance de jogar, que disse para mãe:

— Pode deixar, mãe, eu vou mostrar para eles que lugar de menina é onde ela quiser, inclusive num campo de futebol!

E assim aconteceu: ela foi aceita no time, depois passou por uma peneira e entrou em outro clube também profissional, fez sua carreira, estudou na faculdade de Educação Física e hoje ela ensina outras meninas a serem jogadoras também. Sua mãe era puro orgulho. E os meninos? Bom, eles também aprenderam uma lição: que o racismo é definitivamente um trem de trouxa!

Autoria

AEL CECÍLIA MEIRELES | EMEF TEÓFILO BENEDITO OTONI

Gislaine Rosa dos Santos

Coordenação de estudos literários e teatrais

Izadora Vitória Cruz Fernandes, 10 anos

Patrícia Duarte da Silva, 10 anos

Sophia Lins Paes de Oliveira, 10 anos

O boiadeiro com sua boiada

Referência: O menino da porteira - Sérgio Reis

No sertão de Mato Grosso, existia um velho boiadeiro que gostava de tocar o seu berrante. Pela estrada de terra batida, levava a boiada para pastar. Toda vez que passava por uma determinada fazenda, sempre tinha um menino na porteira, esperando ela passar. É que ele gostava muito do som do berrante. Era como um ritual do entardecer: quando ouvia aquele som, seu coração disparava e corria para porteira, para abri-la e ver os bois entrarem sertão adentro.

Mas teve um dia que o menino não se aguentou de curiosidade e pediu para o boiadeiro que o ensinasse a tocar aquele instrumento tão singular e que hipnotizava não só o gado, como todos os seus sentidos. O dono do berrante não hesitou e mostrou com detalhes como fazia para o som ser tão imponente. E o menino aprendeu.

O tempo foi passando e a amizade entre eles foi crescendo. Tinha vezes que o boiadeiro até desviava o caminho só para encontrar seu parceiro pequenino. Foi então que, semanas depois, ao passar por aquelas bandas, não viu o garoto no seu lugar costumeiro e estranhou. Intrigado, perguntou pelo menino a um trabalhador da fazenda que, com tom triste respondeu:

— O menino sofreu um acidente grave.

— Tão grave? - quis saber o amigo de passagem e obteve a triste resposta que dias atrás o menino tinha sido atingido por um boi sem coração, teve fratura ex-

posta, perfurou o estômago e pior, ainda precisava de um transplante de rim!

O boiadeiro ficou devastado. Saiu a galope, sobre o seu cavalo, tentando entender a razão! Como pode um menino ser vítima do tal boi sem coração? Voltou para a fazenda, decidido a doar um de seus rins para seu amigo. A mãe do garoto não acreditou na grandeza do ato do boiadeiro. Os médicos fizeram todos os exames necessários e viram que havia possibilidade de dar certo o transplante. A cirurgia foi um sucesso! No corpo do menino tinha agora um pedacinho do boiadeiro.

Depois que o susto passou e as águas voltaram para seu curso, o amigo do menino da porteira que levava a boiada para as bandas do Mato Grosso tocou seu berrante, em alto e bom som, só que, dessa vez, com o menino na sua garupa. Boiadeiro, menino, berrante e boiada era uma coisa só, uma paisagem sonora que para sempre ficou gravada no coração do sertanejo.

Autoria

AEL CECÍLIA MEIRELES | EMEF TEÓFILO BENEDITO OTONI

Gislaine Rosa dos Santos

Coordenação de estudos literários e teatrais

Antônio Rodrigues Lima Carvalho, 10 anos

Eduardo Oliveira Fernandes, 11 anos

Maria Eduarda de Souza da Silva, 12 anos

Micael Araújo Silva dos Santos, 12 anos



Julieta

Referência: Julieta – Kamaitachi

Julieta sempre foi minha amiga, ela é uma garota linda e rebelde, mas, certinha também! Sua voz é tão doce, que quando ela “fala eu fico sem jeito, seu jeito já me deslocou, quando mostra um sorriso de canto, pro mundo além desse eu vou”. Nunca tive coragem de falar o que eu realmente sinto por ela, mas decidi que falaria.

Certo dia, Julieta veio ao meu encontro muito empolgada:

— Lana, Lana, eu tô tão feliz!

— O que aconteceu?

— Sabe a peça de teatro que eu comentei com você?

— A que você queria participar?

— Sim, eu fui escalada para o papel principal! Eu Julieta, serei a Julieta!

— Sério???

— Eu vou ser a primeira a chegar lá para te ver!

Assim como ela, que me faz dar atenção às cores, eu fiquei superfeliz.

Foram quatro longos meses de ensaio, em que acompanhei de perto todo o processo, repassamos suas falas, vimos seu figurino, maquiagem e tudo mais para a linda Julieta que ela seria.

E finalmente chegou o dia da apresentação da peça. Eu nervosa, já estava saindo de casa quando percebi que não tinha nenhum real para pagar passagem do ônibus. Tive que voltar correndo pra casa, peguei minha bicicleta e fui pedalando em direção à sua peça.

Quando cheguei, estava faltando apenas 3 minutos para começar a peça, eu estava ansiosa, e sabia que ela estava mais ainda. Mesmo quase chegando atrasada tinha um lugar bem lá na frente pra mim, sentei! Poderia vê-la bem de pertinho! A peça finalmente começou, quando ela entrou

no palco, tudo se iluminou e meu coração acelerou!

“Romeu e Julieta”, que peça! Eu estava encantada, minha Julieta se apresentou perfeitamente bem!

Quando as cortinas se fecharam e a peça chegou ao final, as palmas eram infinitas!

Eu a esperei, ainda sentada na primeira fileira, estava imóvel, não conseguia desviar meu olhar. Quando terminaram os cumprimentos eu ainda estava olhando-a fixamente! Reparei que ela cumprimentava as pessoas, mas não tirava seus lindos olhos de mim. Esperei ansiosamente a minha vez de cumprimentá-la, esse momento chegou, minhas mãos estavam frias, estava aparentemente nervosa, mas mesmo assim encontrei coragem e convidei-a para tomar um sorvete, seria o momento perfeito para falar o que eu sentia por ela —e ainda sinto —

— Uau Julieta, que linda peça!

— Ah, obrigada!

— Então... Eu queria aproveitar esse momento para falar uma coisa...

— Pode falar, Lana.

— Eu amo você! Meu coração acelera quando te vejo, meus olhos brilham quando ouço sua voz, você arrebenta a porta do meu coração com um machado.

— Como assim?

— Julieta... namora comigo?

— Tá zoando? SIMMM!

Desde esse dia, eu e Julieta estamos juntas e felizes! Hoje moramos juntas e temos dois gatos, ela continuou com as peças e eu sempre estou sentada na primeira fileira, assim como foi na primeira vez. Tenho orgulho dela, e sei que ela também.

Autoria

Lara Seixas de Pinho, 12 anos



Anota aí

Referência: Anota aí - MC Lipi/ Céu de pipa - MC Marks/
Sou Pretin, Cabelin Enroladin - MC Paulin da Capital/ Foi por pouco - MC Paulin da Capital

Sou negra, sou pobre, humilde e moro na comunidade. Já presenciei várias mortes, muitas brigas, tiroteio e pessoas indo para a vida errada. Meu sonho é ter tranquilidade na comunidade, queria dormir e acordar em paz.

Levanto bem cedo para ir à escola, sofro preconceito. Por onde passo, me julgam por ser preta e favelada; sempre andar desarrumada. Quando tento falar, me calam, mas não abaixo minha cabeça para ninguém. Nunca vou desistir.

Não é porque moro na comunidade que sou criminosa. Sigo meu sonho, vou sem tropeçar. Ouço os conselhos da minha mãe, sem ir para o mundo errado. Sou mulher, sou forte.

Sonhei que a favela estava linda, que todas as paredes tinham tinta. Criançada corria no meio da rua, o céu cheio de pipa e ninguém estava com a barriga vazia. E as donas Maria sorriam. Queria que fosse verdade, mas a realidade é diferente.

Acordei com mais uma cena de violência. Eu só quero ser feliz, nesse mundo infeliz.

Vou fazer meu nome sem fazer coisa errada, a minha história será escrita com fé e pé no chão. Serei o espelho da minha quebrada. Por isso eu escrevo, para que vocês ouçam a voz do povo sofrido da periferia.

Aqueles que falaram que eu não ia conseguir, que não realizaria o meu sonho, agora estão me elogiando. Eu não posso morrer até alcançar tudo que sempre quis. Serei a próxima Conceição Evaristo da quebrada. Conquistar o mundo com versos e palavras.

Autoria

Anderson Gomes da Silva, 10 anos
Cauan Santos Cardoso, 9 anos
Emanuelle V. C. Silva, 10 anos
Isabella Soares Ramos, 10 anos
Laura Firmino dos Santos, 11 anos
Lorena Ferraz de Andrade Lauriano, 10 anos
Luiza Soares Cavalcante, 9 anos
Manuela da Silva, 12 anos
Maria Helena Souza Nunes Brito, 10 anos
Maria Luíza Alves de Souza, 10 anos
Mariana de Souza Santana, 11 anos
Miguel Brito Reimberg, 10 anos
Miguel Camargo Gonçalves, 11 anos
Mirela Costa dos Santos, 11 anos
Nicolas Santos Cardoso, 9 anos
Paulo Guilherme da Silva Gonçalves, 10 anos
Pedro Henrique Carlos Calazans, 10 anos
Pietro Henrique Silva Sardi, 9 anos
Sophia Victorini de Souza, 10 anos
Stella Cruz Pereira, 10 anos
Thauanny da Silva Chagas, 10 anos
Vinicius Torres de Souza, 10 anos



O homem que não tinha nada

Referência: O homem que não tinha nada - Negra Li e Projota

Cedo, o homem que não tinha nada acordou e estava grato pelo café preto que sua esposa preparou. Cedo, foi para o trampo, o homem que não tinha nada despediu-se de sua esposa para encarar o dia. Mesmo com todos os seus problemas, não tinha fraqueza, mostrava-se sempre feliz. Levantava a cabeça e ajudava o próximo, mesmo que este o atrapalhasse de propósito. No trem, uma melodia rítmica invade seus ouvidos e nessa direção, via-se um jovem com seu violão. O homem que não tinha nada viu que sua estação estava chegando, então indo na direção da porta deu uns trocados ao jovem que estava cantando. Ao receber o dinheiro, o cantor agradece e o homem que não tinha nada segue seu caminho mais alegre.

Chegando ao trabalho, ele cumprimenta a todos e eles respondem indiferentes. Ignorando a atitude deles, ele segue para o vestiário, vestindo sem pressa seu uniforme muito usado. Ainda sorrindo pega seu esfregão e começa a limpar o chão. Ele estava terminando de limpar o hall, quando ouve o sinal tocar. Já era hora do almoço e todos começaram a sujar o chão de novo. O homem que não tinha nada viu a cena -espantado-, voltando a limpar o chão mesmo estando cansado. Próximo ao fim da tarde, o homem que não tinha nada pede ao seu chefe para voltar mais cedo, que notando sua preocupação acaba cedendo.

No caminho para casa, ele recebe uma ligação de alguém há muito não visto, era seu amigo de infância. Ele atende alegre e seu amigo diz para se encontrarem, para matar a saudade e entregar-lhe um presente. Aceitando o convite, marcam de se encontrar no meio do caminho de seu trabalho. Chegando em casa, cumprimenta sua esposa e filhos. Deixa sua mala no quarto e faz um esquema para

acender a luz, que volta a funcionar e todos vão jantar. Antes de comer, começam a rezar, agradecendo pela comida que Deus sempre lhes dá.

Mais uma vez - cedo -, o homem que não tinha nada acordou e estava grato pelo café preto que sua esposa preparou. E mais uma vez, cedo, foi para o trampo, o homem que não tinha nada. Mais uma vez, despediu-se de sua esposa para encarar o dia. No meio do caminho, ele tem uma intuição de que algo estava errado. Liga para a sua esposa, que atende. A conversa é breve e apenas palavras de afeto são trocadas, deixando sua esposa preocupada. Logo ele desliga e sente algo em suas costas. Um homem anuncia um assalto, pedindo tudo que ele tem. O homem que não tinha nada entrega seu celular, mas não satisfeito o assaltante pede sua mochila. Entregando assustado e tentando ir embora. “Eu não tenho mais nada, deixe-me ir” diz o homem. Entretanto, notando que não tem nada de valor na mala, o ladrão se enfurece e lhe dá uma facada.

O amigo que estava há muito tempo esperando o colega chegar, percebe que algo está errado e vai procurá-lo. Virando a esquina ele percebe que seu presente nunca será entregue. A notícia chega para a esposa, que desaba em lágrimas.

No dia seguinte, a esposa do homem que não tinha nada acorda cedo, como de costume e prepara o café, mas ele não estava lá.

Seu chefe cumprimenta todos, como de costume, mas ele não estava lá.

Seu amigo mantém o presente consigo, mas ele não estava lá.

No fim do dia, sua família reza como sempre, mas ele não estava lá.

Autoria

AEL DANIEL CARVALHO | EMEF IBRAHIM NOBRE

Edna M. A. A. Cerqueira, Juliene Codognotto

Coordenação de estudos literários e teatrais

Alice Gonzalez dos Santos, 18 anos

Pamela Vitoria de Nova, 19 anos

Sthephany Oliveira Rodrigues de Souza, 18 anos

Violeta Aires Monteiro, 17 anos



Da ponte pra cá

Referência: Da ponte pra cá - Racionais MC's

Eu estava empinando pipa na ponte que leva até a favela quando avistei dois clones, ou melhor, duas idênticas e belas garotas. Logo depois, um homem de cabelos grisalhos e de aproximadamente um metro e oitenta, vestindo um terno caríssimo e com expressão rabugenta, surgiu atrás de ambas. No mesmo instante, eu me questioneei: o que faziam essas pessoas de aparência tão refinada na minha quebrada?

Ouvi choros e vi uma nuvem de poeira vindos da mesma direção. Resolvi largar a pipa e me aproximar do local. A cada passo, sentia minha rinite alérgica atacar e meus ouvidos zunirem, até que se descortinou, à minha frente, uma enorme máquina de demolição.

Então, confuso, fui à procura de uma resposta quando avistei, em meio à fumaça, dona Maria. Seus olhos se assemelhavam a um mar de tristeza. Com ar curioso, me aproximei e perguntei o motivo de seu choro:

Anos de trabalho e luta sendo destruídos em um piscar de olhos!

— Então ouvi outra conversa um tanto próxima:

— Vai ficar lindo o novo banco aqui nessa favelinha, concorda?

— Você não tem emoções, Alice? Nosso pai demoliu o negócio de uma mãe que alimenta seus filhos sozinha.

Olhei sobre os meus ombros e me deparei com aquele mesmo rosto duplicado. Eram elas: as clones da ponte.

O pai de ambas, então, interveio:

— Ana Lídia, pare de ser boba, esse banco é para ajudar os fave... digo, os pobres a terem acesso a dinheiro. Porém, para que isso aconteça, eles precisam abandonar alguns de seus apegos, como, por exemplo, o mercadinho.

Ana Lídia, não convencida, rebateu:

— Você acha que eu sou idiota? Você esqueceu de citar alguns detalhes do que isso realmente significa, como: destruir o mercado ilegalmente, manipular a comunidade e a minha própria irmã, Alice. E isso tudo pensando apenas no seu bolso!

Alice intrometeu-se entre eles:

— COMO ASSIM O PAI ESTÁ ME MANIPULANDO?

O celular do pai das garotas começou a tocar e ele se afastou do local. Elas, no entanto, continuaram discutindo. Aproveitando a situação, me aproximei de Ana, interrompendo a discussão. Meus olhos brilharam perto dela. Então propus:

— Ana Lin... Ana Lídia, nós precisamos impedir que as obras sejam finalizadas. Por sorte, já tenho um plano para que isso não aconteça. É o seguinte: nós começaremos a espalhar a notícia de que seu pai destruiu o mercadinho do terreno ilegalmente e, de-



pois que ele for desmascarado, pediremos a ele para reconstruir o estabelecimento.

Ana Lídia achou o plano ótimo, mas houve um “porém”:

— No entanto, se a notícia se proliferar demais, meu pai será preso porque destruiu um mercado ilegalmente, e nós dois queremos apenas que ele reconstrua o que destruiu.

Eu complementei:

— Ana Lídia, só temos duas opções: deixar as obras serem finalizadas ou espalhar a notícia para que seu pai pague pelo que fez.

Ela tristemente disse:

— Mas ele é meu pai... Ah! Quer saber? Vamos propagar a notícia. Ele não se importa comigo mesmo.

Eu então questionei se ela estava com seu celular. Ana Lídia lembrou que tinha ficado de castigo sem o celular. Quase desistindo do plano, escutei um barulho atrás de mim. Fui vasculhar e vi que Alice estava ali o tempo todo bisbilhotando a minha conversa com sua irmã. Por sorte, ela estava com o celular, mas eu questionei o porquê de ela estar ali, e ela respondeu:

— Eu comecei a refletir sobre o que estava fazendo depois que minha irmã disse que eu estava sendo manipulada e, finalmente, percebi que ela estava certa. Mas não pensem, vocês, que vou me tornar uma favelada.

Juntos, espalhamos a notícia e o pai das gêmeas foi preso em menos de um mês. Comemorei junto a ela e, finalmente, oficializei meu namoro com Ana Lídia.

Autoria

Ana Luiza Souza Alves, 14 anos
 Elizangela da Silva Guimarães, 12 anos
 Felipe Ryan de Souza Montalvão, 12 anos
 Isabella Castano Mejia, 12 anos
 Isabelly Souza Aureliano, 12 anos
 Jefferson Matheus dos Santos Felipe, 14 anos
 João Paulo Evangelista Garcia, 14 anos
 Laryssa Fernandes dos Santos, 14 anos
 Laysa Victoria de Souza Paulino, 12 anos
 Lucas Ruan de Carvalho Lopes Cerqueira, 12 anos
 Manuela Felix dos Santos, 14 anos
 Miguel Souza Pereira, 14 anos
 Willian Rogério dos Santos Felipe, 15 anos



Construção

Referência: Construção – Chico Buarque

Sábado de manhã. Eu estava indo encontrar minha mulher no Parque do Ibirapuera. A Avenida Pedro Álvares Cabral estava parada, cheia de carros e motos. Fiquei estressado, pois não consegui atravessar para o outro lado. “São Paulo é uma catástrofe”, pensei. Os carros começaram a buzinar sem parar e os xingamentos dos motoristas ecoaram. Fiquei confuso tentando entender o que estava ocorrendo, mas não conseguia ver além da poluição dos escapamentos.

Meia hora parado no mesmo lugar. Ouço sirenes de ambulância se aproximando e minha curiosidade aumenta. A polícia finalmente resolveu aparecer para liberar o fluxo de veículos. Quando passei ao lado de uma construção, vi a origem do transtorno: um corpo. O que teria acontecido?

Beijou sua mulher como se fosse a única. Como sempre, o homem passou no boteco da esquina para comprar sua bebida do almoço. Uma dose de álcool na pausa do trabalho de pedreiro ou de máquina. Enquanto subia as paredes, lembrava dos sonhos que tinha ao chegar nesta selva de pedra. Saiu de Lauro de Freitas, na Bahia, aos dezessete anos para conquistar uma vida melhor e ajudar a sua família, porém quando chegou à São Paulo percebeu que não era igual ao que falavam: o aluguel era muito caro, a comida ainda mais, o salário não era suficiente e os padrões exploravam os trabalhadores.

Sua mulher o conheceu em uma festa, era amiga de um amigo, os dois não se apaixonaram à primeira vista, mas se casaram quando ela engravidou do primogênito. Ela também tinha sonhos... ter uma família feliz, conhecer os Estados Unidos e ser escritora, mas engravidou muito cedo e teve que fazer uma pausa em seus ideais.

O filho mais velho do casal cresceu e muitas vezes via os dois brigando porque seu pai tinha bebido demais. Às vezes, odiava a bebida e, outras vezes, ficava curioso a respeito de seu efeito. Tinha o sonho de ser rapper para falar das injustiças da vida e escrevia bons poemas nas aulas de português. A filha do meio defendia, como podia, a mãe e o irmãozinho das agressões do pai (a física e a psicológica de quando o via no bar, com outras mulheres). Seu sonho era ir para longe daquela casa e ser uma mulher de negócios.

Naquele dia, o homem se dirigiu à construção na qual trabalhava, se sentindo um príncipe depois do pagamento da semana. De cima do prédio de paredes sólidas, o mundo parecia flácido: o céu mais nublado do que o normal se confundia ao cimento da mesma cor. Às 11 horas, ele parou para almoçar e, ali mesmo, entre as vigas, o arroz com feijão da esposa lhe pareceu um banquete. Ainda que muitas vezes ele não visse lógica no esforço necessário para comer o pão de cada dia, o álcool era a mágica que o ajudava a passar pela vida. Dali de cima, ele podia sonhar com o que quisesse, sonhar até em ser um pássaro.

Uma buzina me fez acordar das minhas suposições e acelerei o carro em direção a um dos portões do parque, afinal, era sábado de manhã.

Autoria

Analicy Viviane Silva Santos, 13 anos
 Esther da Silva Ribeiro, 13 anos
 João Victor Dias Costa, 13 anos
 Laura Beatriz da Silva, 13 anos
 Laura Silva Prazeres, 13 anos
 Maria Luíza Silva, 13 anos
 Sophia Pereira da Silva, 12 anos
 Thaynara Louise Aparecida Souza Cardim, 12 anos
 Yasmin Oliveira Chiu, 12 anos



No mundo da imaginação

Referência: Aquarela – Toquinho

Era uma vez, cinco crianças que, num dia normal de aula, estavam indo para a escola de carro, mas quando chegaram à escola, perceberam que o lugar estava diferente, parecendo um novo mundo, até tinha um duende na porta. Curiosas, as crianças entraram atrás do duende que correu para um quartinho proibido da escola, onde encontraram uma porta no chão.

Sem saber o que fazer, seguiram o duende pela estranha porta do chão. O caminho era brilhante. Ouvindo vozes, seguiram o som e uma luz até que encontraram três cavalos com o duende que as ajudou a montar de duas em duas e cavalgaram felizes pela trilha de granulados coloridos.

Mas, para surpresa das crianças, o cavalo era mágico, ouvia o pensamento delas, que sonhavam em ir ao mundo da imaginação. Ele disparou rápido, levando-as para realizar seus sonhos. Quando lá chegaram, procuraram os pais e não acharam. Ao invés disso, encontraram quatro gnomos e uma fadinha que estavam sendo vendidos por uma bruxa do mal. Preocupados, se esconderam até a bruxa sair, correram e conseguiram soltar os novos amigos.

Cansados daquele mundo e querendo achar os pais, as crianças se perderam dos duendes e da fadinha. Até que apareceu uma bruxa do bem:

— Crianças, venham comer alguma coisa, vocês devem estar cansadas. Sei que estão cansadas de procurar seus pais.

— Você não é igual a outra bruxa. Parece mais boazinha.

— É que a minha irmã decidiu ir para o lado do mal, por isso temos dois castelos, um do mal e outro do bem.

Enquanto a nova amiga falava, tocou um alarme, os céus se fecharam e a bruxa do mal apareceu acompanhada do seu monstro-cachorro de estimação. A malvada falou com uma voz maléfica:

— Minha irmã, cadê aqueles pestinhas? Já falei que não é para ficar perto de crianças. Estou procurando-as para fazer feitiços, esqueceu que sou uma bruxa má?

Com medo, as crianças se abraçaram e foram puxadas por um portal que se abriu e as levou de volta à escola. Olharam ao redor e estavam na sala multiuso, onde faziam desenhos de castelos coloridos, mas ao fechar os olhos para pensar um pouco, acabaram dormindo.

Ao fundo tocava a música Aquarela, que a professora Lusinete deixou tocando para inspirar os desenhos e pinturas. As crianças perceberam que foi a música que as levou ao mundo dos sonhos.

Autoria

Gustavo Rodrigues Narumia dos Anjos, 7 anos

Luísa Luchiari Rodante, 7 anos

Sabrina Souza de Oliveira, 7 anos

Emanuella Landucci Pegorari, 7 anos

Vitor Kentaro Mio Souza Rodrigues, 7 anos

Benício Nogueira de Moura, 7 anos



Era uma vez uma infância

Referência: Era uma vez – Kell Smith

Era uma vez, em uma época em que a maldade do mundo estava solta, o que me deixava muito mal, eu saí caminhando sem rumo até que cheguei numa praça. Essa praça era diferente, com chão de barro e uma árvore com balanço feito com uma corda e um pneu, igual antigamente.

Eu vi duas crianças andando de bicicleta, o que me lembrou de minha infância e foi como se a maldade do mundo tivesse sumido. Naquele momento, senti como se fizesse uma viagem no tempo, senti que voltei trinta anos atrás e tinha seis anos novamente. Estava na bicicleta do meu amigo.

Naquele dia, como sempre fazia, ele gritou lá do portão:

— Ô de casa!!!!

— Peraí, Rodrigo!!!! — gritei no mesmo volume, a gente sempre gritava um para o outro, minha mãe brigava e eu saía correndo, o que fiz naquele dia.

Mas nesse dia, foi especial. Eu senti uma alegria no coração quando vi o Rodrigo com uma bicicleta com rodinhas no meu portão, saí correndo sem pensar. Meu melhor amigo me deixou ir até a praça na bicicleta dele enquanto ele corria atrás de mim dando risada. Como a praça era pertinho da minha casa, chegamos em dois minutos.

Ansiosa, mas com um fiozinho de medo, não vi uma pedrinha, e como a rodinha também não tinha

sido apertada direito, de repente caí e ralei o joelho todo, até sangrou. Rodrigo correu rápido para me ajudar, me pegou nos braços e levou até a minha casa.

Chorei muito naquele dia pelo joelho ralado, mas tudo isso passou e hoje, vendo essas crianças me emocioniei bastante porque um joelho ralado dói bem menos que um coração partido.

Autoria

Alycia Binhardi da Silva, 9 anos
Gustavo Araújo França, 9 anos
Kalu Nascimento de Jesus, 9 anos
Marina Roberta Guerino, 9 anos
Nicolas Biaggio Tedesco, 9 anos
Olivia Nanami Watanabe, 9 anos
Olivia Santos Zenari, 9 anos
Rebeca dos Santos Alves, 9 anos
Renato Biaggio Tedesco, 9 anos



Fim e começo de uma obsessão

Referência: Mina do condomínio – Seu Jorge

Hoje, mais uma vez, estava eu indo entregar as flores e cartas diárias no apartamento da minha vizinha. Nunca ousei entrar ou espiar, mas sabia muito bem o cheiro doce que fugia pela porta.

Ela era pintora, mas não cheirava a tinta, sua pele morena e quente, como um pãozinho que acabara de sair do forno, seus olhos claros e redondos e seu cabelo - a melhor parte para mim-, ondulado e sedoso, ou melhor... perfeito.

Coloquei meu terno mais uma vez e peguei os presentes e voei até a porta, esperando poder vê-la, ao invés de simplesmente deixar tudo e ir trabalhar.

Abri minha porta amarelada pelo tempo - muito animado- com um sorriso de orelha a orelha, mas isso durou pouco... Vi a menina que namorei a distância, por tantos meses, com outro cara, eu sabia quem ele era, ele aparecia toda semana aqui, era personal trainer. Pensei que ela só estava tendo aulas particulares. Nunca me senti mais destruído, meu coração se quebrou em mil pedaços. Voltei correndo e me tranquei no quarto.

Passei vários e vários dias trancado lá, parecia um chiqueiro, garrafas jogadas por todo lado, embalagens de doces e comida congelada pelo chão, cama desarrumada, isso sem falar do meu visual de morto, largado, parecendo um bêbado pós-ressaca.

De repente, algo tentava me obrigar a levantar, a campainha tocando desesperadamente, tentei ignorar nas primeiras cinco vezes. Ignorei. Mas começou a ficar insistente. Levantei-me , relutante, rastejei até a porta. Quando abri, vi minha vizinha do andar de cima com um buquê de flores e minhas correspondências. Senti um choque de realidade.

Durante todo esse tempo, ela gostava de mim do mesmo jeito que eu gostava da minha antiga obsessão?

Autoria

Analy Pedroso Mendes, 13 anos

Akira Silva Yoshida, 15 anos

Jéssica Amorim Lima Cepas, 15 anos

Larissa Miho Satomi Ogushi, 15 anos

Sophia Diogo Gueiros Dias, 14 anos



Mamãe natureza

Referência: Mamãe natureza – Rita Lee

Era uma vez sete montanhas habitadas por sete tipos de animais que lutaram em uma guerra que durou dois anos e meio. Perto desse local, vivia uma família pacífica com dois filhos aventureiros. Quando a guerra acalmou, os irmãos decidiram explorar a região. Optaram por um atalho que durava apenas alguns minutos e chegaram rapidamente. Gabriela cuidava de coelhos feridos, enquanto Lucas explorava e ajudava sua irmã.

Lucas encontrou um leão quase morto e começou a provocá-lo, apesar dos avisos de Gabriela sobre o perigo. O leão, irritado, ameaçou-os e os dois se esconderam atrás de uma moita. Gabriela, ao voltar, viu que a gaiola dos coelhos estava aberta e os animais estavam fugindo. Chamou Lucas para ajudar a capturar os coelhos, mas ele continuou a provocar o leão. Finalmente, conseguiu derrotar o leão, embora tenha se ferido. Gabriela o curou e tentou recolher os coelhos o mais rápido possível.

Nesse momento, a Mãe Natureza apareceu e anunciou que eles teriam que restaurar a paz no local para ganhar uma recompensa. Eles aceitaram a missão e foram procurar um lugar para passar a noite. Encontraram um local perfeito, mas tiveram uma discussão. Mãe Natureza retornou e, usando magia, montou um acampamento com tudo que precisavam. Agradecidos,

os dois passaram a noite, enfrentando alguns momentos constrangedores ao tomar banho, mas conseguiram se acomodar.

Na manhã seguinte, a Mãe Natureza acordou-os e eles partiram para a segunda montanha. Encontraram muitos animais feridos. Gabriela conseguiu resgatar todos, voltando ao acampamento para deixá-los com a Mãe Natureza. Ao encontrarem uma área seca e escura, Gabriela decidiu explorar depois, mas Lucas, curioso, entrou no bioma seco. Gabriela tentou impedir, mas Lucas não ouviu e ela o seguiu para protegê-lo.

Lucas ouviu um barulho estranho e começou a correr, desaparecendo de vista. Gabriela encontrou uma elfa cega chamada Priscila, que estava procurando sua bengala. Gabriela a ajudou e explicou a situação. Priscila concordou em ajudar e revelou que seu colar a transformava em diferentes seres com palavras mágicas.

Gabriela e Priscila procuraram Lucas e, ao encontrá-lo, viram que ele estava sendo perseguido por um tigre esquelético. Os três se esconderam do tigre, e Gabriela perguntou o que havia acontecido. Lucas, assustado, explicou que o tigre começou a persegui-lo sem motivo aparente. Priscila, preocupada, perguntou o que fariam agora, e Lucas, confuso, não sabia a resposta.

Autoria



Desejos de neve ou outros sonhos

Referência: Outros sonhos – Chico Buarque

Na aldeia de Wendlyn, onde o inverno era eterno e a neve cobria cada centímetro de terra, havia uma lenda sobre os flocos de neve. Dizia-se se que cada floco que caía do céu era único e especial, carregando consigo um desejo secreto de quem o visse cair. Os habitantes acreditavam que, se capturassem um floco antes que ele tocasse o chão, seu desejo se realizaria.

Todos os anos, durante o Festival do Solstício de Inverno, os jovens da aldeia se reuniam para tentar pegar o maior número de flocos de neve, na esperança de ver seus sonhos mais profundos se tornarem realidade.

Entre os participantes do Festival estava Elly, uma jovem curiosa e determinada. Ela tinha um desejo especial: encontrar coragem para explorar o mundo além dos limites de Wendlyn. Enquanto perseguia os flocos de neve dançando no ar gelado, Elly avistou um floco que parecia brilhar mais que todos os outros. Com um salto, ela conseguiu pegá-lo. Um sentimento profundo de confiança se espalhou por todo o seu corpo, dando-lhe coragem para seguir seus sonhos.

Na manhã do festival, os habitantes de Wendlyn notaram algo diferente em Elly. Seus olhos brilhavam numa determinação renovada e ela estava pronta para partir em sua jornada além da aldeia. Com um sorriso, ela agradeceu aos flocos de neve por terem lhe concedido o poder que ela sempre teve dentro de si mesma: a coragem de explorar o desconhecido e descobrir o que havia além das montanhas geladas de Wendlyn.

Autoria

Isabella Campos Araújo de Mendonça (Ella A.), 14 anos

DRE CAMPO LIMPO

f



E



A

P

L



L



Quando digo não, é não!

Referência: Não é não – Lila & Leo Justi

A violência que cala, que fere e que sufoca,
Nas paredes de casa, um grito que ecoa.
O medo como sombra, a dor como companhia,
Na pele marcada, a alma em agonia.

Lágrimas escondidas, sorrisos forçados,
O silêncio pesado, os sonhos sufocados.
A casa que era lar, tornou-se uma prisão,
Onde o amor se perdeu na escuridão.

Mas já me cansei.
Não aguento ouvir mais "não".
Agora quem diz não sou eu.
Por isso canto
Essa canção:
"Eu preciso te explicar,
Não quero mais me enfraquecer.
Chega de te agradar.
Sem me importar com meu querer,
sinto que você precisa
aprender a respeitar.
O meu corpo, a minha lei
E você tem que escutar...
Quando eu digo não, é não!"

E com força no meu clamor,
A coragem que desperta num grito de amor.
Não estás sozinha, há quem possa ajudar,
A mão estendida para te libertar.

Quebrar as correntes,
encontrar a saída,
Reencontrar a paz e uma nova vida.
Que o grito se transforme em voz de superação,
E a liberdade seja a nova canção.

Autoria

Rafaela de Jesus Botelho Silva, 11 anos



Hoje eu me peguei...

Referência: Retratos e canções – Sandra Sá

Lembrando da vida que tinha na infância, das pessoas que não estão mais aqui e, incrivelmente...

Pensando em você, nas vezes que me deu colo, carinho! Humm... E aquele macarrão...

Quero não lembrar... Que esse tempo já se foi, e você não está mais aqui, sorrindo e me ensinando, cuidando de mim. Quanta saudade será que cabe nestas linhas?

E às vezes sem querer, me apanho falando em você. De como a sua força e a sua singularidade me inspiraram a ser quem eu sou. Do jeito que a sua coragem de enfrentar desafios foram essenciais para me guiar durante a fase adulta. E as lembranças de nós duas ao longo dos dias frios me remetem ao gosto da sua sopa, de seu pão molhado no café!

Um filme de amor, que nunca chega ao fim, pois mesmo você morando com as estrelas, se faz presente todos os dias.

Dói no coração, às vezes que eu me lembro... Dos passeios: Santo Amaro, para depois comer uma torta na padaria, de escolher inúmeras pulseiras e você comprar, das maquiagens, que eu me borrava toda, itens de cozinha para nossas brincadeiras.

Te amo e não quero te amar... Pois após sua partida, esse vazio nunca mais se completou! O gosto do café nunca mais foi o mesmo. As idas a Santo Amaro não tinham mais o mesmo sentido.

Quero não lembrar que podia ter amado mais, ter passado mais tempo ao seu lado...

E às vezes sem querer, me apanho falando em você... Dos seus causos do interior, dos contos de assombração, das lutas e sofrimentos...

Lembranças de nós duas, sentadas conversando sobre a vida, brincando de casinha, aprendendo e ensinando as letras, embora você partiu sem ter aprendido a ler.

Retratos e canções... Tantas lembranças ficaram presentes em fotos e músicas que cantávamos... Estão eternizados em minha memória os pequenos grandes momentos, que tive a honra de passar com você.

Um filme de amor, que nunca chega ao fim, pois você vive dentro de mim, nas minhas ações e indagações.

Quem sabe se você ainda pensa em mim! Nunca iremos saber o que acontece do outro lado, além desta Terra, mas pode ser que, aí de cima, você pense em mim, com a mesma nostalgia que penso, que amo, que vivo e que imito você!

Te amo e nem sei o quanto eu amo você.... Vó!!!

Autoria

Adriana Rosa Cristo, 13 anos



Meu cabelo crespo é lindo

Referência: Meu mantra – Bruna Black

Bruna era uma menina negra de cabelo crespo. Morava com sua avó, a quem amava muito e com quem dividia tudo o que acontecia com ela. Numa tarde, estava caindo uma tempestade e entre os trovões se ouvia o barulho de um miado desesperado. Era uma gatinha, e elas resolveram acolhê-la, passaram a chamá-la de Tempestade. Nos fins de tarde, Bruna, Tempestade e a avó sempre liam histórias juntas.

Na escola, Bruna era comunicativa e adorava compartilhar os momentos com as outras crianças. Tudo começou a mudar quando, no recreio, um grupo começou a zombar do cabelo de Bruna, dizendo que era “ruim”, desde então ela se sentia mal e ficou mais reservada, sem vontade de conversar com outras pessoas, nem mesmo com sua tão amada avó.

— Está tudo bem? - perguntou a avó.

— Sim! - respondeu meio cabisbaixa e seguiu para o quarto. A gata percebendo que ela estava deprimida a seguiu.

Lá se sentaram na cama, quando a menina começou a desabafar com a gatinha: “Não aguento mais aquela escola, hoje um grupo de crianças zombou do meu cabelo”. A avó, preocupada, escutou a neta pela porta entreaberta e resolveu fazer algo para deixá-la mais alegre.

Naquela tarde, fez o bolo preferido de Bruna e, ao invés de trazer um livro para a leitura, trouxe um álbum de fotografias das mulheres ancestrais da família. Contou que muitas enfrentaram racismo e explicou que o que aconteceu na escola foi racismo e bullying e que isso também já havia conhecido com ela. Conversaram sobre a autoaceitação e como o cabelo crespo delas e de suas ancestrais é lindo.

Bruna passou a amar seu cabelo a partir deste dia e começou a usar um penteado Black Power, valorizando ainda mais sua identidade. Depois, na escola, a avó de Bruna foi convidada a palestrar sobre ancestralidade, práticas não racistas e bullying. Desde então, muitas crianças passaram a usar diversos penteados em seus cabelos e se sentiram bem com eles e com toda a diversidade presente na escola.

Autoria

Aila Lima dos Santos, 12 anos

Alex Ramon Rodrigues da Silva, 11 anos

Wallace Gilmar Silva Santos, 11 anos

Lara Beatriz Nascimento Leal, 11 anos

Mariana Siqueira da Silva, 13 anos

Milena Oliveira Santana, 14 anos

Enzo Lucca da Costa Santos, 11 anos

Maryana Alves do Nascimento, 12 anos

Kleber Rodrigo Costa de Macedo, 12 anos



Valsinha

Referência: Valsinha – Chico Buarque

Eu nunca fui do tipo de contar minha vida pessoal no trabalho, mas havia um amigo que eu sempre contava tudo sobre garotos, já que todos os garotos me lembravam ele.

Às vezes, olho para os lados, para cima e para baixo, até tento me distrair para esconder esse sentimento - já que ele nunca gostaria de mim - mas tudo me faz lembrar dele.

Uma vez, esse amigo chegou ao trabalho tão diferente do jeito que sempre chegava. Chegou me perguntando sobre garotos e me olhou de um jeito muito, mas muito quente, diferente do jeito que costumava olhar. Até que, de repente, o que eu mais esperava aconteceu: ele me chamou para dançar uma valsa, sexta à noite.

No dia, vi tantas flores e sabores, mas apenas me encantei pela flor que eu estava a dançar. Ele me tratou como uma maré, que absorvia o sal igual às coisas que eu falava. Ele me olhava com aqueles olhos...Ah! Aqueles olhos...Eu não conseguia encará-lo, mas, quando ele se distraía, eu via todas aquelas luzes refletindo em seu corpo. Meu corpo tremia de tanto amor que eu estava sentindo. Até que, então, ousou me puxar em seu abraço, confortou-me e sua felicidade e amor me dominou.

Autoria

Grazielly da Silva Ferreira, 14 anos



Meus sentimentos nesse momento

Referência: Você consegue sim – Jessé Aguiar

Quase todos os dias, entro em um “quarto escuro”, pensando que a experiência será cheia de alegria, mas, então, lembro-me: “Ah, estou em minha mente”.

Memórias... Presas por mim mesmo em um lugar que só eu acesso. Alegria... descartada há muito tempo, em um lugar que ninguém imagina, um lago de lágrimas. Sonhos voaram como uma pena de pombo nas ruas movimentadas de São Paulo, voaram para longe, no poço do esquecimento... Então, a partir de um chamado, volto para minha triste e mascarada realidade.

Eu durmo acreditando no melhor e acordo vivendo a tristeza. Para conquistar a minha felicidade, eu caminho com tanto esforço, tantos dias sem cair no chão.

Eu só desejo ser encorajado, algo como: você consegue sim! Você é forte e corajoso, ainda não é o fim!

Isso me ajudaria a viver essa vida... Essa vida que eu vivo, sem escolhas, sem ninguém, sem vida, só uma rotina falsamente cumprida. Descarrego minha mente em uma folha de papel e me vêm as lágrimas nesse texto cruel. Aqui descarrego meus sentimentos, esperando que não me julguem ou me condenem. Desculpe-me! Desculpe-me, mesmo! Sei que me mascarei e já aviso, vou continuar... Esse sorriso? Eu que construí! Não é fruto da alegria, mas, sim, do sentimento de precisar ser bom!

O que me consola, no momento, são duas coisas: papel e caneta. Enquanto escrevo este texto, sinto-me leve. É como se o papel demonstrasse mais afeto por mim do que eu mesmo.

No final, eu me amo! Amo-me, mesmo? Sim, amo-me. Mas acabo depositando todo meu amor em pessoas que não se importam. Sei que não dá mais! Cansei de explicar a minha situação para quem não consegue ler o meu coração, por isso expressei-me nesse texto, para mostrar a você, leitor, que, assim como eu, você também precisa se amar para não se tornar um triste ser humano como eu, precisa descansar. E se isso não for suficiente, você precisa escrever!

Autoria

Gabriel Zawadski da Silva Santos, 14 anos



A despedida

Referência: Deixe-me ir – Poesia Acústica

Se não for pedir muito, te peço, deixe-me ir. Você já ficou tempo demais me bloqueando, me segurando, me aprisionando na minha própria bolha, no meu próprio medo - na verdade, você era meu medo.

Confesso, você me assustava, mas reuni coragem, lidei com você, te enfrentei. E hoje, digo que, para mim, você é só uma consequência, um acaso.

Um dia, eu te encontro nessas suas voltas, por essas brechas que a vida nos dá para nos reencontrarmos. Talvez eu ainda passe noites em claro, tentando não me envolver, tentando não sentir demais.

Viver, eu quero viver. Ensinar, aprender, batalhar, sonhar, rir e chorar, mas é certo que nessa trajetória, eu sigo com ou sem você e não espero que você entenda.

Neste mundo, você ronda e assombra muitas pessoas e não permito que você continue fazendo o mesmo comigo. É nesta carta, nesta despedida que te escrevo e digo: solidão, apenas deixe-me ir.

Autoria

Julia Santos Teixeira, 14 anos



Um mundo ideal

Referência: Um mundo ideal – Aladim

Ler um livro é como ouvir a música
É mostrar o seu mundo ideal
E o quão belo é aos seus olhos.

É ter o privilégio da imaginação
Em um tapete voar
Em um barco comandar,
Em um castelo reinar,
E poder imaginar.

É um mundo ideal
Com os nossos rumos a seguir
É tão prazeroso viver aqui
Que nunca mais quero sair.

Autoria

Théo Wellington Silva Santos, 12 anos



Cálice

Referência: Cálice – Chico Buarque

Essa história se passa na era medieval, onde tudo que fazíamos era pecado ou fora da lei. Nesse tempo, mulheres não podiam ler, escrever, tinham que se casar ainda muito jovem...e eu odiava tudo aquilo.

Meu nome é Amélia, nasci e vivi na Espanha, me casei aos 15 anos e hoje vivo uma vida infeliz com 29 anos, a única coisa boa é meu filho de 5 anos.

Estou em casa e olho para a janela, o barulho de chuva e o clima úmido enchem o ambiente, estou há tanto tempo escondendo esse cálice dentro de mim, queria saber ler, escrever e...

— Amélia! - André - meu marido - interrompeu meus pensamentos. Viro para encará-lo.

Ele olhava para mim com suas sobrancelhas grossas franzidas. Deus! Como queria me separar desse homem folgado, o ego dele era tão gordo que não passava nem porta.

— Faça algo útil e vá pegar comida na feira - ele diz, enquanto me dava a autorização para sair. Aquilo me dava uma angústia, queria ter os mesmos direitos que os dele, mas apenas aceno com a cabeça e saio de casa.

Esse era um dos únicos momentos que podia sair de casa, até que era bom, tirando o fato que preciso da autorização do meu marido pra isso. Ah! Como é difícil acordar calada e deitar na calada da noite, eu me dano. Quero lançar um grito desumano. Que é uma maneira de ser ouvida. Esse silêncio todo me atordoia. Atordoada eu permaneço atenta...Na arquibancada pra qualquer momento. Ver emergir o monstro da lagoa...

Mais um som distraíndo meus pensamentos, caramba, não tenho direito nem para pensar agora?! É isso mesmo?!

Olhei para onde estava vindo o som, era apenas mais uma “bruxa” sendo queimada pela igreja, uma multidão estava em volta, sempre quis tomar uma atitude sobre isso, mas não posso, seria queimada junto e ainda tenho que ter mais um filho, se eu não tiver serei julgada por todos.

Apenas passei reto em direção à feira, entrego minha autorização para o vendedor e compro alguns legumes.

Estava tudo indo bem, até que uma melodia que vinha do lado escuro de uma floresta perto de minha casa me chamou à atenção. Tento evitar minha vontade de entrar naquela floresta e procurar a fonte do som, mas não aguentei. Em um piscar de olhos já estava no meio do caminho.

Finalmente cheguei na fonte do som, era uma mulher linda que estava cantando. Não é de bom modo ficar encarando, mas caramba! É a mulher mais linda que vi em toda minha vida.

Cabelos cacheados loiros, os olhos dela tinham cor de mel, assim que ela me avista, em um piscar de olhos...ela...

Some!?!

De repente, sinto alguém caindo em cima de mim. Era ela, a bela moça. Ela surpreendente tinha ótimas habilidades de luta, caramba.

— Quem é você? - ela diz firmemente.

Isso me fez ficar assustada, rapidamente tento me levantar e digo desesperada:

— Me deixe ir!!



— Para quê?! Para você contar para os meus pais ou meu marido que estou aqui?!

— Eu...eu juro que não vou fazer isso....

Ela me solta, depois de horas de conversa, descubro um pouco mais sobre a história da bela moça misteriosa, ela fugiu do casamento quando tinha treze anos e se abrigou com uma senhora que morava nessa floresta, porém a boa senhora foi descoberta e morta por pensarem que ela é uma bruxa. Por sorte, a moça já sabia se cuidar sozinha. Ela me contou que se chamava Ágata, ela sabia ler, escrever, cantar e fazia muitos remédios caseiros. Eu aprendi tudo, mas me sentia culpada por aprender aquilo, então escondida sempre rezava por perdão, depois das aulas que tinha com ela

— Pai (pai)

Afasta de mim esse cálice (pai)

Afasta de mim esse cálice (pai)

Afasta de mim esse cálice

De vinho tinto de sangue

Até que uma coisa horrível aconteceu...fui descoberta. Não queria que Ágata morresse por um descuido meu, então, disse que aprendi tudo sozinha.

Meu filho chorava e berrava, e meu marido ignorava seus gritos. A multidão estava prestes a me queimar. Antes de ser completamente calada pelas chamas daquela fogueira ardente, resolvi gritar tudo aquilo que me afligia.

— Talvez o mundo não seja pequeno. - digo gritando, e a multidão me mandava ficar calada.

— Cale-se!!!

— Nem que a vida seja um fato consumado, quero inventar o meu próprio pecado!

— Cale-se, cale-se, cálice!!!

— Quero morrer do meu próprio veneno!

— Cálice, cálice, cálice!!!

— Quero perder de vez tua cabeça!

— Cálice!

— Minha cabeça perder teu juízo!!!

— Cálice!!!

— Embriagar- me, até que alguém me esqueça!!!

— Cálice!!!

Ágata soube da notícia tarde demais, eu já tinha morrido queimada, lágrimas desceram pela bochecha da bela moça. E, assim, se encerra a minha história, a história de Amélia.

Autoria

Alexsandra Sara Rodrigues Bezerra, 14 anos



A vida na periferia

Referências: Fé - IZA/ Olhos Coloridos - Sandra de Sá/ Autoestima - Baco Exu do Blues/ AmarElo - Emicida

Vou contar como é a vida e um pouco do que passamos na periferia.

Vida dura, tensão constante e, infelizmente, não nos sobra muita alegria.

“Quem me conhece sabe o que vivi e o que passei.

O que ralei para chegar até aqui”.

“A minha coroa me criou sozinha,

Levantando-se sempre no raiar do dia, bem cedo”

Todos os dias, com pão duro, sem croissant.

Ela pega o busão bem cheio todos os dias para ir trabalhar e, volta e meia, vem a reclamar:

Riram da minha roupa,

Riram do meu cabelo,

Riram da minha pele,

Riram do meu sorriso.

“Sem pensar que todos têm sangue crioulo e meu cabelo enrolado todos querem imitar”.

“Eu só tô tentando achar a autoestima que roubaram de mim”,

Mas a vida não é fácil na periferia.

Todos os dias acordo cedo com uma tal desconfiança, com o pé atrás da orelha, isso desde que era criança.

Todo dia quando me levanto, me ajoelho diante da cama para rezar e piso o pé para fora de casa, mas com medo de não voltar.

Isso não é diferente com a minha mãe também,

Apesar de ela ser uma heroína e com todos os meus vizinhos que, mesmo que muitos divulguem diferente, são todos pessoas do bem.

Sentimos medo o tempo todo, vivendo os momentos em constante sobressalto,

Temo perder minha mãe, estupro e o assalto.

Da violência nem falo, faz parte da realidade, por incrível que pareça.

Temo o sequestro, a miséria e a própria polícia que é paga para nos proteger e, de repente, nos acorda de madrugada, com arma apontada pra nossa cabeça, Procurando bandido em nossa casa, sem o menor respeito com quem ali está,

Sejam homens, mulheres, crianças ou idosos, sua saúde não importa, tanto faz.

Isso tudo, sem contar aqueles políticos que só vêm aqui na periferia em época de eleição, distribuindo beijos e abraços em todos e, quando vencem a eleição, nos devolvem a traição.

Mas, aqui na periferia, esperamos dias melhores, através dos nossos gritos de socorro e indignação.

E, “Mano, rancor é igual tumor, envenena raiz, onde a plateia só deseja ser feliz, saca”.

Aí, na verdade, é só isso que o povo quer, viver em paz, ter lugar para viver, trabalho todo dia e comida boa na mesa para se comer.

Temo também chegar à conclusão de que “Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós”, e sei, ao mesmo tempo, que não devemos deixar de lutar por nossos direitos garantidos na constituição e nunca deixar de pensar no que diz lindamente o poeta, esperando que coisas ruins fiquem só no passado:

Tenho sangrado demais

Tenho chorado pra cachorro

Ano passado eu morri

Mas esse ano eu não morro.

Autoria

Ana Julia Soares Moreira, 14 anos

Bianca Barbosa Santos, 13 anos

Bruno Prado Maciel Coelho, 13 anos

Isabela Pereira Reis, 13 anos

Isabella Machado de Oliveira, 13 anos

Kauany Oliveira de Jesus, 14 anos

Sarah de Souza Araujo, 13 anos

Sara Vitoria Pereira Neves, 13 anos



Estúpido Cupido

Referência: Estúpido cupido – Celly Campello

Oh, belo cupido
Por que fez isso comigo?
Como pode ser tão estúpido de
Escolher alguém como ele.
Aos meus pedidos excluí-lo e
Apenas iludiu-me.
Oh, cupido, como podes fazer isto
Comigo.
Fizeste-me chorar até amanhecer
Com seu arco iludiu-me
E meu coração partiu-se
Oh, cupido, vá para longe de mim
Não quero mais me apaixonar assim.

Autoria

Lorena Silva Campos, 14 anos

DRE CAPELA DO SOCORRO





Cotidiano

Referência: Cotidiano - Chico Buarque

Mirelle tinha TOC, tudo tinha que ser do mesmo jeito sempre. Os lençóis de sua cama sempre tinham que estar alinhados, os utensílios da cozinha sempre estavam na mesma posição, as cores de suas roupas eram determinadas de acordo com o dia da semana, sem variações!

Para ela, a vida assim era plena, ela não se percebia sufocante, mas quem estava ao seu redor sentia a dificuldade em conviver diariamente, era tanto que se ela tropeçasse no pé de sua amiga o mesmo deveria se repetir no dia seguinte. Ainda assim, ela encontrou a sua pessoa na vida, incrivelmente eles compartilhavam as mesmas manias, chegava a ser cômico, todos os dias eles faziam tudo sempre igual, e estava tudo bem. O cotidiano que para todos ao redor era insuportável, para eles era confortável, até porque, quem disse que as coisas feitas pelo coração precisam de explicação?

Autoria

Emanuelle Cristine Santos Thiam, 13 anos

Karina da Silva Monteiro, 14 anos

Nicolas dos Santos, 13 anos

Jennifer Dos Santos de Brito, 13 anos

Alana Feitosa dos Santos, 14 anos

Anderson Rodrigues dos Anjos, 15 anos

Joao Gabriel Maltas Goncalves de Lima, 14 anos

Lizandra Cristine da Silva, 15 anos

Milene Brandao de Melo, 14 anos

Yasmin Amador de Almeida, 14 anos

Bruno de Moura Santos, 13 anos

Lindsay Enge da Silva Ramos, 15 anos

Vinicius Aguiar de Sá, 15 anos

Yago Pereira Martins, 15 anos

AEL CAROLINA MARIA DE JESUS | EMEF CARLOS FRANCISCO GASPAR

Elisangela Caldas Lima

Coordenação de estudos literários e teatrais



Não era amor

Referência: Não era amor - Giulia Be

Não era amor...

Todo dia ele entrega flores para ela, e depois lhe beija com muito amor, mas esse amor vai-se embora e as flores murcham, logo, o beijo fica sem amor.

Mas todo dia é assim, ele entrega flores para ela, lhe beija e depois tudo vai embora de novo, e de novo e de novo...

E isso não era amor, e ela não conseguia falar um simples não, porque sempre, sempre o amor acaba!

Mas ele sempre coloca sua máscara de Pinóquio e mente. Ela, a máscara da aceitação, sempre se apegava no seu pensamento de que ele a ama, não, isso não é amor.

Autoria

Yago Pereira Martins, 15 anos



Aquarela

Referência: Aquarela – Toquinho

Logo hoje? Ela se perguntou: — Logo hoje, a professora de ciências faltou? - ela sentiu-se indignada pela situação na qual se encontrava, encarando o papel limpo e sem linhas que tinham colocado em sua frente, a aula que lhe foi atribuída era de artes, ela não era fã de desenhos e não gostou da ideia, como não havia nada para fazer, pegou o pincel e com aquarela decidiu desenhar um sol amarelo, e com umas cinco, talvez seis retas, foi bem fácil fazer um castelo. Sem perceber, ela sentiu a felicidade e a nostalgia de poder desenhar e colorir sem nenhum tema para seguir, olhou o relógio e viu que ainda eram 10h25, só haviam se passado cinco minutos, e por mais gostosa que fosse essa sensação, ela ainda não gostava de desenhar, e seriam DUAS aulas “disso”...

A professora estava sentada, sem tempo porque foi pega de surpresa pela falta do colega. Chateada, a garota resolve olhar o desenho que tinha feito, observou seus colegas e percebeu que metade da sala já foi uma criança inocente, lembrou de seus amigos e pensou consigo o quão serena foi sua infância, relembrou a mais pura felicidade que alguém podia sentir, de repente pensando nisso tudo, foi devolvida a realidade bem rapidamente pelo toque de uma amiga, que perguntou sem hesitar pela confusão, o porquê de ela parecer um peixe de tão vesga que estava e se perdeu no assunto, na fofoca sobre

a aula de matemática que elas odiavam. Na volta para casa, após este momento nostálgico, ela parou e pensou em sua felicidade, e como a vida na tal “grande cidade de São Paulo” se tornou cinza diante dos anos, por mais jovem que fosse, ela sentia uma apatia pela vida que há uns belos sete anos não tinha, e colocou em sua mente que iria destruir este sentimento, colocar mais paixão e entusiasmo em sua vida, a fim de deixá-la igual a aquarela que havia usado, ela não iria deixar a vida descolorir.

Autoria

Milene Brandão de Melo, 14 anos



É mentira da barata?

Referência: A barata diz que tem (cantiga popular)

Um dia Juliana Barata mentiu para seus amigos, ela afirmou que tinha sete pares de sapatos e sete saias de filó e que todos eram caros demais.

Os amigos suspeitaram que era mentira e foram até a casa da Barata para desvendar esta história e descobriram que ela tinha uma saia só e apenas um par de sapatos e nem era tão caro assim. Mas os amigos não aceitaram muito bem a mentira da Barata e passaram a zombar e espalhar por toda a escola a mentira que a garota inventou.

Na escola, todos começaram a se afastar de Barata e o bullying foi grande com a menina, tão grande que a mãe, temendo pelo que pudesse acontecer, trocou a jovem de escola.

Juliana Barata fez bons amigos na nova escola, e apesar da grande tentação de contar mais algumas mentirinhas, ela prometeu para si mesma que nunca mais mentiria, aprendendo com os erros do passado.

E foi assim que a Barata, mesmo com muita vontade, não voltou a mentir para os seus melhores amigos.

Autoria

AEL JOÃO GOMES DE SÁ | EMEF OLEGÁRIO MARIANO
Diane Paula da Silva Simões, Rosa Maria de Moura Martins,
Vera Lúcia de Moraes Pinheiro
Coordenação de estudos literários e teatrais

Davi Lucas Freitas Sales, 12 anos
Murilo Roque, 11 anos
Victor Hugo de Sousa, 10 anos
Lucas Alves Dias, 9 anos

Coisas da vida

Referência: Coisas da Vida - Hungria

O que é a poesia?
São palavras que inspiram do nada.
E o amor?
É o sentimento que pula de galho em galho.
Já amizade segue misteriosa
E se serve de consolo
Ela vem cheia de alegria
Que chega e nos deixa mais felizes.
A vida é cheia de alegria
Basta pensar nas pequenas coisas
Pensem nas árvores
Por mais que seja grande
A raiz será pequena, mas forte
E assim são nossas relações
Seja de amizade ou familiar.
Sempre no outono as folhas irão cair
No verão irão secar
E na primavera irão florir
Tudo tem seu tempo
Por mais que tenhamos tempos difíceis
Teremos sempre as melodias e rimas
Para deixar nossa vida mais feliz.

O Sol

Referência: O Sol – Jota Quest

O Sol vai e volta
A Lua sai e volta
E o Tempo voa feito um pássaro
Mesmo assim é lindo!
O Tempo corre muito rápido
Mas ele enche-me de inspiração
Quando desenho, penso em
Várias coisas que me inspiram
E assim penso...
Quero ser inteligente
Mas será que posso?
Quero ser bonita
Será que posso?
Quero ser famosa
O que posso fazer para ser?
E, às vezes, penso:
Posso ser o que eu quiser
Desde que o Sol venha iluminar
A Lua acalmar
E o Tempo ser o voo que eu
Quero ter.



Autoria

Maria Luiza da Silva Gonçalves, 13 anos



Jura juradinho

Referência: Jura Juradinho – Carol & Vitória

Nunca imaginei que um dia estaria aqui contando essa história de amor que revirou meu mundo de ponta cabeça. Numa viagem para a praia de Salvador, eu vi um rapaz que me lembrava um grande amor de infância, chamado Gabriel. Mas não acreditei! E fui caminhar com meus amigos.

À noite, fomos para um clube dançar e lá, novamente, estava esse rapaz. Fui me aproximando dele e nossos olhares se encontraram e, de repente, percebemos que o nosso amor de infância permanecia vivo como uma chama. Acabamos conversando a noite inteira.

No dia seguinte, passamos a tarde juntos na praia, conversamos sobre tudo o que havíamos passado nessa vida e nos demos conta que perdemos muito tempo separados, nos deparamos com o pôr do sol da praia de Salvador e, nesse momento, juramos um ao outro que nunca mais nos separaríamos.

Mas como nem tudo é perfeito, Gabriel estava escondendo um grande segredo que iria prejudicar nossas juras de amor. Após um final de semana incrível ao seu lado, fiquei muito feliz e na esperança de viver aquelas juras de amor. Afinal, nós havíamos jurado, juradinho.

Após a viagem, Gabriel se mostrou uma pessoa completamente diferente daquela do início, passou a ser uma pessoa agressiva, usar palavras frias e se afastou. Aquele que um dia foi agradável e compreensivo deixou de existir. E nossas juras de amor ficaram no

passado, quebrando meu coração e esquecendo as nossas promessas. Mas hoje as promessas de amor que fiz para aquele rapaz viraram amor-próprio, guardei tudo o que há de bom pra mim e juro, juradinho nunca mais deixar de me amar, me cuidar e me proteger.

Autoria

Jennifer de Lima Silva, 14 anos

Lilian Oliveira Silva, 13 anos

Ana Maria Sanches Diesel Procopio, 14 anos

Maycon Caio Albuquerque Ferreira, 15 anos

Camilly Vitória da Silva, 12 anos

Jhenifer Agata da Silva Gonçalves, 12 anos

Maria Luiza da Silva Gonçalves, 13 anos

Ryan Gabriel Lima Silva, 12 anos

Victor Hugo de Jesus Vieira, 12 anos

Rafael Alberto Dias da Silva, 12 anos

Fabianna Gomes Ferreira, 13 anos

DRE FREGUESIA / BRASILÂNDIA

f



E

A

P

L

b



l



L



Adobe Stock



Construção

Referência: Construção – Chico Buarque

Despedida

Era mais um dia comum em que eu me despedi da minha esposa e filhos e fui para o trabalho. Depois de muitas horas, parei para almoçar, comi a marmita que a Maria preparou para mim, eu amava seu tempero! Arroz e feijão, um pedaço de carne e farinha e muito carinho. Tomei uma bebidinha para ajudar a descer e dar mais disposição para continuar, pois ainda tinha muita coisa para fazer na obra. Voltei ao trabalho, mas tive um mau pressentimento, nunca tinha reparado que era tão alto. Qualquer um ali que caísse poderia morrer. Subi no andaime e fiz meu trabalho, mas por um descuido, uma vertigem, uma tontura, um passo falso, caí do edifício que estava ajudando a construir. Ao invés de tocar o céu, meu corpo encontrou o chão duro do asfalto, entre os carros. Não tive tempo de me despedir, mas gostaria de ter dito algumas palavras antes de partir...

À minha família

Quero me despedir da minha esposa, Maria, e meus filhos, Laura, Julia, Márcio e Paulo. Eu acabei morrendo por falta de segurança e por descuido meu, acabei me desequilibrando e caí do vigésimo quinto andar do edifício que eu estava ajudando a construir. Sei que vocês devem estar muito tristes por minha partida, mas espero que continuem, que sejam fortes. Maria, desculpe-me ter deixado, mesmo prometendo que ficaríamos juntos para sempre, que criaríamos nossos filhos e envelheceríamos juntos. Tente ser feliz!

Meus queridos filhos, queria ter passado mais tempo com vocês. Desejo que vocês estudem para que possam ter uma profissão mais segura e que sejam valorizados. Estarei sempre presente no coração de cada um de vocês!

Aos meus amigos

Muito obrigado por todos os finais de tarde, depois do trabalho pesado que tirava nossas forças, em que bebíamos e brincávamos juntos, em que jogávamos futebol, ríamos, esquecíamos dos problemas juntos. Vocês foram minha segunda motivação depois da minha família, para ir trabalhar.

Aos meus empregadores

Por culpa da sua falta de responsabilidade, eu morri. Quantos mais, como eu, morreram? Então tome providências para melhorar a segurança dos trabalhadores. Vocês por acaso já se colocaram em meu lugar? Acho que não, senão teríamos o básico de segurança para garantir que voltaríamos para as nossas famílias sãos e salvos. Enquanto a cidade ganha arranha-céus como o que eu ajudava a construir e vocês enchem os bolsos, nós, trabalhadores, somos invisíveis, ninguém se importa com quantos perdem a vida ao construir esses prédios.

Aos pedestres

E aos que me viram nos meus últimos momentos, peço perdão por ter morrido nesta contramão, atrapalhando o tráfego desta cidade que nunca para. Por cair nestas calçadas, perturbando o sábado. Por quebrar o que é lúdico nessa civilização mágica. Perdoem-me por morrer nessa vergonha, esse homem tímido construía o cenário dessa cidade sólida.

Francisco, 27 anos, 1946-1971

Autoria

AEL CHICO BUARQUE | EMEF PAULO NOGUEIRA FILHO

Rogério Fraulo, Vanessa Domingues

Coordenação de estudos literários e teatrais

Samuel Pereira da Paz, 11 anos

Artur Luiz Menezes Rodrigues, 11 anos

Onyinyechi Fabiana Olubuogu Akuakor, 12 anos

Anna Belle Alberti da Silva, 14 anos

Caio Ramos Santana, 14 anos



Roda viva

Referência: Roda Viva – Chico Buarque

15 de fevereiro 1969.

Eu não podia falar com o Eduardo na frente de todos, alguém poderia contar para o meu pai. Ele era o único aluno negro da escola, havia ganhado uma bolsa porque era extremamente inteligente. Isso chamou minha atenção, além disso ele era um pãozinho. Nos aproximamos rápido e passamos a nos encontrar às escondidas, atrás da escola, num beco sem saída que ficava bem escondido.

Levávamos coisas para comer, livros e um radinho de pilha para ouvirmos o último disco de Chico Buarque de Holanda. Nunca falávamos sobre o governo militar, eu sabia que a família dele era contrária ao regime, tinha um monte de comunista, parece que os tios faziam parte de um grupo guerrilheiro, meu pai não podia nem sonhar com isso. Na volta para casa, rezava para que meu pai não estivesse em casa. Ele tinha um temperamento horrível e eu sempre pedia a Deus para que abrisse os olhos de minha mãe. Todo dia, eu a via com hematomas pelo corpo todo, ela dizia que eram por causa das quedas, mas eu sabia que era o maldito do meu pai. Ele se sente no direito de mandar em tudo e em todos porque é militar.

Nós não nos víamos muito, ele saía enquanto eu estava dormindo e voltava quando eu estava dormindo. Nos raros momentos em que convivíamos, ele era distante e qualquer coisa podia deixá-lo agressivo. Ele me olhava com um olhar de decepção misturado com desgosto, eu não era o filho que ele havia esperado, de

uma certa forma isso me protegia de sua violência, porque ele evitava falar comigo.

Um certo dia, cheguei em casa e encontrei meu pai conversando com a minha mãe, eles estavam falando sobre um protesto contra os militares que tinha acontecido de manhã. Minha mãe, na maioria do tempo, só concordava com a cabeça, deixei minha mochila no quarto e fui me sentar para jantar. Ela estava colocando a comida, meu pai se sentou e não se incomodou de continuar a conversa, acabei me distraindo e quebrei um copo sem querer. Foi motivo para que meu pai começasse a gritar, eu só conseguia pedir desculpa, meu corpo inteiro tremia. “Você não serve pra nada”, “Sua única função é não incomodar e nem isso você consegue”. Minha mãe pedia calma enquanto se abaixava para limpar, mas meu pai a impediu segurando seu braço firmemente. Eu não sabia o que fazer, minha mãe se soltou e falou para ele se acalmar e que deveríamos voltar a jantar, mas ele estava fora de si. Minha mãe disse que era melhor eu ir para o meu quarto, fui e tapei os ouvidos como sempre fazia.

No outro dia, eu fui para a escola pensando que poderia ser um dia melhor, pensei se Eduardo iria para a escola, eu precisava de um ombro amigo naquele momento. Fiz o mesmo de sempre, fui para trás da escola pensando que ia encontrá-lo lá, mas quando cheguei ele não estava. Pensei que tinha chegado cedo demais, então esperei, esperei e esperei até o sinal bater. Achei estranho ele não estar lá, mas fui para a sala e lá também não estava, ele não era de faltar. O tempo passou até que a porta



da sala se abriu, era o diretor e ele chamou meu nome e pediu para acompanhá-lo. Eu me levantei, estava confusa, mas fui do mesmo jeito e, quando cheguei na sala dele, minha mãe estava lá. Ela me olhou com uma cara de preocupada, me sentei ao seu lado, o diretor sentou-se e começou a falar, e foram palavras doloridas e preocupantes. O diretor perguntou se minha mãe estava ciente que eu estava me relacionando com um garoto de família ligada a grupo de guerrilheiros, minha mãe respondeu que não, e o diretor continuou a fazer perguntas e disse que uma das alunas nos viu juntos ouvindo música. Minha mãe perguntou para mim se isso era frequente, eu disse que sim e que nós éramos só amigos e nada além. O diretor me cortou e começou a falar sobre a família dele, eu comecei a tremer porque se minha mãe contasse pro meu pai eu e ele estaríamos mortos.

Minha mente começou a se encher de pensamentos até que a fala do diretor me trouxe a realidade: “A senhora sabe a influência do seu marido em nossa sociedade”. Não acreditei que ele disse isso, perguntei se eu podia sair, minha mãe disse que sim com a cabeça.

Fui correndo até a casa do Eduardo, quando eu cheguei, a mãe dele estava na porta com uma mala na mão, então perguntei onde ele estava e ela me respondeu que ele estava na sala e disse que eu podia entrar. Fui correndo até ele, nos abraçamos e ele me perguntou o que eu estava fazendo lá. Respondi que nós precisávamos fugir do meu pai, eu não tinha tempo para explicar, ele me pediu calma e disse que ele não ia precisar fugir, pois estava de mudança. Entrei em choque, parecia que

tudo estava desabando, Eduardo me disse que não ia mais poder ficar porque sua família estava sendo intimidada e ameaçada e iam sofrer perseguição. Comecei a olhar para os lados e vi que a casa já estava toda vazia, ele segurou a minha mão e pediu para eu ir embora, que àquela altura todos deveriam estar me procurando. Eu fui correndo, correndo com lágrimas nos olhos, cheguei em casa e minha mãe estava lá parada na frente do portão. Ela me viu chegando e começou a me perguntar onde eu estava, não respondi, apenas a abracei chorando. Fomos para a sala, nos sentamos e ela me dizia coisas passageiras. Quando parei de chorar, enxuguei meus olhos e vi três malas na porta, perguntei de quem eram e minha mãe respondeu que eram nossas. Levantei assustada e ela continuou. “Sabe, Carla, seu pai pode ter muita influência na sociedade, mas nós temos que lutar por nossa liberdade”. Perguntei para onde iríamos, ela respondeu que íamos para a casa de amigos, eu sorri, andamos até um ponto de ônibus e fomos. Não faço a mínima ideia de qual foi a reação do meu pai e nem quero saber.

Autoria

Sophia Santos de Oliveira, 11 anos
João Vitor Damasceno Alves, 12 anos
Thaís Araceli Tantani Gomez, 12 anos
Fabríola Queiroz Lima, 13 anos
Caio Ramos Santana, 14 anos



Cotidiano

Referência: Cotidiano – Chico Buarque

— Nossa, há quanto tempo eu não falo com meu amigo, o Carlos... Vou ligar para ele.

Roberto e Carlos eram amigos muito próximos, mas por causa da falta de tempo gerada pelo trabalho dos dois, eles não se viam com muita frequência. Então, Roberto pegou o celular e ligou para seu amigo. Carlos sentiu seu celular vibrar e ao ver a foto do seu amigo Roberto sentiu uma nostalgia pelos tempos em que eles eram mais jovens e podiam se divertir sem tantas preocupações. Naquela época, eles não eram casados e não tinham filhos, podiam se divertir indo ao estádio, bebendo com os amigos e batendo papo enquanto assistiam ao jogo do Flamengo. Agora, por causa da rotina, eles estão sempre cansados e com pouco tempo livre. Após esse flashback dos bons tempos, Carlos atendeu a ligação:

— Oi, Roberto! Tudo bom? Quanto tempo! - Era muito tempo mesmo, tanto que nenhum dos dois se lembrava exatamente o quanto.

— Carlos! Que surpresa boa. Comigo tudo bem e você, família e a filharada?

— As crianças estão crescendo, uma passou na faculdade, o outro tá pra casar, mas sabe como é, né? Tô indo...

Um silêncio tomou conta da ligação e então Roberto, sentindo aquela mesma angústia matinal cotidiana antes de pegar o ônibus lotado por quase uma hora para chegar ao trabalho, retomou a conversa:

— Tá complicado, né?!... Quer falar sobre isso?

Carlos deu um suspiro e lembrou-se da camaradagem entre eles e, apesar da exaustão, se sentiu seguro em falar com o amigo:

— Sabe... todo dia minha mulher me acorda às seis horas da manhã e, enquanto eu me arrumo para ir trabalhar, ela prepara o café da manhã. Antes de sair de casa, ela me beija e pede para eu me cuidar. Depois de enfrentar o ônibus lotado, chego no trabalho, é sempre exaustivo, e eu não vejo a hora de parar. Na hora do almoço, enquanto como a mesma marmitta de sempre, penso em desistir de tudo, do trabalho, desse cotidiano, até da vida, mas então me lembro daquela mulher maravilhosa, cuidadosa e batalhadora que faz minha marmitta todo dia, dos meus filhos, dos boletos pra pagar e então me calo.

— Entendo. – disse Roberto.

— Na volta pra casa, pego o mesmo ônibus lotado e quando chego em casa depois de um beijo da mulher, beijo os filhos que já estão dormindo, tomo banho e me deito. E, no dia seguinte, recomeça tudo de novo. E sua vida?

Roberto viu que sua experiência não era individual e o cansaço do cotidiano não era sentido só por ele. Então respondeu:

— Sabe... todo dia minha mulher me acorda às seis horas da manhã...

Autoria

Isabella Barbosa Batista de Souza, 11 anos

Isabelly Tarsitano Sodre, 11 anos

Jéssica Cantero Prieto, 13 anos

Luan Moraes dos Santos, 13 anos

Nicolly Luiza Rodrigues Martins, 14 anos

Richard Xavier Vallejos Chambilla, 13 anos



Desculpa, doutor

Referência: Desculpa, Doutor – San Joe MC

Desculpa, doutor, pelo caminho traçado,
Encontrei o amor, me vi apaixonado.
Nos braços dela, achei meu lugar,
Um sonho vivido, difícil de largar.

Cada beijo, um verso, cada olhar, um refrão,
Desculpa, doutor, mas sigo meu coração.
Nos becos da vida, achei meu sentido,
Com ela ao meu lado, o mundo é mais vivido

Desculpa, doutor, se meu coração vagabundo
Escolheu trilhar os cantos do mundo,
Em vez de seguir a rota esperada,
Encontrei o amor na esquina, na calçada.

Entre becos e becas, encontrei minha paixão,
Nos olhares furtivos, nos gestos sem razão,
Cada riso, cada lágrima, cada suspiro,
Fez do meu coração um campo aberto, um delírio.

Desculpa, doutor, se não fui o que planejou,
Mas o amor não escolhe, apenas chegou,
Nos braços dela, encontrei meu lugar,
Entre carinhos e beijos, me deixei levar.

Os livros que não li, as aulas que faltei,
Foram trocados por noites onde me entreguei,
Ao abraço apertado, ao calor de um sorriso,
Encontrei no amor meu refúgio preciso.

Desculpa, doutor, se me perdi na emoção,
Se segui o compasso de um outro coração,
Na dança da vida, no ritmo da paixão,
Cada passo, cada tropeço, foi pura dedicação.

Entre flores e espinhos, entre risos e dor,
Caminhei ao lado dela, encontrei o amor,
Na simplicidade de ser, no brilho do olhar,
Desculpa, doutor, mas aqui é onde quero estar

Autoria

Alice Vitória Vasconcelos da Cruz, 14 anos
Bruna de Sousa Cardoso, 11 anos
Bryan Vieira dos Santos Costa, 13 anos
Emanuelle Aparecida dos Santos, 14 anos
Lorenzo Ferreira Lima, 11 anos



O vagabundo e a dama

Referência: O vagabundo e a dama – Oriente

Num mundo onde tudo é tão distante,
Eles se encontram de forma inconstante
Uma dama, elegante e tão encantadora,
E um vagabundo, de alma aventureira e sonhadora

De origens distintas, mas unidos pelo acaso,
Descobrem juntos um amor tão raro e escasso
Ela, acostumada com luxo e com requinte,
Ele, buscando na simplicidade seu instinto

Juntos compartilham risos e alegrias singelas,
Provando ao mundo que o amor rompe as janelas
A dama encontra na liberdade do vagabundo,
A verdadeira essência de um amor tão profundo

Na noite serena ou sob a chuva e o luar,
Eles unem seus destinos, sem medo de ousar.
A dama e o vagabundo, em sua jornada sem fim,
Encontram no amor simples a beleza que há em si.

Assim, nessa história de vidas desiguais,
Eles ensinam ao mundo que o amor é natural.
Quebram as barreiras das diferenças
E juntos, a dama e o vagabundo, escrevem um novo poema
Dizem ao mundo que o amor vale a pena

Autoria

Alice Vitória Vasconcelos da Cruz, 14 anos
Bruna de Sousa Cardoso, 11 anos
Bryan Vieira dos Santos Costa, 13 anos
Emanuelle Aparecida dos Santos, 14 anos
Lorenzo Ferreira Lima, 11 anos



Até que durou

Referência: Até que durou – Péricles

O jovem Pedro estava perdidamente apaixonado por Ana. Acreditava que precisava ser o cara perfeito para conquistar seu coração. Esforçava-se em todos os aspectos para chamar sua atenção. Estudava para ser um bom profissional, dedicava-se aos hobbies dela e sempre tentava ser atencioso e carinhoso. No entanto, apesar de todos os esforços de Pedro, Ana não correspondia da mesma forma. Ela apreciava a dedicação dele, mas não tinha a mesma conexão e a mesma química que ele.

Em suas tentativas de conquista, Pedro chamou Ana para saírem como amigos. Ela aceitou e deixou claro que realmente seria só como amigos. O dia chegou e ele muito nervoso foi para o local combinado e não a encontrou. Resolveu esperar e, depois de muito tempo, ficou entristecido e saiu à procura de Ana pelas redondezas. Ele a encontrou numa praça muito próxima com suas amigas. Confuso, aproximou-se com timidez e lhe perguntou:

— Ana, você esqueceu do nosso encontro?

— Não me leve a mal, Pedro! Mas quero aproveitar minha adolescência com minhas amigas, quero sair com elas e me dedicar aos estudos. Afinal, cada coisa ao seu tempo.

Pedro reuniu toda coragem que tinha e lhe respondeu:

— Sabe, tentei ser o cara perfeito para você, eu fiz as coisas do seu jeito, queria ser mais importante, mas não fui para você!

Ana ficou surpresa com a sinceridade de Pedro e, embora não correspondesse ao sentimento, admirou sua coragem e honestidade.

Eles decidiram seguir caminhos diferentes, mas Pedro levou consigo a lição de que ser autêntico é mais importante do que ser perfeito para alguém. E assim ele continuou sua jornada em busca de um amor verdadeiro, sabendo que sua autenticidade seria o que mais importaria no fim das contas.

Autoria

Artur Gabryel Lisboa da Silva, 12 anos
Milena Manoelly Barbosa, 10 anos
Nicolle de Marchi, 12 anos
Samira Bernardo de Novaes, 12 anos



Canção da América

Referência: Canção da América – Milton Nascimento

Meu nome é Kauan e esta deveria ser uma história de superação, mas infelizmente não foi. Na minha época de escola, eu tinha três amigos que sempre andavam comigo. O nome deles era Matheus, Gustavo e Luís. Eu fingia que não via, mas Matheus e Gustavo sempre andavam mais juntos.

Certo dia, eu estava na sala de aula terminando o dever de matemática. Quando uma amizade não tão próxima me contou algo que me deixou intrigado.

— Kauan, eu preciso contar algo para você.

— Pode falar!

— Então... É meio complicado, mas eu realmente preciso contar.

— Fala de uma vez!

— O Matheus está falando mal de você!

— Como você sabe disso?

— Bom... Sempre estou bem próximo deles, sei de tudo o que eles falam, então decidi contar para você. Pois eu acho muito injusto se falar de um amigo pelas costas.

— Você não tem vergonha na cara? De falar uma mentira dessa para afastar a gente?

Desde então, chegaram em mim muitos boatos de que eles falavam mal de mim, mas eu não acreditava pois os amava muito. Éramos amigos de longa data, ele nunca faria isso comigo, era impossível.

Era um dia relativamente normal, porém nem tanto assim. Uma garota tinha derrubado suco em mim e precisei ir ao banheiro.

Eu estava na porta do banheiro, quando eu mesmo escutei o comentário:

— Você precisa ver como ele é babaca! Acha mesmo que somos amigos dele! Ha, ha, ha!!!

Depois de ouvir aquilo da boca do Matheus e escutar também Gustavo rir, entrei finalmente no banheiro.

— Você não quer repetir? Fala na minha frente!

No mesmo momento que falei, pude ver o semblante deles mudar.

— Você é mesmo um babaca! Acha mesmo que alguém seria seu amigo?

Eu não pude acreditar. Fiquei lá parado e encarando Matheus criei coragem e lhe respondi de coração:

— Qualquer dia, amigo, eu volto a te encontrar! Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar.

Quando me virei e saí, pude ouvir os cochichos.

Só o Luís permaneceu e somos amigos até hoje. Também sei que meu único e verdadeiro amigo é e sempre foi ele!

Autoria

Kemilly Iasmin Barbosa Timoteo, 12 anos

Laís Araújo da Silva, 8 anos

Diogo Batista dos Santos, 12 anos

Laiane Araújo da Silva, 13 anos

Raphaella Rodrigues dos Santos, 14 anos



João e Maria

Referência: João e Maria – Chico Buarque, Nara Leão e Sivuca

Eu era um urso feliz, talvez o mais feliz do mundo. Todos os dias, minha mamãe trocava minha roupa e penteava meus pelos. Até o dia em que aquele bendito celular chegou. Daquele dia em diante, ela me deixou de lado e nunca mais brincou comigo. O tempo foi passando e um dia eu estava lá quietinho na caixa, quando escutei:

— Filha, o almoço está pronto! — disse minha vovó.

— Já vou mãe! - respondeu minha mamãe, indo para a cozinha.

Com as duas já à mesa, vovó falou:

— Filha, você sabe que estamos de mudança, comece a arrumar suas coisas e se desfaça do que você não usa mais.

O almoço terminou e, algum tempo depois, a caixa em que eu sempre ficava começou a balançar muito, uma luz passou rápido pela fresta e tudo ficou escuro.

— Ela me jogou no latão de lixo! — falei chorando e supliquei:

— Não, não me jogue fora, finja que agora eu ainda sou o seu brinquedo, eu sou o seu pião, o seu bicho preferido, por favor!

Mas ela não me ouviu. Jogou outros brinquedos fora também... Ainda tive esperança de que ela iria voltar, porém não voltou e se passaram dias e dias... comecei a perder a ilusão.

Muito sujo e triste, vi, numa manhã, uma menina se aproximar e me pegar. Quando dei por mim, já estava novamente limpinho, vestido e cheiroso.

— Finalmente terei uma mamãe!

Eu estava muito feliz, mas não tinha ideia do que viria pela frente! Minha nova mamãe me amava muito. Dormia comigo, dava muito carinho, diferente do seu irmão, que não gostava de mim, tanto que, certo dia, mamãe e eu estávamos dormindo e eu acordei com a porta do quarto abrindo. Aquele meu titio me pegou e levou até sua escrivaninha. Com uma tesoura cortou meu bracinho! Quando mamãe acordou me viu jogado no chão, começou a chorar desesperadamente e eu escutei uma grande discussão entre eles. Minha nova vovó me costurou perfeitamente e eu fiquei novinho em folha.

Anos e anos se passaram, acompanhei cada passo e conquistas da minha mamãe: formatura, primeiro namorado, casamento e finalmente minha tão aguardada irmãzinha. Assim que ela nasceu, fui dado de presente para ela. E foi assim que fui passado para outra geração e permaneço até hoje.

Autoria

Mayara Cristina Lourenço Costa, 12 anos

Laiane Araújo da Silva, 13 anos

Raphaela Rodrigues dos Santos, 14 anos

Anne Farias Oliveira, 12 anos

Itaty Ana Balcazar Huanca, 13 anos



Trevo (Tu)

Referência: Trevo (Tu) - Ana Vitória

Naquele dia, eu estava me sentindo meio triste, não estava conseguindo aceitar o que estava acontecendo e nem porque teve que ser daquela forma. Falei com amigos que conheço há bastante tempo. Posso dizer que são meus melhores amigos, pois, sempre que precisamos uns dos outros, estamos disponíveis para ajudar.

Decidimos que iríamos ao parque que sempre vamos quando queremos nos divertir ou nos distrair. Chegando lá, fizemos um piquenique, jogamos bola, brincamos de pega-pega e esconde-esconde. Fomos também tomar sorvete numa sorveteria que tinha ali perto e eu comecei a me sentir mais fortalecido.

Sentamo-nos para descansar um pouco no grama-do que havia perto de um orquidário, estava muito florido e foi quando aquela tristeza voltou. Meus amigos perceberam e perguntaram se eu queria desabafar. Pensei um pouco e comecei a falar

— Acabei perdendo alguém que eu amava muito, tínhamos um carinho muito grande um pelo outro, ela era a pessoa que eu mais confiava e amava na família, e está me doendo muito não ter mais aqui comigo.

Eles me deram um abraço que me fez sentir em casa e seguro, um abraço que me trouxe conforto. E uma das minha amigas me chamou e disse com muita sinceridade:

— Não fique assim, sabemos que é difícil perder alguém que amamos, mas com o tempo essa dor diminui, e quando você sentir saudades dela, lembre-se dos momentos bons que teve com ela.

Mais uma vez ela me deu um abraço - daquele jeito-que somente um amigo verdadeiro, com quem podemos contar e confiar, dá. Aquele abraço em que o coração entra em sintonia com o outro coração. Eu respondi:

— Tu que tem esse abraço casa, se decidir bater asa, me leva contigo pra passear, eu juro afeto e paz não vão te faltar.

Eu precisava dizer aquilo, pois sabia que de alguma forma devia retribuir as palavras de amor e conforto que meus amigos, e ela, principalmente, estava me dedicando. Naquele dia, eu aprendi que dói perder alguém que amamos, mas que com o tempo essa dor passa. O que fica é a saudade e o mais importante de tudo - as boas lembranças.

Autoria

AEL MÁRIO QUINTANA | EMEF PRIMO PÁSCOLI DE MELARÉ

Jaqueline Vieira da Silva Boaretto

Coordenação de estudos literários e teatrais

Isabelly Silva Ferreira, 12 anos

Tiago Siqueira Silva, 12 anos

Maria Eduarda Monção Gomes, 10 anos

Anna Ritha Silva Felix, 12 anos

DRE GUAIANASES

f



E



A

P

L



L



O Sol pediu a Lua em casamento

Referência: O Sol e a Lua - Pequeno Cidadão

E aqui estou, sentado nos degraus onde tudo começou, e tudo acabou.

A chuva cai escondendo minhas lágrimas. Como pode tudo ter começado com um simples esbarrão.

Estava andando pela faculdade com o rosto enfiado no celular, olhando o jogo do Flamengo quando tropecei no degrau da escada e cai em cima da Helena.

Rolamos pela escada e terminamos no chão com meu celular quebrado e alguns livros dela jogados.

Tenho que dizer que não foi uma das melhores primeiras impressões. Depois que ela se organizou, olhou para mim com raiva e me disse;

— Presta atenção! Está olhando pra onde?!

Verdade seja dita, estava tão em choque por ter caído da escada e tão surpreso por uma garota linda como aquela estar falando comigo que eu nem prestei atenção ao que ela disse.

— Ei! Você ouviu o que eu disse?

Com essas palavras, saí do meu transe e perguntei:

— Você está bem? Machucou-se?

Ela não me respondeu, saiu pisando duro como se estivesse com pressa.

Pensei mais uma vez: “que mulher linda” e então segui meu caminho.

Alguns dias depois estava pegando o elevador da faculdade para ir para minha aula quando vejo quem entra.

— Você!!!!!! — disse Helena, com um olhar fulminante!

Entre a alegria de encontrar ela novamente e a surpresa pela raiva que ela demonstrava, fiquei sem reação.

— Que foi? — pergunto sem entender.

— Você quebrou meu celular quando me derrubou naquele dia!!!

Nesse momento, me senti ofendido, essa linda garota só me destratou em todas as vezes que nos vimos.

— Eu não tenho culpa de você ser cega!

— Eu não me importo se você trabalha ou não, você vai pagar pelo conserto!

— Você também quebrou meu celular e eu não falei nada!

— Problema seu.

E foi assim que começou de verdade.

Entre ofensas nos despedimos e segui para minha aula.

Qual não foi a minha surpresa quando, minutos depois, ela entrou também na mesma sala que eu! Ao me ver, sua expressão se fechou e foi se sentar na outra ponta da sala.

Passei a aula inteira pensando, não era justo, eu não estava prestando atenção, eu esbarrei nela, eu que deveria pagar o celular.

Ao fim da aula, fui até ela e me propus a pagar o celular. A expressão dela melhorou um pouco, combinamos de eu ir à loja na hora do pagamento.

No dia de pagar o celular, ela estava muito menos nervosa, até começamos a conversar no caminho para o conserto, e não é que tínhamos muitas coisas em comum! Ela mudou para fazer o curso da faculdade e ainda não conhecia ninguém. Depois de pagar e pegarmos o celular, saímos para tomar um sorvete e, a partir daí, começamos a nos ver com frequência.

Durante um tempo, conversamos com frequência, para ela parecia ter encontrado um bom amigo, para mim parecia ter encontrado o amor da minha vida. Pensava em como chegar nela e não encontrava meios. Quando recebemos o convite para uma festa da faculdade foi aí que pensei ter chegado a hora perfeita.



Na festa, entre luzes coloridas e copos de bebidas, declarei meus sentimentos. Dizem que o máximo que podemos receber é um não, mas eu recebi:

*Imagine só, tenha dó
Pois meu coração não pertence a ninguém
Sou a inspiração de todos os casais
Dos grandes poetas aos mais normais
Sai pra lá rapaz!*

Depois dessa pedrada, ela saiu e foi fazer amizades. Fiquei arrasado, quebrado e sem saber onde enfiar a cara, já estava indo embora quando vi um rapaz mexendo com ela, claramente ela não estava gostando. Entre o fora que levei e a vista da garota que gostava sendo importunada por outra pessoa, me subiu uma raiva, uma raiva tão grande que parti pra cima dele!

Um soco, o cara ficou tonto, não sabia o que estava acontecendo, toda a festa parou, todo mundo me olhando.

Estendi a mão para ela e disse venha comigo.

Mas tudo que ela disse foi:

— Não sei, não sei, não sei

— Me dá um tempo

Uma semana depois perco minha bolsa por ter brigado no campus da faculdade, volto para São Paulo, mais uma vez a chamo e ela me responde:

— Não sei, não sei, não sei

— Me dá um tempo

Três meses depois, eu finalmente consegui dinheiro para uma passagem. A alegria e o nervosismo dividiam partes iguais, chego à rodoviária, sigo para faculdade.

Pela hora, ela deveria estar saindo da aula. Vou com a cara e a coragem.

E então eu vejo.

Eu a vejo

Eu o vejo

Eu os vejo

Ela e o rapaz com quem briguei e que foi a causa da minha expulsão.

E aqui estou, sentado nos degraus onde tudo começou, e tudo acabou.

A chuva cai escondendo minhas lágrimas. Como pode tudo ter começado com um simples esbarrão.

O Sol pediu a lua em casamento

E a Lua disse

Não sei, não sei, não sei

Me dá um tempo

O sol congelou seu coração

Se a lua não te quer, tudo bem

Você é lindo cara!

E seu brilho vai muito mais além

Um dia você vai encontrar alguém

Que com certeza vai te amar também

Autoria

Giovana Vitoria Silva, 12 anos

Julia Armond Rodrigues, 12 anos

Eloa Marques de Pinho, 13 anos

Alice Ulisses, Mellyssa Carvalho, 12 anos

Emanuelly Melo da Silva, 12 anos

Gabriel Regatieri, 13 anos

Lucas Mendonça, 12 anos

Yasmin Rodrigues dos Santos, 12 anos

Richard Alexandre, 12 anos

Leticia de Jesus, 12 anos

Daniella Oliveira, 14 anos



Uni-duni-tê

Referência: Uni, duni, tê - Trem da Alegria

Toda tarde, um menino chamado Pedro, depois que chegava da escola, deixava sua bolsa em cima da cama e saía correndo para o quintal, se deixando levar no trem da alegria e fantasia. Brincava a tarde inteira, até suas forças acabarem. Entrava em casa, comia um lanchinho e, correndo, voltava a brincar. Ao chegar a noite, ia para sua casa descansar. Deitava na sua cama, na espera de um novo dia começar. Quando sentia medo, ia de mansinho para a cama de sua mãe, buscar abrigo em seus braços quentinhos.

Pela manhã, ela o acordava, dava um café quentinho e corria para arrumá-lo. Ele ia para a escola, mas sempre ansioso pela hora que iria começar a brincar. E assim eram os dias de Pedro. Mas, no fundo, ele sabia que o trem da alegria que pegava todos os dias só estava de passagem.

Quando ele cresceu, relembrava suas doces memórias, se impressionando com a imaginação que tinha e de quando falava para sua mãe que queria mais brincar, porque melhor era ser criança. Mas o tempo não tinha dó e ele não usava sua tarde mais para brincar e sim para estudar. Ele se perguntava onde andaria aquele seu sonho encantado.

Ele não sentia mais medo, mas sentia a dor e o sofrimento de crescer. E não tinha mais os braços de sua mãe para o abraçar. Ao ir para sua cama e fechar

os olhos, não se sentia preparado para o novo dia que iria começar. Mas tinha uma parte boa da noite, que era quando ele podia sonhar com o mundo onde ele realmente queria morar. Lá era o seu paraíso. Ele pegava novamente o trem da alegria e não se preocupava com a hora de voltar.

E no meio do seu sonho encantado, o barulho do seu despertador o acordava. No caminho para a faculdade, encontrou três meninas. Duas delas estavam brincando de uni-duni-tê, e uma dizia que estava ansiosa para crescer. Pedro as interrompeu e disse:

— Não queira. Você só vai se entristecer.

Autoria

AEL ARNALDO ANTUNES | EMEF PROFª. IDEMIA DE GODOY

Aline Abade Reis Santos, Monique Ellen Veronesi

Coordenação de estudos literários e teatrais

Alice Pires Mangueira, 11 anos

Anna Luiza Silva Alves, 11 anos

Anna Luzia da Silva Moreira Alves, 11 anos

Helena Ester Silva Alves, 12 anos



Estúpido cupido

Referência: Estúpido cupido – Celly Campello

*Os cupidos parecem saber o que fazem,
mas o meu não sabia nem um pouco
o que estava fazendo.*

Tudo começou quando minha amiga Violeta sonhou que o cupido tinha acertado uma flecha nela e no garoto que ela gostava. Era 12 de junho, dia dos namorados - 13h30 - entrada da escola, animada Violeta me contou:

— Amiga, na noite passada sonhei que um cupido acertou uma flecha em mim e no Nick.

Respondi sem preocupação, mas um pouco esperançosa:

— Vi, não se iluda, foi apenas um sonho, mas bem que se um Cupido me acertasse eu iria gostar, queria tanto me apaixonar... Mas também não conheço ninguém legal e já estou cansada desses garotos que vivem me provocando só porque sou uma garota trans.

Violeta me respondeu empolgada:

— É só acreditar! Acho que nada é impossível...

No dia 14 de junho, ou seja, dois dias depois, por volta de 23h30, já estava tarde, teria que acordar cedo no dia seguinte, mas não conseguia dormir. De repente, uma luz esverdeada clareou minha janela, como se milhares de vagalumes estivessem a iluminá-la, decidi abri-la. No mesmo instante, um ser alado adentrou o meu quarto. A princípio, pensei que se tratava de um pássaro, mas

logo percebi que era um garoto e que tinha asas, era o tal cupido que prontamente me informou:

— Olá, bela moça! Fiquei sabendo que você queria que eu a visitasse, pronto, aqui estou!

Sem acreditar no que via, perguntei esfregando os olhos:

— Cupido? Como assim? Eu devo estar sonhando...

— Não querida, você não está sonhando, sou mesmo o Cupido, e você como se chama?

— Meu nome é Amy! - respondi.

— Certo Amy. Então, fiquei sabendo que você quer encontrar o namorado ideal, o amor da sua vida?

Mais tranquila, mas ainda sem acreditar respondi:

— Querer até quero, mas acho melhor você ir embora, onde poderá encontrar um namorado para mim neste horário?

— Tá, sei que demorei para chegar, deveria ter vindo há dois dias atrás, mas você nem imagina como minha vida é corrida queridinha? — explicou o Cupido se desculpando.

— Venha, vou te levar para um lugar mágico!

Neste momento, as pequenas luzes esverdeadas reapareceram na minha janela e um portal se abriu. O menino foi logo me puxando pelo braço e atravessamos o portal.

Do outro lado era tudo muito iluminado, havia casas coloridas, mas com cores suaves em tons pastéis, ruas bem arborizadas com flores coloridas e folhas em for-



mato de corações, tive a impressão de estar em um livro de contos de fadas, porém algo me assustou, lá estavam todos os meninos que zombavam de mim na escola. Estavam todos parados, enfileirados como manequins em uma vitrine de loja. E o Cupido apontando para cada um começou a me perguntar: “Que tal esse?” — e eu respondi “Não”, seguia me perguntando e diante de minhas constantes negativas reclamou:

— Mas você não gosta de ninguém! Assim fica difícil!

— Claro que não, você só me mostra os meninos que praticam transfobia comigo! Incrível que você como Cupido desconheça isso! Aff!! Que Cupido fui arranjar! - respondi revirando os olhos.

— Ah Amy! Dá um desconto, sou novo no ofício.

Irritada falei:

— Tá, tá... só me tira daqui vai.

O anjo do amor reabriu o portal e voltamos. No quarto, ele diz:

— Pronto! Chegamos!

— Ufa! Ainda bem! - respondi aliviada.

Não satisfeito, ele apronta mais uma antes de sair:

— Amy, por que você não namora o Nick?

Indignada e sem acreditar respondi irritada:

— Cupido, você precisa pesquisar mais sobre seus pupilos antes de tentar ajudá-los!

Você não sabe que minha melhor amiga, a Violeta, é apaixonada pelo Nick?

Todo sem graça e se desculpando foi logo dizendo:

— É, acho melhor eu ir embora mesmo. Desculpe alguma coisa! — e sumiu pelo portal esverdeado.

E foi assim que encontrei o Cupido mais atrapalhado que possa existir, um estúpido cupido.

Autoria

Kauã Gabriel Duarte, 13 anos

Isabella Silva Sales, 13 anos

Yasmim Vitória Oliveira, 13 anos

Halana Ferreira Brito de Souza, 13 anos



A noite da canção mágica

Referência: Alucinado – Grupo Doce Encontro

João era um garoto como qualquer outro, mas, naquele verão, algo especial estava prestes a acontecer. Tudo começou com um simples beijo de despedida no final do ano escolar. Marina, sua amiga de infância, estava de mudança para outra cidade. Naquele último dia, eles se encontraram no parque, como de costume. Quando o sol começou a se pôr, Marina, inesperadamente, deu um beijo suave no rosto de João.

"Esse beijo ficará na lembrança" - pensou João, enquanto Marina se afastava. Ele não sabia o que dizer. E aquela lembrança ficou mesmo gravada em sua mente e em seu coração, deixando um desejo inexplicável de vê-la novamente.

Os dias se passaram, transformando-se em semanas, meses, anos e João continuava com aquela sensação de vazio, sem nunca se esquecer da amiga de sua infância e adolescência. Imaginava que um dia teria a alegria de vê-la outra vez. Quem sabe um dia, pensava ele esperançoso.

Uma noite, enquanto vagava sem rumo, João sentiu a brisa fresca e olhou para o céu estrelado, tentando esquecer sua saudade. Mas parecia impossível. "Andei à noite, alucinado, tentando te esquecer, mas deu tudo errado", refletia, lembrando-se dos doces momentos que viveram juntos.

Na volta para casa, ligou o rádio do carro e a voz suave da locutora anunciou a próxima canção: era a música favorita dele e de Marina. O coração de João acelerou. "Eu hoje liguei o rádio, escutei a nossa canção outra vez", cantarolou, sentindo um nó na garganta. A canção trouxe uma avalanche de memórias. João lembrou-se das risadas, das brincadeiras e dos momentos compartilhados com Marina. Era como se o tempo não tivesse passado, como se ela estivesse ali, ao seu lado.

João sabia que não podia desistir. "Quem sabe um dia, o inesperado me traz esse prazer de te ver de novo", repetia, mantendo a esperança viva em seu coração. Ele prometeu a si mesmo que a encontraria, não importa o quanto demorasse. E com o coração cheio de esperança e os olhos brilhando de determinação, João seguiu seu caminho, acreditando que o amor verdadeiro sempre encontra uma maneira de superar a distância e o tempo. Afinal, correr atrás dos sonhos nunca é demais, especialmente quando se trata de amor.

Autoria

Kauan Marcelino Valet, 12 anos

Lorena Costa Salgado, 12 anos

Maria Eduarda Santos, 11 anos

Mariana Gomes da Costa, 11 anos

Rebeca Júlia Soares Santos, 12 anos



Um pouco sobre nós

Referência: Que país é esse? – Legião Urbana / Não Existe Amor em SP – Criolo

Bem vindo ao Brasil,
"Que país é esse?" Eles dizem
O país do futebol inconfundível
Das praias exuberantes
E da fome na população sem nome

Mas tudo bem, porque como nossos pais
Iremos procurar incansavelmente a saciedade
Daqueles que muito vezes sequer olhamos, e que estão constantemente pedindo piedade

E digo isso com firmeza, porque muitos já disseram: "não existe amor em SP"
Talvez não exista mesmo, para aquele que não vê o que está bem na sua frente, aquele que
mesmo com tão pouco ajuda quem tem bem menos

Autoria

Rayssa Siqueira dos Santos, 14 anos

Yasmin Jacob Cozzani, 14 anos

João Victor Abrantes Werhmuller, 14 anos

Amanda Soares Silva, 15 anos

Laura Ribeiro dos Santos, 15 anos

Natasha Nauany Pereira da Natividade, 14 anos

Clara Nauany Pereira da Natividade, 15 anos

Yasmin Vitória Bitencourt, 13 anos

Thaina de Lima Freire, 13 anos

AEL DIAS GOMES | EMEF DIAS GOMES

Taís Helena Alberti, Fábio Ferreira, Leandro Alves Machado Torres

Coordenação de estudos literários e teatrais



Onde anda você?

Referência: Onde anda você? - Toquinho e Vinicius de Moraes

Era uma bela noite, em meio às luzes parisienses, os recém-chegados Lucas e Thiago corriam pelas ruas vazias, encantados pela beleza da cidade de Paris, era uma bela amizade de fato. Lucas estava encantado, falava com seu amigo sobre como tinha encontrado o amor de sua vida:

— Ela tem um sorriso tão doce, é como se eu finalmente tivesse encontrado a luz da minha vida!

Lucas falava de Jasmine, uma cantora que se apresentava no famoso restaurante Benoît, os amigos a conheceram no local em uma comemoração. Assim que Lucas e Jasmine se viram, foi amor à primeira vista, houve uma conexão inexplicável.

Porém, houve uma tragédia, Lucas sofrera um acidente de carro, se tornando uma estrela, maior que todo o céu, Thiago ficou extremamente abalado com a notícia, afinal, ele era como um irmão.

Jasmine ficou extremamente sentida, pois cada canto daquela cidade estava repleto de lembranças de seu amor, em meio a essa profunda solidão, decidiu voltar a sua cidade natal, Nova York.

Um semestre se passou, Thiago aflito, arrumando suas coisas para voltar para seu país de origem, encontrou debaixo de sua cama um envelope, era uma carta! Era uma carta que seu amigo declarava seu amor a Jasmine, mas, por causa do destino, não conseguiu entregá-la. O garoto sentiu que devia concluir o desejo de seu amigo e partiu em um avião para a cidade natal da garota, já que ela decidiu deixar Paris após a tragédia.

Thiago estava nervoso, mas sentia que era o certo, com uma aflição em seu peito, bateu na porta, e disse:

— Boa Tarde, Jasmine! Você provavelmente não deve se recordar da minha pessoa, me chamo Thiago,

eu era o melhor amigo do Lucas. Estava arrumando as minhas coisas e encontrei essa carta - o rapaz fez uma pausa, suspirou e retomou:

— Eu decidi entregá-la, me pareceu certo, ele te amava muito, infinitamente, e essa carta é uma evidência disso!

A garota emotiva, com lágrimas em seus olhos, pegou a carta, e já em meio ao rio de lágrimas, sussurrou:

— Eu não sei nem como poderia te agradecer, muito obrigada!

O amigo se despediu e saiu, deixando-a sozinha. Então leu a carta:

Paris, 9 de maio de 2024.

Meu amor,

Eu não sei se essa carta chegou em suas mãos. Espero que sim meu amor. Essa cidade parece vazia sem você, ainda ouço o som da sua risada nas ruas que agora estão desertas e solitárias. Lembro de cada momento vivido, sou grato pelos passeios nos parques, no Louvre e na clássica Torre Eiffel.

Às vezes, penso o que seus belos olhos observariam aqui, nessa cidade iluminada, você passeando pelos pontos turísticos das suas séries favoritas, no Arco do Triunfo, um lugar pra se descobrir, viver experiências e se aventurar, em cada canto, cada esquina, cada metrô, cada show...

Sei que não importa a distância, eu sempre irei te amar. Da lua até Saturno, eu não irei te esquecer. Bem que qualquer dia você podia aparecer. Estou com saudades, onde anda você? Espero que, em cada aventura, você ainda se recorde sobre nós, contarei os dias até nosso reencontro.

Com carinho, Luc

Autoria



Por enquanto

Referência: Por enquanto - Cássia Eller

Daqui há pouco já é verão de novo _____ quase nada mudou.

Mesmo sendo os mesmos, estamos diferentes.

lembra de quando

Estudamos

Rimos

Conversamos

Brigamos

E

Juntos brincamos?

Mas nada vai conseguir mudar o que passou.

Entre tantas

Experiências

Emoções

Paixões

Amores...

Descobertas, ficarão marcadas em nossas memórias,

Como imagem de um filme que nunca queremos que se apague.

Imagens que NOS fazem sentir um abraço...

SEGUIMOS EM FRENTE

Carregando essa coleção de momentos em nossos corações

Sabendo que cada momento valeu a pena

e nos fez ser o que SOMOS HOJE.

Autoria

Ana Beatriz da Silva, 15 anos

Camilly Vitória dos Santos Plado, 15 anos

Cristiano Oliveira da Silva, 15 anos

Débora Lima Martins, 15 anos

Daniel Eloi Matos Ferreira, 15 anos

Devlin Matias da Silva, 15 anos

Diego Alves Constantino, 15 anos

Esther Reginato Aguiar, 15 anos

Gabriel Eduardo Melo Despesi, 15 anos

Gabriel Silva Menezes, 15 anos

Hiago Sebastião, 15 anos

Isaque Araújo de Jesus, 15 anos

Kauã Cândido Bispo, 15 anos

Mikaely Soares Gregório dos Santos, 15 anos

Sophia Eloi Aires, 15 anos



Construção

Referência: Construção - Chico Buarque

Às 5:40 da manhã, levanto com meu desânimo matinal, mas assim que olho para o lado e vejo você, minha mulher, deitada comigo, me livro desse sentimento. Dou-lhe um beijo como se fosse o meu último, para que você sinta o meu amor. Assim que saímos do quarto, me deparo com meus filhos e penso: "O tempo passa rápido demais". Dou um abraço apertado em ambos como se fosse meu último dia. Sentamos à mesa para tomarmos um café, aquele delicioso café. Até me sinto um príncipe em uma manhã de sábado.

Saio primeiro, senão irei perder meu ônibus. Quando chego no ponto, ele também chega. Sinto-me vivendo cada segundo como se fosse o último. Subo as escadas do ônibus com passos tímidos e aquele aperto no peito. Durante a viagem, só consigo pensar em uma coisa: "Que sufocante, o calor humano me sufoca". Finalmente, chego no meu ponto. Foi difícil descer do ônibus. Vou em direção ao meu trabalho, subo a ladeira como se fosse uma máquina.

Finalmente, cheguei. Começo a trabalhar como se fosse um escravo, todo dia a mesma coisa. Parece que o dia não passa. Finalmente, meu almoço. Sento para comer como se fosse sábado novamente. Depois de comer minha marmita vinda de casa, me senti um príncipe, mas volto à realidade do trabalho. Os blocos

se encaixam como se fosse mágica, e tudo começa a ter mais valor, como se fosse o meu último dia.

Fico hipnotizado, até que começo a voar. Me sinto um pássaro livre, mas, quando abro meus olhos, vejo o meu fim próximo e vem apenas uma coisa em minha mente: "Quanto tempo eu perdi?"

Finalmente, acerto o chão como se fosse um pacote flácido. Em meu último minuto, escuto: "Você morreu atrapalhando o tráfego, depois de uma vida longa de trabalho árduo"

Autoria

Wellington Angelo Cansanção da Silva, 16 anos
Laís Rodrigues Corti, 16 anos



Borboletinha

Referência: Borboletinha - Cantiga popular

Em uma pequena vila, onde a amizade e a natureza espalhavam sua beleza e magia, morava Gislaine, a borboletinha. Uma jovem com um talento especial para cozinhar. Ela tinha sua rotina focada em criar guloseimas, que apenas com o cheiro encantava todos seus amigos da vizinhança. Em um dia comum, ela recebeu uma carta que dizia que sua dinda iria lhe visitar. Borboletinha com tanta alegria por sua madrinha ser sua inspiração, já que era tão sábia e amorosa que sempre a apoiava e a inspirava em suas aventuras culinárias, decidiu fazer algo único.

Sem nem pensar, Borboletinha decidiu presentear sua dinda com seu doce favorito, um chocolate especial feito com ingredientes colhidos do bosque. Com sua cesta em mãos, ela partiu na busca pelos raros e deliciosos ingredientes.

Enquanto caminhava com sua cesta, sentiu uma tensão durante a procura pelo nariz de pica-pau, da árvore mais alta do bosque. Por não ter altura, puxou sua varinha da cesta, estendeu e disse:

— Varinha de condão, me faça ter pernas de pau que me levantem lá em cima.

Empolgada, Gislaine disse as palavras mágicas que no mesmo instante fez com que ela ficasse mais alta, conseguindo chegar no topo da árvore onde vivia o pica-pau com o nariz de cacau.

Lá em cima, a borboleta viu que o pica-pau estava dormindo, então novamente estendeu sua varinha e, silenciosamente, se preparava para dizer as palavras mágicas, quando foi interrompida pelo pica-pau acordando.

— Gislaine, a borboleta? O que está fazendo aqui? Disse pica-pau desconfiado.

— Olá, pica-pau! Eu só vim te visitar. . . Respondeu nervosa.

— Visitar- me? Mas e essa varinha, veio me visitar também? Perguntou.

— Eu estava, estava.. Olha ali!!! - ligeiramente, disse Gislaine.

— Varinha de condão, me dê o nariz do pica-pau e ponha um nariz de imaginação. Disse rapidamente entendendo sua varinha antes mesmo que pica-pau percebesse.

— Não tem nada lá.

— Eu acho que devo estar delirando, mas já estou indo. Adeus, Pica-pau!

Gislaine, com o ingrediente mais difícil do bosque, foi correndo alegre até a feira, que ficava próxima dali.

Depois de um tempo, Gislaine chegou em casa e o momento mais esperado começou a acontecer, colocou a panela no fogão, acendeu o fogo e começou a cozinhar, também acompanhada de sua canção.

A hora aguardada finalmente chegou, quando a tão esperável dinda havia chegado, Gislaine sentou-se com sua madrinha e a entregou o chocolate. Com tanta emoção, ela saboreou o doce e seus olhos brilharam como os de vidros! Compartilhando que sua expressão era mais do que um simples chocolate, era o amor, a dedicação e o prazer de borboletinha tornado em um presente especial.

— Gigis, você está cada vez melhor na cozinha! Estou tão orgulhosa da minha menina... Falou dinda apreciada.

— Apreendi com a melhor madrinha do mundo! - afirmou Gislaine.

E assim, com o coração cheio de alegria, borboletinha e sua madrinha saborearam juntas aquele momento marcante e único.

Autoria



Let's go 4

Referência: Let's go 4

Era uma dessas tardes, em que o vento balançava as folhas da enorme árvore do pátio da escola. Em volta dessa mesma árvore, conhecido como “Canto da Amizade”, um grupo de garotas conversavam e agradeciam pela vida. Elas riam, conversavam e brincavam. Ah, como brincavam! Celebravam o direito à igualdade de gênero e ao poder que emana de dentro de cada uma.

Tem mulher que não depende de homem, diziam elas. Na verdade, nenhuma deveria depender. Eram palavras que reverberavam no ar, cheias de uma verdade inconteste. A vida ali, naquele pequeno canto do mundo, era uma celebração contínua de liberdade e força.

Eu observava de longe, com um sorriso no rosto, sentindo o poder dessas garotas. Eram minhas amigas, cada uma com sua história, suas lutas e suas conquistas. Empoderar minhas amigas era meu propósito, minha missão de vida. Elas gostavam de ganhar um “presentin”, claro, mas o brilho em seus olhos era mais intenso quando celebrávamos suas vitórias, grandes ou pequenas.

Era uma troca constante. Eu era seu apoio, um ombro amigo, um ouvido atento. E elas, em troca, eram minha inspiração. Havia uma beleza em sua delicadeza, que andava de mãos dadas com uma determinação inabalável. Desistir? Nem pensar! Desconheciam essa palavra.

Cada sorriso, naquela tarde, era uma declaração de amor-próprio, uma reafirmação de que, juntas, eram invencíveis. Entre risos e gargalhadas, trocavam confidências, segredos e sonhos. O barulho do mundo lá

fora parecia distante, insignificante diante da força que compartilhavam ali.

Enquanto a tarde avançava, eu me sentia grata por fazer parte daquele círculo de garotas extraordinárias. Elas me ensinavam, dia após dia, que a verdadeira força não está na ausência de medo, mas na coragem de enfrentá-lo. E ali, no “Canto da Amizade”, compreendi que o apoio mútuo e a celebração das conquistas eram o que tornava a vida tão rica e significativa.

E assim, sob a luz suave da lua e o calor da amizade, encerrávamos mais uma tarde de celebração. Sabíamos que, no dia seguinte, a luta continuaria. Mas, por enquanto, bastava saber que tínhamos umas às outras. E isso, por si só, já era uma conquista.

Autoria

Alexandre Carvalho da Silva Fernandes, 11 anos

Beatriz Vitória Arnaut Santos, 10 anos

Jonathan Jesus da Silva, 11 anos

Joyce Thais Quispe Merlo, 10 anos

Lucas Ribeiro, 10 anos

Maria Clara Oliveira Santos, 10 anos

Millena Mayana de Oliveira dos Santos, 11 anos



Referência: Oba lá vem ela – Jorge Ben Jor

Era um daqueles dias em que o sol e as ruas se enchiam de cor e movimentos. As pessoas caminhando nas calçadas, com sorrisos contagiantes e alegres.

De repente, lá vinha ela, uma figura cheia de energia, com passos firmes, com brilho e confiança nos olhos, contagiando todos ao seu redor. Sua presença despertava algo que ninguém conseguia decifrar.

Eu sabia que ela nunca seria minha - e não só eu - todos também sabiam. Mesmo assim a admirava de longe, observando com atenção cada passo dela.

Quando ela passava ao meu lado, ela nem notava minha existência. Eu não me importava se ela não me olhasse... pois meu sonho era ela.

Autoria

AEL MAURÍCIO DE SOUSA | EMEF ALEXANDRE VANNUCCHI LEME

Claudia Ferreira de Rezende

Coordenação de estudos literários e teatrais

Ana Rayane Barreto da Silva, 13 anos

Eduardo Martins Silva, 13 anos

Giulia Gimenez Azevedo, 13 anos



Aquarela

Referência: Aquarela - Toquinho

Fazia tempo que Giovana, uma garotinha muito inteligente e dedicada, pedia para sua mãe uma festinha de aniversário. Ela completaria seis anos em poucos meses. Sandra, sua mãe, criava seus três filhos sozinha, pois era viúva. Trabalhava como atendente numa lanchonete, já planejava uma festinha surpresa, organizava tudo com muito carinho.

Convidou a vizinha, a melhor amiguinha de Giovana, alguns coleguinhas da creche, primos e primas. E os avós maternos Bento e Dinah também estariam lá. Ela pediu segredo a todos, inclusive para seus filhos mais velhos. E tudo correu como ela havia planejado.

Chega o grande dia! Sábado, o quintal da casa estava totalmente enfeitado com balões coloridos, uma mesa linda com docinhos variados e um bolo confeitado com a foto da aniversariante, tudo muito simples e lindo. Giovana parecia uma princesa com seu vestidinho azul bebê, a cor que ela mais gostava. Estava ansiosa com a chegada dos convidados.

E num piscar de olhos, o quintal já estava cheio de crianças brincando de pega-pega, pique-esconde, meu mestre mandou... todas as brincadeiras eram conduzidas pelo avô Bento que era uma eterna criança. Todos se divertiam muito.

Ao entardecer, Sandra chama todos para cortar o bolo, o sorriso estava estampado no rosto de Giovanna - ela estava muito feliz com a presença de todos. Apagou as velinhas e fez seu discurso "Esse está sendo o dia mais feliz da minha vida. Obrigada Papai do Céu". E o primeiro pedaço do bolo ela deu para mamãe, não poderia ser diferente.

Depois da comilança, a garotinha resolveu abrir seus presentes. Eram vários: maquiagem, ursinho de pelúcia, jogos, roupas, bijuterias..., mas o que mais chamou atenção foi uma tela grande, uma palheta de tinta com cores variadas de aquarela e muitos pincéis, trazidos pelos seus avós Bento e Dinah.

Giovana ficou encantada e chamou seus irmãos e os convidados para colorir. Cada criança escolheu uma cor e fez uma figura na tela. O vô Bento só observava. Foi surgindo uma gaivota, um beijo azul, um avião rosa e grená, luzes coloridas, castelo, um garoto a caminhar, luva, guarda-chuva, barco à vela, sol amarelo, passarela, muro... quando não tinha mais espaço na tela, a garotinha chama o vô Bento para conferir a arte. Emocionado, ele diz às crianças que elas tinham acabado de ilustrar a música Aquarela. Tirou o celular do bolso e colocou a música para tocar. Ao ouvirem a música, as crianças e o vô Bento se abraçaram e começaram a dançar. Era como se as figuras saltassem da tela e acompanhassem a dança das crianças.

Eles não viajaram para Havaí, Pequim ou Istambul, mas foram todos para o mundo da imaginação.

Que um dia enfim descolorirá.

Autoria

Ana Julia dos Santos Amaral, 13 anos

Ana Rayane Barreto da Silva, 13 anos

Eduardo Martins Silva, 13 anos

Gabriella da Silva Nascimento, 13 anos

Giulia Gimenez Azevedo, 13 anos

Inara Vitória de Paula Francisco, 12 anos

Lais Barbosa Cunha, 13 anos

Nathally Rayssa da Silva Souza, 12 anos



Tocando em frente

Referência: Tocando em frente - Renato Teixeira e Almir Sater

Ando devagar porque já tive pressa, pressa para ser mãe, esposa e tantas outras coisas que as mulheres podem ser. Penso que cumpri a vida. Falo por muitas mulheres guerreiras, sonhadoras, empoderadas que querem vencer a vida. Viemos do Nordeste em busca de realizar nossos sonhos. Quando chegamos em São Paulo, ficamos encantadas em abrir a torneira e sair água, pois no Nordeste não tinha água encanada. Tínhamos que ir buscar muito longe em rios com vasilhas de pano na cabeça para pegar água. Geovana, a mais nova do grupo, nossa princesa já tem uma história de vida e superação, sempre foi de São Paulo, mas é uma jovem que está sempre mudando de lugar, o que ocasionou o distanciamento dos estudos, porém agora encontrou seu lar. Já fincou seu endereço certo e estuda no CIEJA de Guaianases, retomando os estudos em sua vida e correndo atrás do seu sonho. Cada uma de nós conta um pouquinho de nossas histórias para que as pessoas saibam o quanto somos vitoriosas e carregamos a coragem de ser feliz e ser capaz.

Autoria

Edileusa Maria de Oliveira, 65 anos

Zélia Maria dos Santos, 67 anos

Maria Raimunda Miranda Correia, 65 anos

Creuza Rosa da Paz, 57 anos

Geovanna Duarte Rocha, 16 anos

Zélia Araújo dos Santos, 59 anos

Luiza Helena da Silva, 62 anos

Isabel Castro dos Santos, 61 anos

AEL PATATIVA DO ASSARÉ | CIEJA ROSA KAZUE INAKAKE DE SOUZA

Joelma Oliveira de Santos, Natasha Sonna Santos Verde

Coordenação de estudos literários e teatrais



Eu só quero um xodó

Referência: Eu Só Quero Um Xodó - Dominginhos

Eu gostaria de alguém para conversar. Sinto-me tão só, gostaria de alguém para desabafar. Conheci o meu esposo quando era jovem, começamos a namorar e surgiu uma princesa, que é minha filha. Depois de um tempo nos distanciamos, porque ele não quis nada com nada, como muitos no Brasil. A minha amiga- casou-se nova também - com o primeiro namorado, tendo seu primeiro filho com 16 anos, foi morar na zona leste com ele. Teve cinco filhos, quando eles eram pequenos as coisas não deram certo e veio a separação, agora ela é muito feliz com seus cinco filhos e está vivendo. Ela pode estudar e correr atrás dos sonhos perdidos. Assim como muitas mulheres, que antes não podiam fazer o que queriam, agora podemos estudar para ter uma vida melhor. A minha superação é estudar no CIEJA, estou feliz demais pelo apoio que a escola nos dá, temos ótimas professoras, ótimo diretor e estou muito bem, sou bem acolhida, e estou muito feliz de estar aprendendo. A escola é como uma mãe para mim. É muito importante, tem gente que se formou e sempre acaba voltando porque a escola é ótima, vejo meu futuro agora, vou continuar estudando. Superei muitas coisas em minha vida, separações, hoje eu canto e faço teatro e arrumei uma nova vida para mim, agora posso dizer que sou feliz e espero que a felicidade me acompanhe para sempre.

Autoria

Ana Camila, 42 anos

Anailde Batista, 55 anos

Edilaine Cintra, 53 anos

Márcio Severino, 55 anos

Maria Helena Santos, 62 anos

Michirle Rodrigues da Silva, 45 anos

Silvia Augusto Chagas, 50 anos



Dias na vida

Referência: Não creio em mais nada - Paulo Sergio

Há manhãs na vida
Em que o sol aparece
E seu calor pousa sobre a pele
Anunciando um novo dia
Dizendo: a gente vai conseguir
Seu brilho que atravessa a janela
Como um raio de esperança
E aquece seu coração.

Há dias na vida
Em que o céu está nublado
A grama mais cinza
Os prédios mais tristes
Não sei o que faço.

Há tardes na vida
Em que provam
Que os finais também podem ser lindos
Mas mesmo assim esperamos
Para ver o sol novamente

E há noites na vida
Onde os céus se escurecem
O sol se foi
Tudo é mais frio
Mesmo se perdendo no escuro

Procuremos a luz da lua
A companhia da beleza
Das estrelas
E aí nos encontramos na vida.

A luta pode ser difícil,
Mas é um incentivo de aprendizado, a
continuidade.
A nossa vida é baseada na nossa luta
Para sobreviver é preciso lutar.

E se tudo der certo vamos vencer
Como todos os dias.

Autoria

Isabella de Queiroz Macedo, 13 anos
Heloísa Vitória Vieira Lima, 12 anos
Maiara Pereira Camilo, 13 anos
Milenna Vieira de Souza, 14 anos
Vitória Neves Tavares de Souza, 13 anos
Anna Paula Xavier de Souza, 11 anos
Rafaella Belline Manoel, 12 anos
Isabelly Batista Alves, 13 anos



Capítulo 4 versículos 3, salvando vidas

Referências: Salva vidas - Haikaiss / Capítulo 4 versículos 3 - Racionais MC's

Pátria amada Brasil

"Pátria amada Brasil" com tudo que aqui já aconteceu...

Mais um ano que se passa e tudo que foi dito não mudou absolutamente nada

Os racionais MC's disseram há muito tempo que:

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais

Já sofreram violência policial

A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras

Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros

A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo

Aqui quem fala é primo preto mais um sobrevivente"

Somos sobreviventes.

Somos flores no asfalto

Crescendo contra as regras do sistema.

E até quando vai ser assim?

Até quando vamos sobreviver e não viver?

Até quando vamos parar de escolher o que vamos fazer?

Se eu me revoltar contra o sistema?

Se eu reivindicar meus direitos vocês iriam aguentar?

Quando a favela se revoltar, vocês vão conseguir me respeitar?

"Eu tive um sonho um dia e olha que ironia

Um sonho que apenas acordado se cria

Pois era mais uma mulher com suas crianças nos braços

Confiando nas pessoas erradas"

Falsas promessas para o povo pobre da periferia

Não é ficção, faz parte da realidade do dia a dia

Já aconteceu com o mundo,

Você entende a minha rebeldia?

Mas vou transformá-la em rima.

Somos o efeito colateral desse mundo injusto"

Daria um filme

Essa vida

Com certeza daí, você sente o gosto amargo da frustração...

Foi difícil me enganar e dizer que não

E eu não estou aqui pela minha ética moral

Com seis anos, já me vejo olhando para o mal

A primeira tentativa de assédio sexual.

"E eu digo a primeira porque já se foram tantas...

Que até perdi as contas...

Como sempre eu saio como culpado e errado da história".

Até quando seremos apenas a estatística no noticiário.

Vou furar a bolha, romper com o sistema

E dar voz aos dilemas da minha periferia.

Erguer a voz através da literatura, da música e da poesia.

Mostrar para todo mundo a nossa indignação.

Autoria



Lágrimas negras

Referência: Lágrimas negras – Gal Costa

Sem esse lance de "Era uma vez",
O ano era 1974,
Uma pretinha da favela,
Chamada Gal

Gal, amava um rapaz,
Preto igual a ela,
Jovem, e mais um daquela favela.

Em sorrisos negros, encontrava-se o casal
E sonhos, simples e inimagináveis

Gal estava feliz, fortes como o aço,
Ela assentia-lhes um forte abraço.

Um dia, sorrisos negros morreram,
Sorrisos negros que se tornaram luto negro.
Que de uma família negra perdeu mais um filho
Por ser "confundindo" na favela.

E aquele rapaz, deitado no chão,
chorava negro, com suas lágrimas sangrentas
Chorava lágrimas negras.

Gal via as lágrimas, caindo, saindo e doendo.
Logo o enterro começou,
O sofrimento de Gal gritando no peito disse:

– JUSTIÇA ÀS LÁGRIMAS NEGRAS!

Autoria

Geovana Fontes Marques, 12 anos
Guilherme Vittorio Odoni Alves, 13 anos
Yasmin Chioma Galvão Iwuji, 12 anos
Giovanna Gabrielly Nunes Rufino, 13 anos
Chioma Costa Okeke, 12 anos

DRE IPIRANGA

f



E



A

P

L



L



Casinha de sapê

Referência: Casinha de Sapê - Tim Maia

Não estou disposto a esquecer seu rosto de vez, mas acho que já virou algo normal, gostar de quem não gosta de mim.

Deveria ter aproveitado cada ida para faculdade juntos, cada dia em que dividimos o mesmo guarda-chuva, e depois parávamos na lanchonete da esquina para comer nosso croissant de queijo, que o padeiro não poderia deixar de fazer nos dias chuvosos. Cada despedida no portão, parecendo que na manhã seguinte não estaríamos indo para faculdade juntos de novo. A sexta-feira da pizza em que nossas famílias se reuniam, o que não era difícil por sermos vizinhos. E todo final de semana que, desde criança, viajávamos para a fazenda da sua família. O GPS que sempre parava de funcionar. As brigas para escolher as músicas do rádio.

Quando chegávamos era uma correria para abraçar seus avós, ver tudo o que estava preparado, especialmente para nós. E claro, ir para a nossa casinha de sapê, perto do bosque. Decoramos ela inteira com fotos de quando éramos crianças, desenhos e margaridas que cresciam em todo o campo. Eu poderia ficar ali a tarde inteira lendo, ou melhor, vendo seus olhos de jabuticaba que tinham um brilho, enquanto acompanhava a leitura.

Mas você preferia correr na grama. Seus cabelos voando com o vento. E quando se cansava, organizava um piquenique com frutas colhidas no pomar, geleias e pães que sua avó fazia. Mesmo nos dias quentes, eu pedia um café fervendo. O aroma fresco das flores. A

grama que ficava presa em nossos corpos ao deitar para ver o desenho das nuvens.

Quando o sol já estava se pondo, era a hora de pegar os ovos das galinhas. Até chegar na cozinha sempre faltava algum na cesta, porque eu quebrava nas nossas brincadeiras. E você ria das minhas mãos melecadas. Ao tirar o leite das vacas, você usava um avental. Eu não gostava muito, porque tapava sua marca de nascença com formato de coração.

Será que daria certo? E se nossas famílias se distanciassem? E a amizade acabasse? Fui remoendo e amadurecendo uma ideia.

Tomei coragem. Planejei que, no final de semana, iria me declarar. Ela não me convidou para irmos à fazenda. Então decidi fazer uma surpresa, pois se demorasse mais eu poderia perder a coragem, além da ansiedade que me corroía.

Eu é que fui surpreendido. Ao chegar, sua família me recepcionou e avisou que você estava na nossa casinha com outro. Outro. Tive a certeza quando eu fui até lá, e vi, sua expressão foi de espanto e pena. Me apresentei para ele, porém o que eu mais queria era sair dali o mais rápido possível e nunca ter tido a ideia da surpresa.

Autoria

Ana Clara Pereira da Silva, 15 anos



Na sua estante

Referência: Na sua estante - Pitty

Nossas vidas se cruzaram como uma dança, uma coreografia intensa. Bruna era uma mulher com sonhos vibrantes, cuja energia a levava além dos limites. Eu admirava sua determinação, mas às vezes essa necessidade por coisas novas a fazia esquecer-se das consequências de suas atitudes, as quais ela não dava importância. Cada deslize que ela cometia fazia com que meu coração fosse dilacerado aos poucos, como se fosse um pecado que eu não podia ignorar.

Muitas vezes eu me encontrava perdido sem ela, me perguntando o que seria de mim, o que eu faria, o que eu sentiria. Minha vida havia perdido o sentido. Enquanto ela somente conseguia pensar em si mesma, em um mundo distante que ela mesma criou, onde nada e ninguém importava, a não ser ela mesma. Eu gostaria de ser aquele que ela amasse, aquele que traria ela para perto, mas ela sempre se distanciava dizendo não estar pronta para um relacionamento, fazendo com que existisse um vazio em minha vida.

A sensação de abandono crescia dentro de mim, deixando minha alma cada vez mais inquieta. Se ao menos ela tivesse me dado um sinal, mas nem uma palavra sequer. Isso teria ajudado a acalmar a tempestade que crescia em meu peito. Pareço louco por ainda acreditar que ela voltará, mas acho que com o tempo tudo isso acaba. Sempre estarei aqui, esperando por um vislumbre de reconhecimento do meu amor nos olhos dela.

Bruna vem e vai, como as ondas do mar, e então ela partiu. Decidi me restabelecer emocionalmente, esse vai e vem, toda essa inconstância fazendo com que eu criasse esperanças para nosso amor impossível. Eu precisava proteger o meu coração da incerteza de sua presença, me mantendo firme e com a cabeça erguida. O sorriso dela costumava me acalmar, mas sei que não posso ser somente uma marionete para ela, alguém que esteja sempre disponível, mas nunca ter sido correspondido.

Hoje, dei a mim mesmo a certeza de não procurar mais por ela, mesmo que eu ainda a ame. Apenas por hoje, decidi não permitir que sua presença me entristeça diante de suas escolhas incoerentes, mesmo que eu ainda anseie por ela. Eu estava cansado de chorar feridas que não se curavam, mas sei que toda essa ausência vai passar.

Autoria

Julia Lira Ribeiro, 14 anos



Pactos

Referência: Pactos - Jorge e Mateus

Isso costumava ser o nosso lema.

Tínhamos feito um piquenique porque você havia me contado que amava locais abertos, ar puro, ver o pôr do sol e sentir a grama em seus pés. Você usava um vestido florido e, por cima, minha jaqueta. Seus cabelos voavam com o vento e era impossível desviar do seu olhar. Mas o que mais me encantava era aquele sorriso, aquele lindo sorriso que mostrava suas covinhas e esbanjava pura doçura.

Minha memória favorita é de quando a vi pela primeira vez. Eu estava passando em frente a um parque e percebi a bela garota com os cabelos despojados e a pele dourada que refletia sob o sol, sentada entre as flores, lendo um livro. Foi naquele momento que entendi tudo o que falam e descrevem naqueles livros e filmes clichês. De repente, tudo fez sentido.

Estamos na época de aconitum, sua flor predileta. Você costumava dizer que ela era subestimada por sua aparência, mas que, por dentro, ela poderia ser mortal. Nunca entendi, de fato, o porquê de tanta fascinação por ela. Às vezes, me pergunto por que não te questionei sobre isso.

Eu era, apenas, mais um cara apaixonado, com um coração cheio de sentimentos e louco pelas promessas que seus beijos pareciam ser. Empenhado para demonstrar que estava disposto a qualquer coisa por você.

Estudava por horas sobre cada flor e seus significados, como cuidar delas, onde deixá-las. Sempre atento a mínimos detalhes e curiosidades. Tudo isso só para te impressionar.

Tudo me lembrava você. Uma roupa, um sabor de sorvete, mas principalmente as flores: como você cuidava, plantava, regava e as admirava diariamente.

Brincávamos que florescíamos juntos. Mas uma delas está secando agora. Você não voltou para regá-la. Há noites que eu não consigo dormir.

Você disse que não estava pronta para aquilo; para nós. Era como um contrato que não estava preparada para assinar.

Mas se sentíssemos saudades, poderíamos ligar. Não era o fim, tinha dito que nos reencontraríamos.

E, de repente, você desapareceu. Plantou aquele amor, enlouqueceu e não voltou para regá-lo.

Eu deveria saber. Sentimentos vazios não conseguem preencher os espaços. Mas o vazio ocupa um espaço imenso...

Pergunto-me se você sente o mesmo vazio que eu. Se consegue dormir. Olhar para outros homens e não pensar em mim. Você me ensinou que promessas nem sempre são contratos, e beijos, definitivamente, não são pactos.

Continuo esperando por uma ligação sua. Paro pensando em como seria se você atendesse a alguma das minhas ligações. Ou como eu reagiria se fosse você quem ligasse.

Tenho um texto decorado se acaso você ligar. Mas, com certeza, se eu ouvisse sua voz, eu travaria. Só conseguiria pensar em falar eu te amo, que nunca seriam as rosas que descreveriam nosso amor, pois elas são comuns. O nosso amor é forte e indestrutível como as flores Welwitschia. Queria tanto tê-la em meus braços novamente. Presenteá-la com as flores mais bonitas e radiantes que sempre me fazem lembrar de você.

Nos conhecemos em setembro, mês das flores Ásteres.

A primeira coisa que vem na minha cabeça quando acordo, quando estou cozinhando ou, até mesmo, quando me deito para dormir é quando você retornará e qual vai ser o significado que a flor deste mês representa?

Não consigo deixar de pensar nisso. Você sempre acreditou e se inspirou nos significados das flores. A violeta representa lealdade; a lótus vermelha, o amor e compaixão; a gérbera, recomeços. Me pego pensando qual vai ser o grande significado de quando você retornar, porque sei que você vai.

Autoria



Maria da Vila Matilde

Referência: Maria da Vila Matilde - Elza Soares

— Dorme, neném... – Maria canta baixinho ao ninar Maya, sua filha.
 — Filha, vai dormir antes que o papai chegue! – falou Maria apressada.
 — Cadê o meu almoço, sua idiota – gritou o Thiago ao entrar na cozinha.
 — Eu ainda não fiz, amor, porque eu estava fazendo a Maya dormir.
 — Então vai fazer a minha comida, sua imprestável.
 — Tá bom.
 — Mamãe, mamãe, cadê você? – a criança chamava do quarto.
 — Vai fazer aquela menina dormir, agora.
 — Tá bom, tá bom. Já vou, só não me bate...
 Thiago não atendeu esse último pedido. Sentou-se tranquilo no sofá da sala e ligou a TV. Maria ainda estava a caminho da cozinha quando o homem começou a cochilar.
 — É do 180?
 — Sim, é do 180.
 — Eu queria fazer uma denúncia. É sobre o meu marido.
 — Pode falar, senhora.
 — Meu marido chegou, me perguntou se fiz a comida. Falei não, porque eu estava fazendo a nossa filha dormir.
 — Você está com algum machucado no corpo?
 — Sim, estou com o olho esquerdo roxo e o braço também.
 — Ok. Você pode me dizer qual é o seu nome completo e seu endereço?
 — O meu nome é Maria Alves Paiva, e o meu endereço é Vila Matilde, casa 135.
 — Estou mandando uma viatura. Daqui a uns vinte ou vinte cinco minutos ela chega.

— Tá bom, vem rápido, por favor.
 — Mamãe, o que tá acontecendo? – perguntou a menina olhando do chão da cozinha para a mãe, chorando.
 — Nada, filha. Fica calma.
 — Oh, sua irritante, você já fez a minha janta? – berrava Thiago da sala.
 — Não, amor, a Maya tinha acordado, aí fui fazer ela dormir novamente.
 — Quem você acha que é pra não fazer minha comida? Manda essa criança chata calar a boca! Não existe chupeta pra isso, não?
 — Abaixa a mão, agora! Você tá preso em nome da Lei Maria da Penha! – ordenou o primeiro policial ao entrar na sala de surpresa. Toda a ação da prisão do homem foi muito rápida e Maria assistiu a tudo da porta da cozinha. Um dos policiais se aproximou.
 — Você pode assinar o boletim de ocorrência?
 — Posso, sim.
 — Eu vou me vingar de você! – disse Thiago sendo conduzido para a viatura.
 — Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim... Maria cantava baixinho enquanto assinava o documento.

Beatriz Santos Brandao, 11 anos

Eloa Caroline Alves Paiva, 10 anos

Ester dos Santos, 10 anos

Lorena Biancoli Martins, 11 anos

Marcos Bernardes Eloy, 11 anos

Maria Eduarda Borges Cavalcanti, 11 anos

Pietro Gabriel dos Santos, 10 anos



Sombra boa

Referência: Sombra boa - Márcio de Camillo

Sombra Boa e Maria eram melhores amigos na época de escola. Depois de muitos anos, eles se encontraram em uma sombra boa do antigo ingazeiro e se apaixonaram.

No dia seguinte, Sombra convidou Maria para se encontrarem no mesmo lugar para jantar.

Meses depois, namorando secretamente, os pais de Maria acabaram descobrindo o relacionamento pelas cartas de Sombra Boa e não deixaram mais a filha se encontrar com o namorado.

Até que uma noite, Sombra Boa resolveu pular a janela de Maria para fugirem e terem vários filhos. Ele tinha vários planos, mas o pior aconteceu, pois Maria estava prometida como noiva para se casar com Sombra Ruim, o primo de Sombra Boa. Os dois acabaram discutindo:

- Sombra, você não me mandou mais nenhum e-mail!
- Mas, Maria...
- Nem mais nem menos !

O tempo passou e, no dia do casamento de Maria e Sombra Ruim, o padre disse:

- Caso tenha alguém contra esse casamento, fale agora ou cale-se para sempre!
- Eu tenho! - disse Sombra Boa
- Fale, meu filho - disse o padre.
- Sombra Ruim está traindo Maria com Bruna!

— O quê? - dizem os convidados olhando para Bruna que é uma das madrinhas.

Maria quase desmaiou. Quando recupera o fôlego, fala:

— Seu safado, seu traidor! Eu te odeio, você me traiu!

Sombra Ruim ficou vermelho de raiva, pegou na mão da madrinha e disse:

— Corre, Bruna!

— Corre, Sombra Ruim - respondeu Bruna desesperada.

A celebração virou uma bagunça, os convidados começaram a discutir entre si até que o padre pegou o microfone, mandando todos ficarem quietos:

— Já aproveitando o momento, Sombra Boa, aceita se casar com Maria?

— Sim, claro!

— E você, Maria, aceita se casar com Sombra Boa?

— Deixa eu pensar... Sim, aceito com toda certeza!

— Então podem se beijar!

O pai da noiva pegou o microfone e anunciou:

— Gente, hoje vai ter festança lá no ingazeiro!

Autoria

Ana Carolina Ramos, 10 anos

Enzo Gabriel Batista Mendes Custodio, 9 anos

Melissa Pereira da Silva, 9 anos

Rafaella Ramos de Souza, 9 anos

Victor Hugo Rabelo, 10 anos



Vem Senhor

Referência: Vem Senhor - Stella Laura

Uma menina que se chamava Sarah nunca tinha ido pra igreja. As amigas dela imploravam pra ela ir. Um dia Sarah decidiu ir e, quando chegou lá, a pastora estava cantando “Vem senhor”. A menina se sentiu muito emocionada com a música.

Quando voltou para casa, Sarah começou a fazer faxina na casa toda. De repente, ouviu um barulho na porta e foi correndo ver o que era, mas o chão estava molhado e ela escorregou e ficou 56min desacordada. A família dela a encontrou e foi correndo para o hospital.

No hospital, o médico disse:

— O tombo foi muito feio, ela quebrou a perna e vai ter que fazer uma cirurgia muito arriscada.

A família de Sarah ficou muito desesperada, a mãe dela chorou muito. Os irmãos, as amigas, os avós, todos os parentes ficaram muito preocupados.

No dia seguinte, ela recebeu a visita da pastora que cantou a mesma música cantada na igreja e Sarah se emocionou, chorou e acabou dormindo. A pastora deu um beijo e, quando chegou em casa, ela foi orar por Sarah.

Sarah acordou curada na manhã seguinte. Ela disse obrigada a Deus. Sua família ficou muito feliz. Ela recebeu alta, foi para a casa dela e comemorou a sua volta.

Autoria

Amanda dos Santos Malvezzi, 9 anos

Kauany Rodrigues Fonte, 10 anos

Lorena Vitoria Rodrigues Botelho, 9 anos

Sophia Maciel Santiago, 10 anos

Sophia Mirella Pereira Martins, 11 anos



Aquarela

Referência: Aquarela – Toquinho

Um dia, nós, as cores primárias e secundárias, nos revoltamos e chamamos o Multicolor, pois queriam acabar com um inimigo o Multi C.

Mas quem é Multicolor, e quem é Multi C?

Ah! É claro, o Multicolor é um super-herói arco-íris responsável pela cor do mundo e o Multi C... sim vou explicar: é a cor cinza. É, nós temos um vilão, a cor cinza, que apelidamos de Multi C. Será que pegou mal?

Mas também ele não entendia sua importância e as outras cores, ou seja, nós, as cores primárias e secundárias tínhamos preconceito com ele, pois deixava os desenhos cinza e o melhor - ou pior - é que o próprio Multi C não sabia de sua importância e ficava muito solitário.

Não queríamos ele compondo as artes.

Um dia as cores neutras nos perguntaram: — Mas vocês já pensaram que a cor cinza faz parte do nosso cotidiano? Olha, o céu quando está nublado e uma chuva se aproxima, ou na estação de inverno, quando a temperatura está mais baixa, pode deixar o tempo acinzentado, o sol encoberto e o tempo fechado, mas não triste. É um momento da natureza, e na verdade o cinza é a junção do preto com o branco e tem mais...

Sim! Nós sabemos disso, mas o Multi C não!

Neste momento, o Multicolor teve uma ideia genial para não deixar o Multi C solitário. Ele se vestiu de palhaço, bem colorido e engraçado, e falou para as cores primárias e secundárias o chamarem. Para continuar seu plano, todos se vestiram de palhaço e criariam uma bo-

linha de sabão mágica, bem colorida e gigantesca, porque todo mundo sabe que as bolinhas de sabão tem um arco-íris em volta e assim que envolvesse o Multi C ele se tornaria uma cor nova e alegre.

Mas ele é uma cor: a cor cinza!

É! Não deu certo!

Multi C foi falar com o Multicolor, que ele não é uma cor má, mas que as outras cores não procuravam entender, nem queriam conhecê-lo. O Multicolor conversou sobre o acontecido.

Na verdade, não era o Multi C que precisa mudar, e sim nosso pensamento, mas não sabíamos o tamanho do mal que causávamos a ele. Neste momento, resolveu tomar providências, e fez cartazes com as seguintes frases:

“não julgue o livro pela capa”

“às vezes a timidez esconde seres incríveis”

“não julgue pela aparência”

Para ajudá-lo, Multi C pediu ajuda aos objetos de colorir: as massinhas, os lápis de cor, os guaches, as tintas, chamou todos os pincéis, as canetinhas, os giz de cor e foi buscar ajuda também do urucum, do pau-brasil, do jenipapo, e de todas as plantas, flores, legumes, frutas, e tantas outras que colorem. E se uniram nessa jornada. A revolução aconteceu no país das cores onde todos eram bem-vindos.

Cores pigmentos e as cores luz, todos os envolvidos em um único objetivo: pintar para colorir e alegrar.



Do branco ao preto, passando pelo cinza e pelas cores primárias e secundárias, todos faziam parte de uma grande aquarela.

A turma colorida teve muito trabalho, mas mostrou a importância das cores nos seus mais variados tons, que todas as cores são parte da natureza, e a natureza somos nós, nem melhor, nem pior, mas todos importantes.

Nos sensibilizamos e entendemos que o movimento criado pelo Multi C mostrava que não era certo excluir, que não era certo isolar, que não era certo difamar. Nos sentimos muito mal de fazer isso com o Multi C e, a partir desse momento, entendemos a importância da cor cinza, que ela vinha do preto e do branco e que todos devem se unir para o bem comum.

E qual foi a grande surpresa! O Multi C também é formado a partir da mistura de nossas cores. Sim! primárias e secundárias, ou seja, tudo é uma grande mistura formando diversos tons.

A cor não é apenas um detalhe, é importante, pois carrega sentimentos e histórias. O preconceito é muito ruim, afasta e causa dor. Nunca mais excluímos nenhuma cor.

A partir desse dia, todas as cores e todos os objetos que colorem se juntaram para discutir sobre o preconceito. E eles criaram uma poesia juntos chamada: *Amizade Colorida*.

*A amizade é colorida
Não importa!, não desanima!
Não é quente, nem é fria
Não importa a capacidade
É bem aqui a nossa amizade
Aqui nessa cidade
Construída com afeto
Deixa chegar perto!
E, ilumina nossa vida!
Todo mundo é legal
Aqui ninguém tem baixo astral
Não importa se é branco, preto ou cinza
Não importa se é colorida
Com todas juntas podemos brincar
Nada vai nos parar
Tempo frio ou tempo quente
Vem colorir com a gente.
Desse dia em diante, houve uma grande transformação!
Agora todos podem pintar e demonstrar seu coração
Neutro ou não
O que vale é que no papel
Todo artista, coloque emoção.*



Olhos coloridos

Referência: Olhos coloridos – Sandra Sá

José e seu amigo Jamil estavam se preparando para ir a uma festa junina no Centro de Tradições Nordestinas. Tanto José quanto Jamil estavam muito animados para ver seu amigo Nathan dançando quadrilha, pois era um amigo que eles não viam há muito tempo, já que Nathan morava em outra cidade.

Chegando no local, José e seu amigo estavam na fila, até que chegou a vez de eles entrarem, o segurança pediu para ver os seus documentos.

O segurança alega que os documentos de ambos eram falsos, Nathan vendo uma movimentação estranha resolve ir ver o que estava acontecendo, com medo de ser algo com seus amigos. Chegando lá, ele vê seu grande amigo José discutindo com o segurança.

— Você está me barrando só por que sou negro? Eu sou sarará crioulo e você também é! O sangue que corre em minhas veias, corre na sua também, todos nós somos sarará crioulo!

O segurança ao ouvir a verdade e se sentiu ofendido. Começou a agredir José. Nathan tentou separar os dois, enquanto Jamil foi procurar por algum policial. Estranhamente, o policial, ao chegar no local, ao invés de dar razão para José, deu a razão para o segurança alegando que José e Jamil agrediram verbalmente o segurança.

Esse policial obrigou José e Jamil a entrarem no camburão, eles foram levados para a delegacia e ficaram

presos por cerca de 3 horas. Nesse tempo, o policial e o segurança ficaram conversando. Ao sair da sala, o delegado dispensou Jamil e José dizendo que eles poderiam ir embora. José e Jamil saíram tão chateados que não tiveram nem forças para questionar nada.

Um ano se passou e José e Jamil contam essa história em escolas como sinônimo de superação e encerram dizendo “eu sou sarará crioulo, você é sarará crioulo, o sangue que corre nas minhas veias corre na sua e na de todos. Nós todos somos sarará crioulo!”

Autoria

AEL WALCYR CARRASCO | EMEF JOAQUIM NABUCO

Kátia Biroli

Coordenação de estudos literários

Ana Vitória Diniz Oliveira, 11 anos

Gloria Tereza de Almeida Nascimento Matos, 12 anos

Maria Luísa Mendes Frois, 11 anos

Talyssa Aparecida Santos Bissoli Pena, 11 anos



Olhos Coloridos

Referência: Olhos coloridos – Sandra Sá

Hoje, dia 18 de junho de 2024, realizo esta palestra com muito orgulho e felicidade, mas antes de terminá-la quero contar para vocês uma história.

Certo dia, uma garota chamada Estefany estava em seu primeiro dia de aula e, ao chegar na escola, estava um pouco perdida, pois não sabia onde ficava sua sala, então encontra uma menina no corredor e decide perguntar:

— Com licença, poderia me dizer onde fica a sala do 8ºA, estou ainda um pouco perdida, pois sou aluna nova. Prazer, me chamo Estefany.

A garota olha para ela com desdém, de cima a baixo e diz:

— Claro flor, posso sim. Prazer, Júlia.

Então, Júlia leva Estefany até a sua sala, lá ela escolhe uma carteira, se senta, começa a se organizar para a aula e agradece Júlia.

Durante um tempo tudo correu bem, depois percebe que os alunos aparentavam ser mais velhos e se sente um pouco desconfortável, mas decide ignorar e continuar na aula, até que a professora pede para que os alunos peguem o livro didático.

Nesse momento, ela percebe que aqueles alunos realmente eram mais velhos que ela, leu na capa do livro de uma colega que estava ao seu lado “Livro Didático - Ensino Médio”. Ela decide avisar a professora, que finalmente a leva para a sala correta. Durante o percurso, se pergunta por que Júlia a teria levado para a sala errada. Ou se aquilo teria sido um engano dela. A professora interrompe seus pensamentos e diz:

— Como você foi parar numa sala tão distante da sua? Bom, confusões de sala no primeiro dia de aula são comuns, mas em uma sala tão distante assim, acho estranho. O que ocorreu?

— Na verdade, professora, eu estava perdida e decidi pedir ajuda. Acabei encontrando uma menina, chamada Júlia, e ela até quis me ajudar, porém acho que ela ouviu errado ou confundiu as salas.

A professora dá uma risada leve e sincera e logo em seguida diz:

— Oh querida, não sei se rio de sua inocência ou de sua feição confusa. Não podemos acreditar em qualquer pessoa, você devia ter procurado algum inspetor ou adulto. Logo, te aviso que esta garota é encrenca.

Estefany se sentiu mal por ter acreditado, mas deixou de lado e, enfim, chegaram até a sala correta. Ela pediu licença, se sentou e continuou sua aula novamente. Na saída, avistou Júlia, decidiu sondar o que havia acontecido e então Júlia responde revirando os olhos:

— Aí garota! Você de novo? O que você quer desta vez? Você não percebe que estou com as minhas amigas?!

— Desculpe, eu apenas queria saber por que você me mostrou a sala errada?

Elas riem e Júlia diz com deboche:

— Ah amore, foi só uma brincadeira!

— Como assim uma brincadeira? Qual a graça dessa brincadeira?

— Olha bem aqui para mim, querida, você tem que



entender o seu lugar, o seu lugar é na vergonha e na humilhação.

— Mas por que isso? Por que eu tenho que passar por isso se eu sou um ser humano como você?

— Porque você é preta! Você é diferente de mim! Vaza cabelo de bombril - grita Júlia enfurecida enquanto suas amigas riem e Estefany sai correndo para sua casa.

Ao chegar, ela passa correndo pela mãe e se tranca no quarto, ignorando o “Boa tarde!” da mãe. Chora até dormir e tem um sonho, nele ela vive em um mundo onde não há preconceito. Nesse mundo há pessoas que respeitam o próximo, ajudam aqueles que necessitam e tratam todos como iguais. Durante este sonho, ela vê amigas reunidas conversando, e elas avistam uma garota que está perdida e a ajudam. O despertador tocou e já era hora de ir à escola novamente. Pensando ainda naquele mundo incrível, ela se dá conta que foi vítima de preconceito. Pega sua mochila e vai para a escola, um pouco receosa e pensativa sobre o mundo daquele sonho, ela queria que as coisas fossem como eram lá.

Os meses se passaram e o bullying só piorava, tornando-se cada vez mais agressivo, Estefany não conseguia reagir, apenas deixava com que Julia e suas amigas zoassem sua pele, cabelos e forma de se vestir. E assim, mais um dia ela volta deprimida para casa, se deita em sua cama e dorme, mais uma vez tem outro sonho: ela sonha com sua falecida avó e neste sonho sua avó diz:

— Oh querida! Não chore, venha dar um abraço em sua vó.

E, então, Estefany dá um longo e caloroso abraço em sua vó. Ela sente uma mistura de emoções, tristeza e alegria, raiva e calma e, logo em seguida, sua avó lhe diz:

— Eu já sei o que está acontecendo, minha querida, mas a vovó irá te contar uma história que vai fazer você refletir...

Há alguns anos, um músico chamado Macau sofreu uma abordagem policial em que foi agredido e insultado apenas por ser negro. Com sua revolta, ele disse ao sargento que lhe abordou: “Eu sou negro e você

também é, você é sarará crioulo e o sangue que corre nas minhas veias é o mesmo que o seu, então somos da mesma origem e você é sarará”. Pense nesta história minha netinha...

Estefany acordou assustada e em choque, mas aquele sonho a fez meditar sobre tudo que estava vivendo e, ao chegar à escola, ela caminha em direção à Julia e suas amigas e se pronuncia em relação ao bullying, exprimindo toda sua indignação, e relembra as mesmas frases que Macau disse. As meninas ficam paralisadas e automaticamente pedem desculpas e nunca mais olham para ela com desdém ou descaso.

Bom, pessoal, essa é minha história e para finalizar esta palestra quero chamar uma grande amiga minha... Pode vir, Júlia!

Autoria

Lorenzo Oliveira Amorim, 8 anos
Luana Vitória Campos de Oliveira, 14 anos
Rafaella Oliveira Amorim, 13 anos



Olhos Coloridos

Referência: Olhos coloridos – Sandra Sá

Em um dia ensolarado, Marcos estava com uma ótima sensação, pois iria comprar uma joia para sua esposa.

Até que, de repente, ele foi abordado por um policial que o parou à força. Ele o acusava de roubo dizendo "mãos ao alto, nenhum passo, seu preto! Nem tente se justificar! Tudo em você me mostra que está pronto para roubar!"

Perplexo, com sua raiva aumentando, ele perguntou "Por que está me tratando assim? Sou humano assim como você! Minha cor e minhas roupas não dizem nada sobre mim ou minhas condições!"

Após esta frase, o policial ficou furioso e, mais uma vez, à força o levou para a delegacia.

Ao chegar no local, ele se depara com um ambiente horrível, e por sentir que é inútil resistir, além de não conhecer sequer uma pessoa ali, ele apanha, é maltratado, julgado e descartado numa cela, como algo imprestável e que não poderia fazer nada.

Porém, lhe é concedida uma ligação, ele com seu sangue fervendo liga para seu irmão, que era advogado. Esse sim, teria algum poder em suas mãos, porém antes de ele chegar, Marcos pondera "Por que eu irei agir assim? Talvez, por impulso, mas eu quero mesmo é fazer justiça e não me tornar um monstro para derrotar o outro. Não vou mais me vingar, vou tentar mudar este mundo da forma mais justa possível!". Então, após João - seu irmão chegar - ambos vão embora.

Em casa, ele que é apaixonado por pinturas, grava um vídeo de uma de suas artes contra o racismo e acaba viralizando. Tanto por suas incríveis habilidades no meio, quanto por sua história e caráter! Tornando-se conhecido por muitas pessoas no mundo todo! Até pelos que antes o julgavam, xingavam e o maltratavam. Todos conhecem Marcos e não param de ouvir sobre ele em todos os lugares!

Agora, o sonho dele pode estar mais perto do que nunca, para contribuir para um novo mundo, onde a desigualdade e o desrespeito não existam. Ele sabe que o mundo não é um conto de fadas, em que ele fala e todos irão aplaudir, mesmo com fama sabe que será difícil conseguir essa mudança. Porém, confia em si mesmo. Para conseguir algo, temos que insistir muito, que logo se tornará realidade. Então sua hashtag "#não-aoracismo" corre por todas as redes sociais, e Marcos se contenta com o que fez e criou, pois o novo mundo poderia estar mais perto do que ele realmente imaginava.

Autoria

Enzo Fellype Laudensack Pires, 13 anos
Gabriel Gomes de Oliveira, 14 anos

DRE ITAQUERA

f



E



A

P

L

b



l



L



Leãozinho

Referência: Leãozinho - Caetano Veloso

Caminhando sob o sol da floresta, um leãozinho perdido e com muita sede procurava algo que o pudesse deixar feliz.

Um filhote de leão andando com o coração tão só viu um lago e disse:

— Hum, para desentristecer vou beber um pouco dessa água.

O leãozinho faminto e com sede bebeu tanta água que o peso da sua juba o fez cair dentro do lago e quase se afogou, não conseguindo nadar.

Passava pela floresta neste mesmo instante um caçador, mas não era mau como outros, era bom que até resolveu ajudar o leãozinho a sair dessa situação.

Arrastando o seu olhar como um imã, o leãozinho pedia ajuda tentando alcançar o caçador que conseguiu segurar sua pele, sua juba, tirando-o do lago.

Ufa, que sufoco para um filhote de leão que não sabe nadar, poderia ter morrido, mas com a ajuda do caçador seu coração se alegrou.

Os dois ficaram ao sol dourando a pele e o caçador disse:

— Gosto muito de você leãozinho!

Autoria

Ana Clara Molina de Carvalho, 5 anos

Calebe Oliveira Alves, 4 anos

Davi Brandão, 5 anos

Davi Lucas Frauz Apaza, 4 anos

Elisa Mauga Silva Seuamuli, 4 anos

Gael Lucca Leal de Alencar, 5 anos

Helena Lopes de Melo, 5 anos

Irina Kristen Oliveira Silva, 4 anos

Livia Ester Torres dos Santos, 5 anos

Lorenzo Ângelo Madureira, 4 anos

Luiza Monteiro de Lucas Marques, 5 anos

Maria Helena Lino Cazetta, 4 anos

Monique Gonçalves de Azevedo, 4 anos

Naomi Thereza Venancio Picao, 5 anos

Theo Henrique Menezes de Lima, 5 anos

Vitória Viana de Aquino, 4 anos



Preciso me encontrar

Referência: Preciso me encontrar - Cartola

Mais um dia, mesma rotina, saindo de casa no mesmo horário, fazendo as mesmas coisas, indo ao mesmo local, pelo menos a estação Conceição fica perto de onde eu moro, dá pra ir a pé.

Mesmo metrô... parece que minha mente tá em um estado de decomposição, essa mesmice tá me esmagando, ah... eu faria tudo pra conversar com o velho de novo, eu sei... sempre tentei negar seus conselhos mas, na moral, ele sempre sabia o que podia ser bom ou ruim pra mim.

Isso parece muito algo tipo cinema, uma jovem adulta indo ao emprego, ouvindo MPB no fone e refletindo. A maioria das pessoas ama fone Bluetooth, mas eu ainda curto mais algo dos velhos tempos, não largo mão do fone de fio. Eu definitivamente nessa vida não me encontrei, por isso vivo escutando "Preciso me encontrar" do Cartola, ou talvez seja só por me lembrar dele. Saudades, vô.

Eu entro no vagão e essa lata velha tá cheia, ainda não lotada ao ponto de se comparar com um vagão pré-Sé, mas cheia ao ponto de se parecer com um vagão pós-Sé. Então só fico encostada numa haste de metal.

Não muito tempo depois de eu me acomodar escorada na haste, um senhorzinho, branco, usando vestes verdes, e bem calvo, me chama.

— Ei, mocinha - eu tiro os fones, e olho para ele - você sabe me informar que horas são?

Eu tiro o celular do bolso e olho... 11:11, horas iguais, ainda não aprendi o que significa, meu velho. Falo para

o senhor o horário, ele me agradece e eu volto a escutar minha música. Mas será que o destino existe? Será que eu tenho que mudar? O quê? Por que eu era tão ignorante e nunca quis te escutar? Agora é tarde, cê não tá mais aqui pra me explicar, consolar, aconselhar, ou sei lá. O velhinho me chama de novo e pergunta:

— Ô querida, desculpa interromper sua música, mas você parece estar triste, aconteceu alguma coisa? - sabe quando você tá engolindo em seco teu choro, segurando um nó na garganta e alguém pergunta se você tá bem... e você desaba? Então, foi mais ou menos isso que eu senti. Às vezes, a vida faz sentido demais, não falo muito com estranhos, principalmente, em lugares públicos, mas, na moral, às vezes é melhor só esquecer certas "regras morais de senso comum".

Eu hesito por um momento, mas a necessidade de desabafar é maior, como quando escrevia antigamente, as palavras foram saindo de forma involuntária.

— É só que... eu sinto saudades do meu avô e ele via falando sobre horas iguais e sinais do destino, nunca dei muita bola — a voz sai diferente do que sinto, minha voz saiu apenas seca, vazia — Ele sempre me aconselhava quando eu não sabia pra onde ir e só sabia ir até a casa dele lá em Bom Retiro. Todos os dias parecem iguais e eu não sei mais o que estou fazendo da minha vida, só queria conseguir me encontrar.

Quando eu termino, ele fica em silêncio por alguns segundos, como se estivesse escolhendo as palavras com cuidado, velhinhos geralmente são tão sábios e empáti-



cos a ponto de notar sua mudança de sentimentos com base no teu rosto?

— Sabe querida, às vezes a vida nos coloca nesses momentos de monotonia e dor para nos fazer refletir e, talvez, encontrar uma nova direção. Ria, chore, viva e se alguém te perguntar, diga que só vai voltar depois que se encontrar, assista ao sol nascer, veja as águas do rio correr, ouça os pássaros cantar.

Eu reflito por uns instantes e...

— Espera, esse não é um trecho da música "Preciso me encontrar", do Cartola?

— É sim, levo essa música como um aprendizado e como um conselho, acho que muitos jovens precisam de mensagens assim - faço um movimento de "certo" com a cabeça. — Mocinha, horas iguais nessa situação que está vivendo significam um sinal que você precisa mudar e ajeitar sua vida, que você precisa seguir mais teu coração e viver mais leve.

Eu reflito um pouco, esse velhinho me lembra muito meu velho, nunca prestei atenção nele falando, mas agora que esse senhorzinho falou, pode ser isso mesmo, acho que eu preciso mudar, me encontrar.

Ele se levanta, pronto para descer na próxima estação. Me despeço e ele diz sorrindo gentilmente antes de sair do vagão:

— Espero que você encontre o que procura.

Nunca tive um diálogo tão íntimo, natural e incrível, com um desconhecido... que estranho.

Eu coloco os fones de volta e, por um momento, "Preciso me encontrar" do Cartola soa diferente, não é mais um lamento, mas sim um lembrete de que eu posso e devo buscar meu próprio caminho.

Pego o celular e mando mensagem pra minha amiga do trabalho:

"Oi, não vou conseguir ir hoje, cobre meu turno, please? Juro recompensar isso, 'bjos' te amo" ... ❤️

Hoje é sexta, o último dia da semana para eu ir trabalhar, mas quer saber? Não importa.

Era pra eu descer em Carandiru, mas desço três estações antes, hoje quero que seja um dia pra eu me encontrar, sorrir pra não chorar, lembrar, quero encontrar minha... Luz.

Desço do vagão.

Autoria

Ana Júlia Pereira Dantas da Silva "Anju Silva", 13 anos

Sarah Kathleen Batista de Souza, 13 anos

Anny Ferreira dos Santos, "Poeta Quinn", 14 anos



Naquela mesa

Referência: *Naquela mesa* - Nelson Gonçalves e Raphael Rabello

Era uma mesa comum, de madeira sólida e envelhecida pelo tempo, mas, para o senhor Pedro, carregava uma complexidade emocional imensurável. A cada vez que ele a olhava, lembranças inundavam sua mente, trazendo um misto de alegria e tristeza. A maioria dessas memórias eram vívidas imagens de seu pai, João, que por tantos anos ocupou a cabeceira daquela mesa.

Pedro sempre se recordava de manhãs ensolaradas, onde seu pai, com uma xícara de café fumegante ao lado, compartilhava suas histórias. Seus olhos brilhavam enquanto narrava, com um entusiasmo contagiante em cada conto. E Pedro, que se encantava tanto, além de filho, passou a ser um de seus maiores fãs.

Mas com o tempo, a mesa começou a carregar um peso insuportável. A cada olhar, a cada silêncio, a cada vez que Pedro se sentava naquela mesa com sua mãe, Maria, eram apenas lembranças boas e sentimentos ruins. Pedro lembrava do vazio deixado por seu pai João.

A casa ainda era a mesma, o jardim ainda florescia, o café da tarde em família nunca deixou de existir, porém uma das cadeiras estaria desocupada agora e na mesa se servia apenas duas xícaras de chá e um prato pequeno de biscoito, a mesa parecia mais vazia do que nunca.

Então sua mãe deu início a uma conversa:

— Ame como se não houvesse amanhã e, se houver amanhã, ame novamente.

Pedro se lembrou de todos os momentos bons sentados naquela mesma mesa e agora com uma saudade profunda de seu querido pai, sempre que olhava aquela mesa recordava dos momentos bons, o quanto importante e incrível seu pai tinha sido.

Autoria

Sophia Gomes Martinez, 14 anos

Millena Oliveira Lima, 13 anos

Mima Sofia Doma, 14 anos

Jeniffer dos Anjos, 14 anos

Daniel Lins Barreto Ximenes, 14 anos

Lucas Garcia Domingues, 14 anos

Miguel Barbosa do Nascimento Costa, 14 anos

AEL GRACILIANO RAMOS | EMEF FRANCISCO ALVES MENDES FILHO, CHICO MENDES

Vinicius Custodio de Lima Silva e Raquel Ataíde de Cesare

Coordenação de estudos literários e teatrais



O Sol e a Lua

Referência: O Sol e a Lua - Pequeno Cidadão

Naquela manhã fria, o Sol insistia em brilhar e se destacar entre as nuvens. Júpiter resolveu passear pela ponte, vestindo roupas quentes para se proteger da ventania. As águas que passavam por baixo da madeira gelada estavam extremamente calmas e sem ondas, o parque ao redor estava vazio. Ninguém ousaria sair de casa, com medo de adoecer.

Contudo, para ela, Júpiter era um ótimo dia para relembrar memórias felizes. Já estava com uma idade avançada, beirando os 60 anos e não sabia quando iria partir. Infelizmente, sua saúde frágil não lhe garantia mais muito tempo e queria vivenciar uma última vez aquele momento único.

Passando pela ponte, memórias vagaram por sua mente, foi ali que foi negada por seu grande amor, o Sol. E, também ali, descobrira recentemente, através de uma carta, que Sol tinha pedido a Lua, sua melhor amiga e falecida, em casamento na mesma ponte. Sendo a carta deixada por Lua, dias antes de falecer.

Júpiter, apesar de ter protelado, acabou por descobrir que a carta continha outros detalhes deixados por Lua, esta que gostaria de ter entregado seus segredos para o Sol, porém ele, após o falecimento de sua amada, decidiu fugir para outra cidade do que enfrentar a verdade.

Na carta de Lua, sua melhor amiga revelava seus sentimentos pelo homem. Também mencionava sobre

o pedido de casamento e sua resposta. Ah, se Júpiter soubesse antes que o motivo de sua resposta havia sido ela mesma, talvez tudo tivesse sido diferente. Talvez, não tivesse interferido no relacionamento de ambos ou talvez tivesse brigado com sua melhor amiga e a culpa do pela negação de seu amor, às vezes foi melhor assim.

Respirou fundo o ar fresco, as árvores se movimentavam com a rebeldia do vento e as águas começavam a se agitar. Folhas voaram pela madeira, descansando em algum lugar. Não pôde deixar de imaginar como estaria Sol naquele momento, talvez em algum lugar com uma outra pessoa. No fundo, desejava sua felicidade, na mesma medida que desejava que Lua estivesse bem, onde quer que estivesse.

Uma lágrima correu por sua pele madura, mas seu sorriso não sairia por nada. Então, a nuvem que antes tapava o Sol, se moveu, deixando que feixes de luz iluminassem seu rosto e aquecessem sua pele, acariciando-a gentilmente. Talvez, em outra realidade, Sol e Lua fossem um casal e, em outra, Júpiter teria seu amor correspondido.

E em algum outro lugar, Júpiter estaria escondido pela constelação de Sagitário, eles nunca teriam se encontrado e a história nunca teria existido.

Autoria

Karoline Silva Santos, 14 anos

Sophia Silva Vasconcelos, 14 anos

Emanuelly Costa da Silva Ferreira, 14 anos

Larissa Ramos Oliveira, 14 anos

Linda Mey Feriani Teófilo Fignana, 14 anos

Matheus Domingos da Silva, 13 anos



Apesar de você

Referência: Apesar de você - Chico Buarque de Holanda

Apesar de mim, de você, apesar da dificuldade e repressão na época da ditadura militar, apesar de como os militares governavam e como era difícil desenvolver e viver em sociedade, as pessoas abaixavam a cabeça para tudo e guardavam suas opiniões, sobre tudo, por causa da repressão mantida naquela época, como o governo não deixava ninguém fazer nada, era difícil conviver daquele jeito se reprimindo o tempo todo.

Todas aquelas pessoas só queriam se libertar de tudo aquilo, queriam que tudo aquilo acabasse e que todas as pessoas que estavam fazendo tanto mal a eles pagassem pela sua dor e sofrimento, todos os dias sem poder dizer nada. O governo tem mais poder do que a população e quando entram militares no governo assim, tudo fica tão difícil ... Inflação, estudos, tudo fica pior e piora a cada dia e é o que retrata esta música.

Pessoas que passam por um regime militar no governo, a vida difícil e reprimida que elas passam nesta época, tudo ruim ocorre, mas no fim tudo aquilo vai acabar, toda dor e sofrimento e miséria vai acabar e eles vão se libertar, como a própria música diz “amanhã vai ser outro dia”.

E realmente tudo muda de um dia para o outro, tudo pode mudar com a mudança de um simples governo, como aquilo acaba com a miséria e que tudo aquilo acabou, como o sofrimento foi embora, como o céu já não jorrava tristeza, como as pessoas eram felizes, como as pessoas podiam sorrir de novo, um dia.

Mesmo que tudo esteja indo mal, siga em frente, tudo pode mudar, tudo pode ficar melhor. É só crer na sua capacidade e não perder a fé naquilo em que você acredita, pois um dia, a felicidade vai chegar.

Autoria

AEL KEKA REIS | EMEF AYRES MARTINS TORRES

Aparecida Ferreira e Kelly Cristiane dos Santos

Coordenação de estudos literários e teatrais

Isabel Libabala Kinfuima Vuakiaki, 13 anos

Maria Helena Lustosa Flor, 12 anos

Mel Ramos Navarro, 12 anos



Aquarela

Referência: Aquarela - Toquinho

Eu vejo esse mundo com muitas cores
Cheio de alegria e amores
Vai ficando mais alegre
A gente fica muito mais colorida
Por dentro, a gente fica mais vivo
Quando pintamos
Olhando para baixo
Vejo violência e tristeza
Pessoas malvadas enchem o mundo de depressão
Tenho meus amigos e família que me ajudam;
Posso contar com todos para conversar
A alegria de viver e poder ver o sol nascer
A felicidade está um passo à frente da tristeza, da maldade e da raiva
Eu sempre estarei feliz nesse mundo lindo
Quando eu pego um papel, minha imaginação voa longe
E com ela, a emoção viaja junto com a felicidade
e com isso tem a vaidade que traz tristeza e maldade
Penso nos pobres que conseguem trabalhar com toda dignidade
Mas quando pego o celular, o meu rival me faz perder o foco total
Mas prefiro a leitura e imagino os personagens; me vejo nos livros.
Quando eu pego um papel minha imaginação voa longe.

Autoria

Vinicius Miranda Alves, 11 anos

Gustavo Kenzo Endo Pinto, 11 anos

Jhon Deymar Valeriano Calcina, 12 anos

Davi Soares Almeida, 11 anos

Kauan Tadeu Campelo Bernardes Modesto, 11 anos



Jura juradinho

Referência: Jura Juradinho – Carol & Vitória

Em uma faculdade, havia alunos de todos os tipos que você pode imaginar, sendo eles alunos que gostam de animes, os famosos jogadores de esportes, os geeks de videogame, entre outros, com manias e jeitos totalmente diferentes.

Entre esses alunos, havia uma garota morena de cabelos médios e crespos, cujo nome era Milena, ou para os mais íntimos “Mia”.

Em um dia normal, Mia se despede de seus amigos no portão da faculdade e vai em direção a sua casa. No caminho, ela encontra um garoto que parece ter a mesma idade que ela, parecia perdido e confuso. Então ele se aproxima e pergunta:

— Olá, bela donzela! Por obséquio, poderia me dizer onde fica a carruagem para Volterra?

Antes da resposta, prossegue:

— Desculpe minha formalidade, bela moça. Meu nome é Dante e é um gracioso prazer conhecer a vossa senhoria.

Dante fala com seus cabelos ruivos ao sol, aparentando ter 1,70 de altura e demonstrava estar muito confuso. Vestido com um terno bem ultrapassado, questionava como as carruagens andavam sozinhas e como elas tinham cores e modelos diferentes e o porquê de o chão ser preto e quente. Resumindo: ele questionava TUDO.

Mia então respondeu:

— Olá, Dante! Meu nome é Milena, mas pode me chamar de Mia... Em que ano você parou, hein?

Mia fala com ironia, já pesquisando o número de um hospital psiquiátrico mais próximo, porque achava que Dante era um maluco.

— Eu sei que vai ser difícil de me compreender, senhorita, mas eu vim de 1940. E como o mundo ficou tão futurista...

Dante responde isso enquanto olha ao redor. Milena ficou chocada e decidiu acreditar nele, pois além de ter um sotaque estrangeiro, tem um vocabulário bem antigo. Claro que Mia explicou que o ano é 2024 e como a tecnologia evoluiu e a moda também.

Dante pergunta se ela poderia oferecer uma hospedagem, como diz ele, e Mia o aceita em seu apartamento.

Eles começam a conversar bastante e Mia pergunta como são seus pais. Ele fala que sua mãe era brasileira e seu pai italiano e que aprendeu ambas as línguas, mas que, infelizmente, os dois morreram por peste negra, quando ele era pequeno.

Mia continua conversando com ele por algumas horas e Dante começa a se aproximar dela e olhá-la de uma forma diferente.

Ele se aproxima... Se aproxima... E se aproxima mais ainda... Até que finalmente eles se BEIJAM. Foi tão bom e reconfortante! Ela não saberia como explicar essa sensação, foi como chocolate quente no frio, resumindo: PERFEITO.

Um mês se passa e Dante vai até uma floricultura



para comprar um buquê de flores para Mia, composto de rosas que têm um grande significado. Na volta, ele sente algo esquisito. Solta o buquê por causa de uma sensação de náusea e, em um piscar de olhos, volta para 1940. Começa a correr, a correr muito para chegar ao apartamento o mais rápido possível, tudo para encontrar sua amada, imaginando seu futuro junto a ela e passando mais um dia admirando seus cabelos e a sua beleza única, até que infelizmente esse sonho desaparece em lágrimas.

Uma semana se passa. Mia está desesperada até que ouve duas batidas em sua porta e quando vê, era Dante. Ela fica emocionada e quando pergunta o que aconteceu, ele simplesmente desvia o assunto e a conversa. Passa-se mais um tempo e ela e Dante resolvem sair. Ela percebe que, sempre que sai com ele, as pessoas ficam olhando para ela cochichando e apontando. Quando chegam em casa, ela deixa a chave cair. Então pergunta para Dante se ele poderia pegar para ela e ele responde:

— Sinto muito, Mia, não poderei pegar para a senhorrinha, pois já fui embora há muito tempo e sou só um fruto da sua imaginação...

Mia começa a chorar. Era como se toda a tristeza em cima dela desabasse de uma só vez. Ela se levanta determinada a encontrar Dante. Vai até a praça deserta onde eles costumavam conversar. Lá ela sente uma energia diferente, uma conexão, tanta que percebe seus cabelos se levantarem suavemente. Enquanto isso, do outro

lado, no passado, Dante estava no parque também. Ele se aproximava do portal invisível. Ambos não podem se ver ou escutar, mas ele também sente essa mesma conexão.

Será que eles ficaram juntos para todo o sempre?...

Autoria

Kyara Yasa Pace da Silva, 13 anos
Lais Rocha Campos de Oliveira, 13 anos
Raphaelly Santos da Silva, 13 anos



Tenta acreditar

Referência: Tenta acreditar - Ana Vitória

Era um dia alegre para o resto do mundo, menos para Ághata, neste dia seu namorado a traiu. Para se vingar, ela escondeu as coisas dele. Quando ouviu uma batida na porta, sua amiga convidou-a para entrar e começou a chorar em seus braços contando tudo o que tinha acontecido e o que ele tinha feito.

— Mas e agora, o que você vai fazer, Ághata?

— Não sei, acho que irei fingir que não sei de nada, deixar ele procurar as coisas dele e preciso descobrir com quem ele está me traindo e me separar.

No outro dia, Ághata colocou seu plano em prática, começou a espionar e se cobrar por ter sido tão burra de nunca ter desconfiado dessa traição. Depois de muito tempo, ela viu um momento perfeito para terminar com ele.

Chegou o dia e ela foi para o restaurante marcado e viu ele com sua amiga, indignada Ághata vai até a mesa onde se encontram e diz:

— O que é isso? Como você ousa?

— Não... deixa eu explicar...

— Cala a boca, estou falando com a Stefany. Jhony você também é um canalha. Quero me separar e você, Stefany, nunca mais olhe na minha cara.

— Mas Ághata, e meus pais? O que vou falar para eles?

— Não sei, se alguém te perguntar conta aquela história boa de nós dois, que as coisas acontecem sem pedir e a gente recomeça em outro lugar.

Ághata saiu do restaurante direto para sua casa e juntou tudo de Jhony para colocar na rua, depois de alguns segundos, ele apareceu. Ela se isola no quarto e começa a chorar.

Depois de três semanas, já recuperada, vai a uma festa com a equipe dos secretários do trabalho e, lá na festa,

esbarra em um homem alto, chique e bonito.

— Ai moço, desculpa, eu não te vi.

— Não foi nada. Eu quem não vi, mas você aceita uma bebida como pedido de desculpas?

— Não precisa.

— Eu insisto.

— Então está bem.

Depois de muitas horas se passarem, Ághata se levanta para ir embora.

— Espera, qual seu nome? O meu é David.

— Ághata.

— Que nome lindo.

— Infelizmente já vou indo, David.

Quando Ághata vai embora, David não consegue mais tirá-la da cabeça.

Ághata no outro dia vai ao trabalho, depois de um dia cansativo, chega em casa, toma um banho e se deita pensando em David que não saía de sua cabeça, mas ficou com receio, porque queria ser independente e não ter nenhum parceiro por agora. Enquanto estava perdida em seus pensamentos, Ághata escutou seu celular tocar, quando foi ver, era uma notificação de David.

— Oi, aqui é o David.

— Oi, quem passou meu número para você?

— Ah, foi sua amiga, te vi com ela e quando você foi embora eu perguntei.

— Ah, tá.

Depois disso não respondo, passando duas semanas, sigo minha vida mais sossegada, depois que parei de falar com David e parei de pensar em Jhony, até comecei a investir e ganhar mais dinheiro.



— Ághata, Ághata! Chamou sua amiga.

— O quê? Só estava pensando.

— Sim, mas o chefe está me chamando na sala dele.

— O que será que ele quer?

— Vou com ódio em meu olhar, porque estava fazendo coisas mais importantes e ele me atrapalha.

— Por quê? Pelo que eu me lembro não fiz nada.

Jhony entra na sala e fico em choque, porque sei que não será uma boa notícia.

— Acabei de ser demitida por algo que nem sei o motivo.

Ághata chegando em casa dorme, e quando acorda já são 19h40, ela não precisava mais acordar cedo, pois não tinha mais emprego.

E mesmo assim se preocupava, pois precisava arrumar outro. Enquanto se lamentava, ouviu uma notificação em seu celular.

— Oi, como você está, não está me respondendo? - perguntou David.

— Desculpe, é que tive um imprevisto.

— Você se atrasou na volta para casa?

— Não... fui demitida porque meu ex era meu chefe.

Um mês depois desta conversa, David não mandou mais mensagens para Ághata.

Ághata abre uma notificação no celular e vê que é uma proposta de emprego e claro que não recusa.

Um tempo depois, ouve uma batida na porta e vai atender. Era sua amiga.

— Oi Hanna, diz Ághata

— Desculpa por não ter vindo antes, eu estava mais ocupada do que nunca, você saiu e Jhony me encarregou do seu trabalho, queria que você estivesse lá. Passamos

horas conversando, porém ouvimos uma notificação, pedi para Hanna ver meu celular.

Chego perto de Hanna para pegar o celular só que ela desvia, tento mais uma vez e consigo pegar o aparelho e saio para a cozinha. Começo a preparar o chá, Hanna avisa que vai embora. Depois de três dias a empresa entra em contato falando que meu primeiro dia será em um evento das empresas para fazer um acompanhamento com o chefe.

No dia do evento, começo a andar, procurando o chefe e avisto Jhony, ele se aproxima e agarra meu braço.

— Eu só quero saber se você já está namorando.

— É claro que já.

— Com quem?

— Comigo! - diz David atrás de Jhony.

David me puxa para a saída da festa, falando para irmos embora.

— Mas preciso avisar meu chefe, David!

— Não se preocupe, eu sou seu chefe, só não contei porque você não ia aceitar o emprego.

David me leva para casa e fala que resolvemos coisas do trabalho no trabalho. Então passamos a noite conversando e se divertindo.

Passando 7 meses depois daquele dia, consigo ser promovida, fiquei muito feliz, olho para o lado e vejo David com um buquê em mãos, com isso passei para a próxima etapa da minha vida, conseguindo ser financeiramente estável e assumindo meu namoro com David.

Autoria

Anny Miranda da Silva, 13 anos



Atirei o pau no gato

Referência: Atirei o pau no gato - Cantiga popular

Era uma vez um menino que não respeitava ninguém e gostava de cantar sua música preferida, aquela do gato, da dona Chica e o berro que o gato deu. Ele não gostava muito de gatos, porque era só um chegar perto que ele não parava de espirrar.

Estava brincando no campinho com o amiguinho Alexandre. Quando a bola caiu longe, ele foi buscar. Mas, no caminho, tropeçou tão forte em um graveto que até esqueceu do jogo. O graveto chamou a atenção do garoto porque era das cores preferidas dele - verde e ciano.

Na verdade, o graveto pertencia à dona Chica, a bruxinha, que observava tudo lá de cima. Com seus olhos de gavião, viu o menino pegar seu graveto! Sabendo que ele não gostava de gatos, colocou um bem na sua frente, só para lhe dar uma lição. Já começando a espirrar, o menino deu um pulo pra trás e tentou atirar o graveto que tinha acabado de achar para espantar o gato, só que o graveto era encantado e se transformou em um livro mágico, que se abriu sozinho e dele saíram bruxas, fadas, monstros, fantasmas e curandeiros. Ele ficou muito assustado!

A princípio, percebeu que não era tão real, porque as imagens piscavam e desapareciam. Mas, de repente, o livro se fechou, voltando à sua forma real, um graveto.

O menino ficou pensando em tudo que tinha visto e, mesmo assim, correu atrás do gato, não para atirar o graveto, mas para conhecer melhor as histórias!

Quando o gato apareceu, ameaçou atirar o graveto e novamente abriu-se um livro mágico, e o menino curioso pra saber quem sairia de lá desta vez. Então saiu um tambor que tocava sozinho: maracatu tum tum, maracatu tum tum! Também saiu um leão e um rato, e estavam sorrindo. O menino correu assustado! As imagens piscaram e desapareceram, então o livro se fechou.

Toda vez que ameaçava atirar o graveto, novamente o livro surgia e se abria. O menino ficou tão curioso que entrou no livro, porque queria saber o que acontecia lá. Assim que entrou, o livro se fechou. Se viu dentro de uma floresta, encontrou os Sete Anões, um lobo que estava correndo atrás dos anões, e correu também.

Conheceu lugares e viu cavaleiros, participou de combates, fez tantas coisas dentro do livro! Deparou-se com uma festa onde estavam o Gato Félix, Garfield, Mingau, o Gato risonho da Alice, Tom, Frajola, Meowth, o gato Pokémon e o Gato de Botas!

O menino reconheceu todos os gatos. Garfield olhou pra ele e disse:

— Quero uma lasanha!

O menino que não respeitava nada nem ninguém



pegou a bolsa do Gato Félix e abriu pra procurar uma lasanha. Neste momento, a bolsa sugou todo mundo e se fechou. Ele e todos os gatos caíram em outra floresta onde todos eram gatos e tiveram que ficar lá!

Os gatos que chegaram na floresta perceberam que os outros não eram gatos normais, porque na hora de dormir não dormiam como eles, enroladinhos como se fossem caracois, dormiam como se fossem lagartixas bem retas. Eles acharam estranho. De repente, o menino que atirava gravetos em gatos transformou-se em gato e dormia também como uma lagartixa.

O menino, quando se viu gato, miou bastante, desesperado! Então perguntou ao Gato de Botas porque estava assim, agora ele entendia o miado dos gatos.

O gato de Botas respondeu que quem é malvado com os gatos, na terra de gatos vira gato, e que para voltar a ser menino teria que conhecer outras histórias de gatos que não fossem violentas.

Então os gatos o levaram pra um lugar que tinha livros sobre gatos.

Conheceu o gato que fez uma família feliz por ter conseguido uni-los...

Conheceu outro gato que tinha uma arma que disparava amor...

Uma história que o gato era super-herói...

O gato que impediu um Tsunami...

Então começou a se lembrar de um gatinho que teve e morreu. Lembrou dos momentos felizes e se emocionou. Lembrou de como maltratou os gatos o tempo todo e pensou: E se fosse comigo?

Neste momento, a bruxinha dona Chica que via tudo lá de cima admirou-se, jogou uma magia e trouxe todos pra cima num barco mágico. Todos saíram do livro. Dona Chica não era mais bruxinha, os gatos eram apenas um, o menino voltou ao normal.

Autoria

Dominic Moraes de Oliveira, 8 anos
Josué Davi Neto Jordano dos Santos, 9 anos
Luís Gustavo Alves da Silva, 9 anos
Bruno Martins Teixeira, 10 anos



Anunciação

Referência: Anunciação - Alceu Valença

Era uma vez duas crianças, Lucas e Beatriz, que eram superamigos e quase sempre brincavam juntos, no quintal da menina.

Foram crescendo e amadurecendo, tornaram-se jovens e começaram a namorar. Saíam juntos sempre, iam ao cinema, parques e restaurantes, seus lugares preferidos.

Depois de um tempo, ficaram adultos e se casaram na catedral e, após algum tempo, com muito esforço, conquistaram sua própria casa e a parte mais bonita da casa era o quintal, muito grande com um lindo jardim para se lembrarem da infância.

Passou o tempo, Lucas aos 32 anos e Beatriz aos 30, já escutaram os sinais... Beatriz estava grávida. Tiveram uma menina e ela veio numa manhã de domingo, foi batizada na mesma catedral em que se casaram, recebendo o nome de Maitê.

Autoria

Yasmin Barbosa Silva, 10 anos



No tempo da intolerância

Referência: No tempo da intolerância – Elza Soares

Vivemos em uma era de polarização, onde cada palavra pode se transformar em munição. "No Tempo da Intolerância", de Elza Soares, captura a essência desse ambiente de julgamentos e hostilidade. Para mim, essa música foi um catalisador para uma mudança profunda em minha vida.

Lembro-me do dia em que ouvi essa música pela primeira vez. Estava navegando pelas redes sociais, vendo debates intensos e opiniões divergentes. A música de Elza me chamou atenção logo de início: "Como dizia Luther King, se você quer um inimigo, é só falar o que pensa". Percebi que minhas próprias palavras contribuíam para essa atmosfera de intolerância.

A canção aborda temas como preconceito e discriminação. "A camisa do Brasil é coisa de fascista." Essa linha me confrontou com os rótulos que eu via e perpetuava. Foi um despertar doloroso, mas necessário, para reconhecer os preconceitos ao meu redor.

Além disso, a música trata da hipocrisia e do julgamento. "Tá todo mundo atirando pedra com uma vida cheia de pecado." Elza canta sobre a falta de diálogo e a rápida condenação do outro. Isso me fez rever minhas interações, pois não queria rejeitar a opinião dos outros.

Um trecho que me tocou profundamente: "Mas eu apanho de todos os lados, eles dizem que eu sou polêmica." Elza mostra a coragem necessária para se expressar em um mundo onde a discordância é vista

como afronta. Percebi quantas vezes silencieei minha voz por medo de represálias.

No refrão, Elza repete: "Se você quer um inimigo, é só falar o que pensa." Essa frase me levou a compreender que a verdadeira liberdade de expressão vem acompanhada da responsabilidade de ouvir e respeitar o outro. A música nos desafia a refletir sobre nosso papel na construção de uma sociedade mais tolerante.

"No Tempo da Intolerância" é mais do que uma canção; é um manifesto por um mundo com respeito e compreensão. Elza Soares conseguiu retratar os desafios de nosso tempo e me inspirou a ser parte da solução. Hoje, tento viver de acordo com os princípios que a música evoca, escolhendo o caminho da empatia e do diálogo. Na esperança de contribuir para um mundo onde possamos ser verdadeiramente quem somos, sem medo e sem ódio.

Essa canção mudou minha vida ao me fazer enxergar a realidade com mais clareza e compaixão. E, assim como a música sugere, sigo acreditando que ainda há tempo para transformar não só o mundo, mas também a mim mesmo.

Autoria



Amizade de ouro

Referência: Laços - Nando Reis e Ana Vilela

Duas meninas se conheceram no colégio. Uma se chamava Maya e a outra, Vithória. Mas tiveram de mudar de escola, só que a amizade delas continuou...

Na escola nova, Maya conheceu Julieta e Margarida que não gostaram da relação que ela tinha com Vithória e armaram um plano para separá-las. Maya gostava de um garoto do bairro em que morava que se chamava Lúcio. Julieta, portanto, conseguiu apresentar este menino para Vithória, causando uma grande confusão entre as duas amigas.

Maya ficou furiosa com Vithória, pois ela estava sendo muito amiga de Lúcio e, pela primeira vez, elas discutiram muito. A amizade teve fim.

Depois de 2 anos, Maya voltou a estudar na mesma escola de Vithória e, por coincidência, na mesma turma. No começo, não se falavam, mas não se sabe qual das duas teve coragem de falar com a outra e esclareceram toda briga. A amizade delas, então, voltou e muito mais forte.

Prometeram que nunca mais se afastariam por causa das intrigas dos outros e deixaram os laços da amizade ainda mais fortes.

Nenhuma amizade deve ser destruída por causa de fofocas.

Autoria

AEL MARINA COLASANTI | EMEF CARLOS CHAGAS

Regiane Cristina Mendes Melo

Coordenação de estudos literários e teatrais

Aisha Gabriela Rezende Prado Campelo, 11 anos

Alice Danjo Franca, 10 anos



Tarde de encontro

Referência: Eduardo e Mônica – Legião Urbana

Em uma tarde tão bonita, eles se encontraram.
Eram bem diferentes, mas eram muito parecidos.
Ela era mais velha e ele era mais novo e sem muitas ideias legais.
No início, ela levava tudo na brincadeira e achava engraçado aquele menino tão novinho ficar se mostrando para ela.
Mas a coisa foi ficando séria e ela começou a se encantar por ele.
Ele também já estava completamente apaixonado por ela.
A família dele não queria, pois ela era mais velha. Xingavam sempre a menina que ficava triste.
Ela desmanchou o namoro por causa dos comentários das pessoas.
Mas o garoto não se conformou. Foi atrás dela e conseguiu convencê-la.
Ela deixou de lado o preconceito da idade.
Hoje estão casados há muitos anos e são pais de gêmeos.
Ainda bem que não se importaram com a opinião dos outros!
Esta é a fórmula da felicidade: fazer o que se gosta e não se importar com o que os outros pensam!

Autoria

AEL MARINA COLASANTI | EMEF CARLOS CHAGAS

Regiane Cristina Mendes Melo

Coordenação de estudos literários e teatrais

Lilian Trindade, 33 anos (EJA)

Yara Furtado, 58 anos (EJA)

Miriâm Furtado, 31 anos (EJA)

Luimar Morimoto, 42 anos (EJA)

Liracilda Leite Cruz, 46 anos (EJA - 4ª Etapa)



Impressionando os anjos

Referência: Impressionando os anjos - Gustavo Miotto

Hoje meu dia foi bom, embora esteja um pouco cansado, tive um dia de trabalho muito pesado. Mas agora estou aqui, deitado na nossa cama com os pés pra cima, pronto para ir dormir.

É em um momento como esse, que tenho tempo livre pra pensar, que a saudade de você sempre vem me visitar, igual aquela sua tia chata que adorava nos irritar. Ah, que saudades desses momentos que a gente passava juntos.

Tirando isso, até que eu tô dando conta do resto das coisas. A nossa filha Júlia ainda tá banguela, e o Pedro continua aprontando muito. Ah! O que faltava do carro eu já quitei a conta, está tudo pago.

E falando nisso, eu terminei aquele livro que você tinha falado pra eu ler. Em um capítulo do livro eu consegui entender um pouco mais você, bem naquela parte que diz "O amor é como o fogo que arde sem se ver". Mas, afinal, como é que está indo por aí?

Faz tanto tempo que não ouço sua voz; já estou morrendo de saudades. A casa fica tão calada sem sua voz, principalmente se as crianças estiverem dormindo. Mas sei que você deve estar aí impressionando os anjos com o brilho do seu sorriso.

Faz tanto tempo que não ouço você falar, daria tudo pra te ouvir novamente. Agora eu preciso ir dormir porque amanhã começa tudo de novo, continue impressionando os anjos com sua risada.

Autoria

José Willian Custódio da Silva, 14 anos



Olha pro céu

Referência: Olhe para o céu - Ticiane Souza

Em uma fria manhã de junho, eu, Anabel, estava indo para a escola. Parecia um dia normal, até que anunciaram um evento em que eu estava muito ansiosa para que acontecesse: a Festa Junina. Eu estava muito animada, afinal, foi nessa festa que conheci Miguel. Naquele momento, meu coração errou uma batida...Tínhamos 10 anos, e a professora nos pediu para dançarmos juntos. Eu nunca tinha sido tão feliz. A Festa Junina deste ano seria ainda mais emocionante.

A primeira coisa que pensei foi em como eu iria convidar Miguel para dançar comigo, mas, nessa hora, muitas perguntas vieram à minha mente: "Como vou convidá-lo?", "Como ele vai reagir?", "Ele vai aceitar ou recusar?".

Quando cheguei a hora de ir embora, voltei para casa muito ansiosa, pensando em várias possibilidades de convidá-lo. Eu estava tão nervosa que, de tanto me remexer na cama, eu simplesmente caí, o som foi tão alto que minha avó subiu as escadas correndo e perguntando o que havia acontecido. Expliquei que estava inquieta por causa da festa. Ela me disse para eu ficar mais calma e não me preocupar tanto, pois era uma simples festa. Falou também que tudo ficaria bem. As palavras dela me confortaram, fiquei bem melhor e, então, decidi que iria convidar Miguel para dançar comigo no dia da festa!

Na tão esperada noite, meu vestido vermelho listrado, meu chapéu e as pintinhas maquiadas no meu rosto anunciavam que a festa seria maravilhosa. Estava nervosa porque não sabia como iria me declarar, mas as palavras de minha avó me encorajaram.

Chegando lá, vi como tudo estava lindo! Olhei para um balão multicolor que ia sumindo no céu. O céu estava em festa porque era noite de São João. Bandeirinhas, comidas deliciosas e todos vestidos com roupas típicas.

O salão estava lotado, mas não havia encontrado Miguel. O tempo foi passando, e eu ainda não havia encontrado Miguel. Estava chateada e sem esperança. Então, decidi ir embora.

Assim que cheguei à saída do salão, começou a tocar minha música favorita, "Olha Pro Céu", mas não consegui apreciá-la porque eu permanecia muito triste. De repente, esbarrei em alguém. A pessoa me segurou, reparei quem era e fiquei chocada. Era ele, Miguel, vestido de caipira. Meu coração estava como se tivesse sido incendiado por aquele olhar. A música foi ficando mais alta e eu estava nervosa demais, porém controlei meus sentimentos e perguntei:

— Você... você gostaria de dançar comigo?

Ele sorriu e disse:

— Sim, eu adoraria ser seu par nesta noite.

Fomos para o meio do salão. Segurei a mão de Miguel e começamos a dançar. Havia muitas pessoas dançando também, mas, de repente, todos pararam e nos olharam. Fiquei envergonhada, mas feliz ao mesmo tempo.

Depois da dança, eu e Miguel nos sentamos em um banco perto de uma fogueira. Senti uma paz que nunca havia sentido antes. Ele apontou para o balão que estava voando e, neste momento, escutei o trecho da música "Olha pro céu, meu amor, vê como ele está lindo". Foi neste momento que mostrei meus sentimentos:

— Miguel, eu te amo.

Muito nervosa, olhei para o balão e senti que Miguel se aproximou:

— Eu também te amo, Anabel.

Nos beijamos ao som da minha música preferida: "Olha pro céu, meu amor, vê como ele está lindo, olha pra aquele balão multicolor, como no céu vai sumindo..."

E essa foi a melhor noite da minha vida.

Autoria



Se essa rua fosse minha

Referência: Se essa rua fosse minha - Cantiga popular

Às vezes, não escolhemos quem amamos, nem os céus podem controlar isso... Até os anjos podem cometer erros quando apaixonados e isso já aconteceu. Muitos anos atrás, um anjo, responsável por colher as almas daqueles que já partiram, falhou no seu propósito. O que aconteceria caso ele se apaixonasse?

Um anjo encontrou uma alma tão brilhante e alegre, que a observou por anos com muito interesse. A paixão por ela começou ardente e incontrolável, mas aconteceria em breve o dia. O dia que o anjo se sentindo incapaz de fazer o que lhe era determinado - levar quem tanto amava - pediu conselhos àqueles que no céu também residiam. Eles apenas falaram para que cumprisse o seu papel sem, realmente, se importarem ou entenderem os sentimentos do anjo.

Sabendo que a sua missão seria impossível e que não poderia mais retornar aos céus sem cumpri-la, o anjo, se vendo incapaz, se isolou em uma floresta e nunca mais viu a sua amada. Dizem que o seu choro pode ser ouvido por qualquer um que passe por aquele lugar. Por isso, deram ao bosque o nome de Solidão.

Certa noite, a garota que o anjo tanto amava andava pela rua e olhava, distraída, algumas pedrinhas de brilhantes que a direcionavam para o bosque. Quanto mais ela se aproximava, mais ouvia um choro. Curiosa, ela adentrou o bosque.

Depois de muito caminhar e seguindo aquele choro, ela encontra o anjo, que fica muito surpreso ao revê-la. Ele perguntou o que a tinha trazido ali, e ela explicou que ouviu o choro e, curiosa, seguiu.

Eles conversaram, brincaram e nem perceberam que o tempo passou tão depressa. A menina sabia que precisava ir embora e pediu para o anjo fazer seu trabalho sem arrependimentos porque, para ela, esses momentos tinham sido uma das coisas mais preciosas de sua vida. Um havia roubado o coração do outro porque ambos se queriam bem.

O anjo, sabendo que seria inevitável, desta vez, fez o seu trabalho, levando a menina com um sorriso no rosto para o que seria seu descanso eterno.

Hoje em dia, no bosque da solidão, é possível ver uma estrela que ilumina toda a floresta. Dizem que é a doce menina que brilha lembrando de todo aquele tempo que viveu feliz.

O anjo continua o seu trabalho, voltando de tempos em tempos para poder contemplar a estrela-menina e, sabendo que, mesmo tão distantes e que nunca mais poderão se ver novamente, ele tem a certeza de que aquele amor nunca será esquecido ou apagado. O anjo observa com um sorriso triste, mas entende que se você realmente ama alguém, precisa estar disposto a deixar seu amor ir sem você.

Autoria

AEL WALCYR CARRASCO | EMEF DANYLO JOSÉ FERNANDES

Gicélia Ferreira de Souza

Coordenação de estudos literários e teatrais

Emily Rezende Macena, 15 anos

Emanuelly de Brito Porfírio Sousa, 14 anos

Arthur Bueno Amâncio, 13 anos

Isabela Barbosa Fortunato, 12 anos

Diogo Soares da Silva, 11 anos



Sol e Lua

Referência: O Sol e a Lua - Pequeno Cidadão

Na cidade dos planetas, mais conhecida como Planetândia, viviam Sunmuel e Luanna. Eles eram amigos de infância, se conheceram quando o primeiro eclipse solar aconteceu.

Sunmuel, de pele morena com um bronzeado brilhante, seu rosto salpicado de sardas, olhos redondos cor de mel, era muito estudioso, porém gostava de pegar umas ondas para desestressar. Quando conversava era engraçado, extrovertido e alegre.

Luanna cresceu envolta a todo esplendor do sol. Ela, por sua vez, tinha cabelos curtos na altura do pescoço, sua pele transluzia, quase transparente, olhos com uma profundidade negra, sombria e misteriosa, muitas vezes incompreendida por mudar tantas vezes durante o mês, os amigos consideravam a insegurança seu maior desafio.

Na cidade dos planetas, os meteoros eram utilizados como meio de transporte. O planeta chefe visto de fora tinha uma mistura de cores, seus anéis eram linhas de trens para os meteoros. Quem observava pelo telescópio, avistava casas de frente à praia e prédios. Ao lado desses prédios, havia um homem que andava de bicicleta todos os dias às 09:55 da manhã.

— Oi, chamo-me Jullius e vou contar uma história que aconteceu em uma de minhas viagens. Eu estava estudando as galáxias até que, enquanto flutuava pelo espaço, avistei um planeta muito bonito, onde havia anéis e neles passavam meteoros que funcionavam como metrô e uma constelação que formava a sigla AEL, achei bonito, mas não entendi. Achei tão lindo

que quis me aprofundar naquela galáxia. Descobri que aquela constelação significava Academia Estudantil de Letras.

Junto com Jullius estava seu amigo astronauta James Kelly. Os dois, muito aventureiros, decidiram entrar e desbravar essa galáxia. Ao entrar, viram que havia planetas com nomes de livros: “Droga do Amor”, “Quarto de Despejo”, “Menino Maluquinho”, “Cálice de Fogo”, “Arca de Noé”, “Jeremias”, “A Hora da Estrela”. Era uma infinidade de estrelas literárias. Que emoção ver os olhos deles brilhando ao entrar em contato com cada uma delas.

Jullius e seu amigo estavam em uma caminhada na beira da praia, quando avistaram Sunmuel e Luanna juntos, então se aproximaram e disseram:

— Vocês são um lindo casal.

Sunmuel e Luanna se entreolharam e, ao mesmo tempo, disseram.

— Não somos um casal.

Vendo que os dois estavam envergonhados, mudaram de assunto e, após um bom tempo conversando, Jullius e James despediram-se de Luanna e Sunmuel.

— Eles parecem dois apaixonados. - disse James ao amigo — Devemos juntá-los. Jullius concordou com um enorme sorriso.

Passaram-se duas semanas e, durante esse tempo, os amigos planejaram um plano incrível e infalível. Sem demora, os dois o colocaram em prática, telefonaram para Luanna e disseram que Sunmuel precisava, urgentemente, falar com ela. Depois ligaram para Sunmuel e disse-



ram o mesmo sobre Luanna. Após isso, prepararam um banquete com tudo que Sunmuel e Luanna gostavam, arrumaram um lindo buquê de flores vermelhas cheirosíssimas. Colocaram-no sobre uma toalha xadrez azul junto com o banquete. Sunmuel e Luanna haviam sido avisados para se encontrarem na praia.

Ao chegarem, se depararam com o banquete à beira-mar, se entreolharam e resolveram se sentar, iniciaram a conversa enquanto se deliciavam com o jantar. Em meio à conversa, Sunmuel declarou seus sentimentos, Luanna se assustou e se engasgou com a comida, o rapaz a ajudou rapidamente, batendo levemente em suas costas. Luanna então pensou:

— “Eu o amo, mas tenho medo de minhas fases”. - Sunmuel então a beijou repentinamente.

— Você pensou alto. - Ele disse sorrindo, após se afastar do beijo.

Não demorou muito e estavam namorando, depois se casaram e juntos tiveram uma constelação. E, novamente, um eclipse aconteceu... e de novo... e de novo... de novo...

Autoria

Arthur Samuel Aragão Soares, 11 anos

Ana Carolina Gomes da Silva, 12 anos

Daniela Felix Afonso, 13 anos

Eduarda Alves de Souza, 14 anos

Ketlyn Barreto da Silva, 13 anos

Lara Ribeiro da Silva Paim, 12 anos

Leticia Gabriela dos Santos Duarte, 14 anos

Mariana Oliveira Batista, 12 anos

Miguel Vicente Santos, 14 anos

Rebeka Vitoria Teixeira Soares, 15 anos



Sol e Lua

Referência: O Sol e a Lua - Pequeno Cidadão

Sol e Lua eram amigos há milhares de anos, na verdade desde o primeiro Eclipse Solar - época dos dinossauros. Desde então, o Sol está apaixonado pela Lua e, após anos, cansado de esperar, Sol decidiu pedir a Lua em casamento no próximo Eclipse solar. Ansioso, ele contava os dias e as noites, até que, enfim, esse dia chegaria. Enquanto faltavam alguns minutos, Sol se arrumava inquieto. E quando deu a hora exata, o Sol e a Lua se alinharam em frente à Terra. Finalmente, o Sol fez o pedido:

— Lua queres casar comigo? - Sol disse demonstrando certa ansiedade.

A Lua sem saber o que responder disse:

— Não sei, há vários motivos para isso não dar certo. Eu sou fria, você é quente! E além do mais, nos vemos poucas vezes.

— Mas eu te amo! Não posso ficar sem você.

— Vou pensar um pouco, me dá um tempo.

E de tanto esperar, Sol congelou seu coração e, a pedido dele, Saturno guardou os anéis.

Anos depois, Sol conheceu outra pessoa. No início eram apenas amigos. Até que, um dia, de repente, sua amiga o pede em casamento. Apesar da surpresa, Sol ficou muito feliz e aceitou!

Algumas semanas depois, outro eclipse solar aconteceria, por esse motivo o Sol encontraria a Lua novamente. Sol passava todos os dias com sua bela amada. Dias depois o grande eclipse aconteceu.

— Oi Sol, lembra-se do pedido que me fez? - perguntou a Lua

— Como poderia esquecer? - respondeu o Sol

— Eu refleti e... Eu aceito!

— Mas Lua, eu já estou noivo de outra pessoa!

— Como assim? Você falou que me amava! Você me deixou esperando milhões de anos. Por você eu congelei meu coração.

O eclipse acaba e junto com ele a conversa também. Meses depois, Sol e sua amada se casam. Saturno fica feliz por finalmente usarem os anéis. Lua solitária reflete infinitamente em como ela poderia ter dado certo com o Sol, mas infelizmente não acabou como planejado.

Autoria

Adrielly Vitoria Alves da Silva, 15 anos

Carlos Eduardo dos Santos Marcondes, 14 anos

Isabella Helena da Silva Oliveira, 14 anos

Jamilly Cristiny de Almeida Soares, 11 anos

Kamilly Alves Leite, 14 anos

Lara Brandão Padilla, 11 anos

Layse Ferreira da Silva, 12 anos

Mariana Guilherme de Oliveira, 13 anos

Paulo Henrique da Silva Furtado Ribeiro, 13 anos

Pedro Augusto Marin da Silva, 13 anos

Talita Natyelle Oliveira Teixeira Paixão, 13 anos

Thayuanny Rayssa Pereira dos Santos Costa, 14 anos

Vitoria Azevedo dos Santos, 13 anos

DRE JAÇANÃ / TREMEMBÉ

f

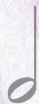


E

A

P

L



L





Pensamento

Referência: Pensamento - Cidade Negra

Digamos que todos temos muitos pensamentos,
Mas não podemos deixá-los vencer.
Quando digo "não podemos",
Refiro-me àqueles pensamentos que não são bons de verdade.

E digamos que isso até faz parte,
Porque, sei lá, não sei explicar.
Mas vamos lá, vamos tentar fazer um poema,
E todos se divertirem, espero que gostem.

Os pensamentos que muitas vezes nos matam por dentro,
Não sei o que cada um passa,
Mas sei que nada é fácil,
Independente de idade, sexualidade, gênero ou religião.

Todos nós temos um momento muito difícil da vida,
E acaba fazendo parte da nossa rotina,
Mesmo a gente não querendo.
São pensamentos e isso só vai piorando com o passar
do tempo.

Todos nós temos aquele pensamento que diz:
"Você nunca vai conseguir" ou diz "Você não é importante".
Esses são pensamentos tão chatos,
Mas não é só porque você os sente
Que você é.
É apenas um pensamento que te mata,
Te mata de um jeito de falar e de se expressar.
Muitas vezes um pensamento vem falando:
"Ninguém gosta de você, estão aqui por obrigação".

E não para te ver.
Ou quando alguém fala sobre a sua roupa,
Você se sente uma péssima pessoa.
Mas não deve ser assim, não deixe esses pensamentos
ruins virem.

Porque se você der abertura, não vai ser nada bom.
Por experiência própria, eu te direi:
Nunca desista se você realmente quer aquilo.

Nunca julgue uma pessoa se você nunca esteve no lugar dela.
Quem sofre sabe e prefere não mostrar,
Até porque se soltar alguma coisinha já vira motivo de piada.

Isso já começa com o bullying, nossa que coisa mais sem graça.
Muitas das crianças deixam de vir para escola por conta
de outras pessoas.
Muitas garotas se sentem desconfortáveis por causa de
brincadeiras de mau gosto.
Muitos garotos acabam se isolando porque os outros
querem que eles sejam mais "machões".
Mas isso não é nada bom.

Devemos pensar antes de falar,
E devemos pensar antes de reagir.
Independentemente do que você vai fazer, pense,
Mas nunca se prenda. Apenas faça o bem sem esperar
receber algo em troca de alguém.

Autoria

Larissa Estefeni Vitalina de Carvalho, 13 anos



Chico

Referência: Chico - Luiza Sonza

Antigamente, demonstrar amor era algo comum com flores, chocolates, uma ida ao cinema ou um jantar em um restaurante. Hoje, parece que os jovens preferem baladas, bebidas e ficar com várias pessoas. Isso pode parecer fácil, mas será que é realmente tão difícil se dedicar de corpo e alma a uma única pessoa? Só de falar em amor, eu já me apaixono. O amor é algo lindo e todos deveriam se permitir senti-lo. O amor deve ser leve, gostoso e confortável, ao contrário do que muitos pensam, que acreditam que amor é sinônimo de agressão e abuso.

Este pensamento está completamente errado.

Tente mudar sua visão e permita que outra pessoa se apaixone por você de maneira saudável, sem ser machucada por crenças errôneas. Como nos fala a música de Luísa Sonza, o amor pode ter seus altos e baixos, mas deve ser genuíno, sincero e profundo. É necessário permitir-se para que seja saudável, sincero e verdadeiro, sem qualquer dor ou sofrimento.

Resumindo, o amor é lindo!

Autoria

Leticia Costa e Silva, 15 anos



A paz

Referência: A paz - Roupas Nova

Pessoas na rua
Procurando paz
A fome pontua:
Há esperança?

Solitário, diante da calma
Penso que a paz
Num lar encontraria...

A juventude espalhando amor,
Carinho e empatia.
Não, não é ilusão!
Para mudar o mundo,
Essa seria uma solução.

Autoria

EMEBS MADRE LUCIE BRAY

Taise Bezerra Barros e Elisângela Catarina Vieira dos Santos

Coordenação de estudos literários e teatrais

João Miguel Feitosa Vieira, 15 anos

Kawan Alves Dourado, 15 anos

Pedro Henrique Costa dos Santos, 15 anos

DRE PENHA

f



E



A

P

L

b



l



L



Pela luz dos olhos teus

Referência: Pela luz dos olhos teus - Tom Jobim e Miúcha

Homem preto do subúrbio de São Paulo:
 Quando nossos olhares se cruzam,
 nos bastidores,
 a luz dos olhos teus acende a luz dos olhos meus.
 Isto é bom demais
 você me faz sentir:
 a felicidade e sorrir.
 Por este caminho eu vou.
 Ser feliz, eu sou.
 Mas, se insistir
 em não me olhar,
 assim mesmo, irei me apaixonar.
 Mulher branca de uma família tradicional de São Paulo:
 Quando a luz dos olhos teus
 invadem a luz dos olhos meus,
 intensificam uma ação
 desenvolve uma emoção
 no desejo de te amar.
 Pela luz dos olhos teus
 fico sem pensar,
 falo sem parar.
 No desejo de te encontrar,
 quanto mais estamos juntos,
 mais quero te olhar e te amar
 Família da moça:
 Pela luz dos olhos teus,
 minha filha preste atenção:
 Pare com estas coisas de coração.
 Ele é preto, uma negação
 na nossa família não.
 Este amor não tem solução
 Família do rapaz:

Pela luz dos olhos teus,
 esta branquinha riquinha vai te fazer sofrer.
 Não tem nossos costumes,
 essa é de doer.
 Pela luz dos olhos teus,
 chega de emoção.
 Seja só razão.
 Homem:
 Se a luz dos olhos teus
 alcança a luz dos olhos meus,
 quanta emoção no coração,
 te quero mais que tudo, amorzão.
 Mulher:
 Se a luz dos olhos teus
 alcança a luz dos olhos meus,
 quanta emoção no coração,
 nasce uma grande paixão
 Homem fala para mulher:
 Quando a luz dos olhos teus
 tocar os olhos meus,
 eu só quero amar você,
 eternamente em cada amanhecer.
 Mulher fala para o homem:
 Quando a luz dos olhos teus
 encontrar os olhos meus,
 te amarei eternamente
 em cada amanhecer.
 Os dois juntos:
 Tanto amor assim, as famílias entenderão
 Que nosso amor não tem fim.

Autoria

Alice Ferreira da Costa, 14 anos

Beatriz Damasceno Oliveira, 15 anos

Cecília Magalhães Lima, 14 anos

Isadora Ayume Chiarelli Pires Matsuda, 14 anos

Matheus Cesário Lima, 14 anos

Matheus Nascimento, 15 anos



Ser valentina, era ser valente

Referência: Dona de mim - Iza

Valentina era uma garota de doze anos que morava na periferia de uma grande cidade. Sempre sonhadora, ela gostava de pensar sobre o futuro, mas muitas vezes se perdia tentando encontrar seu verdadeiro eu. A vida era uma aventura constante com altos e baixos e, apesar de sua idade, ela já tinha enfrentado muitos desafios e dificuldades.

Em um dia daqueles que parece tudo dar errado, Valentina estava chateada e decidiu sair para uma caminhada sozinha para refrescar sua cabeça. Queria um tempo para pensar, refletir sobre sua vida e, quem sabe, descobrir algo novo sobre si mesma. Enquanto caminhava pelo seu bairro, os pensamentos rodavam em sua cabeça: todas as vezes que ficou quieta, todas as vezes que teve medo de falar, todas as vezes em que foi silenciada. Mas algo dentro dela mudou naquele momento. Sentiu que era hora de ser verdadeira com seus sentimentos e opiniões.

Sentada em um banco da praça, enquanto olhava o movimento dos carros e das pessoas, ela pensou em todas as dificuldades que já enfrentou. Lembrou-se das lágrimas que já derramou, dos momentos em que se sentiu perdida. Mas principalmente lembrou-se também de todas as vezes que encontrou forças para continuar, de como sempre deu um jeito, mesmo quando tudo parecia estar contra ela.

Valentina percebeu que era forte. "Deus me fez assim", pensou. Ela era dona de si mesma, dona de seus sonhos e de suas escolhas. Deixou sua fé guiar cada passo e sabia que, um dia, alcançaria tudo o que desejava.

De repente, sentiu uma onda de confiança. Já não importava a opinião dos outros, os conceitos alheios não alteravam sua visão de mundo. Tantos "sins" ditos por

medo, agora seriam substituídos por firmes "nãos" de coragem. A vida era louca, e Valentina estava pronta para vivê-la intensamente.

Enquanto voltava para casa, decidiu que não deixaria mais ninguém colocar limites em seus sonhos. Iria além, sempre buscando o que a fazia feliz. Seu coração estava leve, cheio de esperança e determinação. Sabia que o caminho era longo, mas, com fé e perseverança, chegaria onde quisesse.

Valentina finalmente se sentia em paz consigo mesma. Era uma jovem dona de si, pronta para enfrentar o mundo e todos os desafios que viessem. Porque a vida era louca, mas ela, mais ainda. E, acima de tudo, sabia que ser dona de si mesma era o maior presente que poderia ter. Sabia que ser Valentina, era ser Valente.

Autoria

Anabel Dominguez Munachi, 12 anos
 AlaWn Marcel Casau Esteves, 12 anos
 Davi Barbosa Silveira, 13 anos
 Diogo Borges Lustosa Junior, 12 anos
 Emily Victoria Melo Santos, 13 anos
 Hillary Farias Rodrigues, 12 anos
 Isabelle Beatriz Barbosa Tiago, 14 anos
 Isabelle Pimentel da Silva, 12 anos
 Karen Eduarda Oliveira de Araujo, 12 anos
 Kauany Estevam Dos Santos de Andrade, 13 anos
 Kayo Luan Baudichon, 12 anos
 Luany Blandicia Manuel Luis, 12 anos
 Luiz Gustavo Santos Rodrigues, 13 anos
 Marcela Correia Florencio dos Santos, 14 anos
 Maria Eduarda Gonzaga Laurindo, 13 anos
 Pyettro Vinnicius Almeida De Sousa, 12 anos
 Raphaela Cecilia de Almeida Felician, 12 anos
 Sueli Aparecida Guedes Galvao Ribeiro, 12 anos
 Thalyson Roabson dos Santos Silva, 13 anos
 Victor Elias Correia da Silva, 13 anos
 Vitoria Siqueira Santos Bidoia, 14 anos



Admirável chip novo

Referência: Admirável Chip novo – Pitty

Em um laboratório cheio de equipamentos tecnológicos de um futuro bem distante, um robô muito grande e poderoso desperta dentro de uma cápsula de vidro. Muito confuso, ele vê um outro robô em uma outra cápsula igual a sua. Apavorado, o robô percebeu que as cápsulas estavam abertas, então, os dois saíram para explorar o local.

De repente, os robôs ouvem passos se aproximando e resolvem se esconder atrás das cápsulas. Os cientistas entram e ficam surpresos. Muito preocupados e furiosos, começaram a procurar seus robôs sem parar. Na hora em que os cientistas saíram, deixaram o plano cair. Os robôs viram que o plano caiu, esperaram os humanos irem embora e, rapidamente, foram ver o que estava escrito na prancheta sem os cientistas saberem. Quando viram o plano, tentaram fugir dali imediatamente.

O plano revelava uma imagem de corpos de soldados humanos feridos com braços enfaixados e hematomas. Além da imagem, um texto descrevia o plano “Projeto Z”, revelando que os robôs das cápsulas seriam usados como super soldados sem consciência através de um chip implantado nos cérebros. Se esse chip completasse o download, perderiam todas as suas memórias como humanos e só seguiriam ordens dos cientistas, virando, assim, máquinas sem consciência.

Frustrados, indignados e com muita raiva, os robôs acabam correndo muito rápido do laboratório. Caindo em armadilhas tecnológicas, acabam machucados e sangram, fazendo com que percebam que, realmente, são humanos.

Autoria

Agatha de Oliveira dos Santos, 12 anos

Ana Julia Guastalli de Araújo, 9 anos

Davi Mantoan Castilho Gonçalves de Lima, 12 anos

Enzo Lopes Costa, 12 anos

Kauã Goetz, 12 anos

Mallu de Jesus Bastos, 9 anos

Maria Clara Blasetti Gomes, 12 anos

Melissa Coelho de Lamata, 10 anos

Miguel Lorenzo Rossini Machado Panseira Waczuk, 12 anos

Narryman Winnie Alamo Borges de Oliveira, 12 anos

Nicolý Belasco Bonfim, 9 anos

Valentina Rossini Duarte, 10 anos

Zayon Gomes de Lima, 10 anos



O Sol e a Lua

Referência: O Sol e a Lua - Pequeno Cidadão

Samuel e Luna eram amigos desde a infância. Luna sempre o considerou como um irmão, mas, com o passar dos anos, ele começou a sentir por ela um amor secreto.

Uma vez Samuel havia tentado revelar seus sentimentos. Foi numa festa junina, quando ainda eram crianças. Na encenação da quadrilha, ele havia sido escolhido para ser o noivo, e Luna, a noiva. No auge da cerimônia, ele declarou seu amor, mas a única resposta que teve foram as gargalhadas de todos, inclusive de Luna, que pensou ser uma brincadeira do amigo.

Alguns anos mais tarde, Samuel decidiu, então, tomar coragem e demonstrar sua paixão, elogiando Luna e fazendo carinhos em seu cabelo. Com essa aproximação, ela começou a ficar confusa com seus sentimentos, começando a olhar Samuel com outros olhos. Percebiam que a conexão entre eles era muito forte e pensavam em dar uma chance ao amor, mas nenhum dos dois ainda tinha coragem de se declarar. Assim, o tempo acabou passando e a rotina tornou seus encontros bem mais raros. Além disso, nesse meio tempo, Luna conheceu Santiago e começou a namorá-lo, para a decepção de Samuel, que ficou muito triste e arrependido por não ter declarado seu amor.

Então, um dia, Samuel foi com seus amigos Ugo, Marta, Paulo e Teresa a uma festa junina, buscar diversão. Enquanto o grupo caminhava entre as barraquinhas do pátio principal, Samuel viu que, numa delas, bem no cantinho, estava a sua amiga, ou melhor, seu antigo amor, fazendo leitura de tarô. Foi quando Melissa, querendo ir até a barraca de Luna para ler seu futuro, acabou puxando Samuel. Porém, Santiago, atual namorado de Luna, estava na barraca ao lado. Ele se lembrava muito

bem que, anos atrás, quando ainda eram muito amigos, Samuel havia confessado uma paixão secreta por Luna, que acabou se tornando sua namorada. Por isso, mandou o pessoal da cadeia da festa junina prendê-lo.

Paulo, sabendo do ciúme que Santiago tinha de sua namorada e dos sentimentos de seu amigo, mandou os “policiais” prenderem Luna. Ao se verem presos naquela cela improvisada, houve um silêncio constrangedor, mas logo Luna o quebrou com uma pergunta:

— Você não é daqui não, né?

— Na verdade sou. Você não se lembra, mas a gente se conhece desde a infância e...

— Bem que eu achei você muito familiar... - sorriu Luna.

No momento em que Luna estava prestes a terminar a frase, Santiago apareceu ofegante; parecia ter corrido a maratona. Jogou as fichas em cima do balcão da cadeia e gritou para o homem que fazia o papel de carcereiro:

— Tira a Luna daí!

Mal abriram a porta e Santiago puxou Luna pelo braço, enquanto olhava, enfurecido, no fundo dos olhos de Samuel, que assistia à cena com indignação.

— Tira a mão de mim, Santiago! Tá me machucando.

— O que você tava falando com ele?!

— Falando com quem?

— Com aquele...

— Eu nem sei o nome dele! Você nem me deu tempo de perguntar.

— Escuta aqui, Lu...

— Chega, Santiago! Já cansei dessas suas atitudes infantis! - gritou Luna, enquanto voltava para sua barraca, deixando Santiago esbravejando sozinho no meio da quadrilha.



Samuel não demorou a sair da cadeia; algum dos seus amigos deve ter pago para tirá-lo. Então, usando a desculpa de querer saber seu futuro, foi até a barraca do tarô e, colocando fichas em sua mesa, sentou-se diante de Luna. Ela ainda estava nervosa com a discussão. Samuel esperou, enquanto ela se recompunha; ficou ali apenas admirando-a, embaralhando as cartas como se fosse fazer algum número de mágica. Só se ouviam as risadas e a música abafada lá fora. Lá dentro, um pesado silêncio pairava, até que Samuel o quebrou.

— Sabe aquele dia, na festa junina?

— Como “aquele dia”, doido? - riu Luna. — A gente tá na festa junina.

Samuel não estava rindo. Então Luna ficou séria e colocou o bloco de cartas à frente dele, ordenando:

— Corta! - o rapaz separou o bloco em dois, quase iguais. — Agora se concentre e pense numa coisa que queira muito saber.

Samuel fechou os olhos por uns instantes e, quando os abriu, fez que sim com a cabeça. Luna puxou a primeira carta, virando-a sobre a mesa. Os Enamorados. Uma inquietação no ar. Puxou a próxima carta. O Sol. Samuel respirou fundo, enquanto Luna virava a terceira carta. O Mundo. Ele, então se ajeitou na cadeira e disse de uma vez:

— Aquele dia na festa junina, eu tava falando sério.

Teresa entrou de repente, procurando Samuel, mas notou certa tensão no ar.

— Desculpe! - disse Teresa, colocando a mão no ombro de Samuel. — Eu tava te procurando.

Samuel ficou desconcertado e se levantou, sem saber o que fazer. Então, puxou uma carta e deixou-a sobre a mesa, saindo com Teresa, não sem antes deixar seu olhar mais profundo para Luna. Ela, ainda sentindo o rosto queimar, virou a carta que Samuel tirara: a Lua.

Agatha Luize de Amorim Marcelino, 12 anos
 Amanda Subires Estrada de Faria, 15 anos
 Ana Carolina Macedo Mendes de Campos, 13 anos
 Andrea Quispe Jamachi, 11 anos
 Bethania Lima de Moura, 13 anos
 Christopher Neymar Calle Zenteno, 13 anos
 Eloisa de Sousa Nogueira, 12 anos
 Enzo Bueno Pedroza, 12 anos
 Enzo Moreira, 13 anos
 Flávio Takata Corredato, 13 anos
 Gabrielly da Silva Santos, 14 anos
 Giovanna Borges Gomes dos Santos, 15 anos
 Giovanna Senise, 12 anos
 Giulia Cristina Mercatelli, 14 anos
 Helena de Souza Baptista Oliveira, 8 anos
 Isabela Santos de Oliveira, 14 anos
 Isabella Lopes Martins de Oliveira, 11 anos
 Isla Mesquita de Lima, 11 anos
 Jade Kyra Frazão Camasso, 10 anos
 Jiosimara Nicole Manuel Sebastião, 14 anos
 Josiane Gomes da Silva, 11 anos
 Judith Calle Quispecahuana, 16 anos
 Kaelym Luisa Alcon Yana, 14 anos
 Kauanny Pontes Mendes dos Santos, 11 anos
 Kaylane Carrilho Augusto Armando, 13 anos
 Kelvin de Andrade da Silva Lacerda, 15 anos
 Larissa B. Cordeiro Santos, 12 anos
 Luna Soares Stegemann, 13 anos
 Manuela Marinho dos Santos, 12 anos
 Maria Clara de Souza Baptista Oliveira, 14 anos
 Maria Clara Falconi Barreto, 14 anos
 Maria Eduarda Araujo de Lira, 14 anos
 Maria Eduarda M. Mendes de Campos, 14 anos
 Mayde Mamani Limachi, 14 anos
 Mylena Adriana Santana Oliveira, 14 anos
 Natasha de Paula Cardoso, 13 anos
 Nathalia Isabella Serra Vilela, 11 anos
 Rebeca Fuscallo da Silva, 11 anos
 Rodrigo Silva Rodrigues, 13 anos
 Sofia Falconi Barreto, 12 anos
 Stefany de Toledo, 14 anos
 Thiago Benzemar Condori Mamani, 10 anos
 Vinicius Takata Corredato, 11 anos



Julieta

Referência: Julieta - Kamaitachi

Um dia te encontro,
além dos meus sonhos.
Seu jeito me desloca,
tu fala e eu fico perdido.

Me perdi nos teus olhos,
no teu sorriso.
Julieta, teu olhar,
faz eu me apaixonar.

Ao te ver, logo ao amanhecer,
É como te ter, a meu ver.
Em palácios, casas, festas,
sinto-me perdido sem você.

O teu olho brilha
e o meu se ilumina.
Sem estar contigo,
Já fico perdido?

Faça me flutuar,
que você se deixe para mim.
Em seus olhos me perco,
tudo que vejo é a ti.

Um dia, ainda te encontrarei,
além dos meus sonhos.
Jasmim, quando te vi, logo me perdi,
isso me fez sorrir.

Juntos em solo firme,
caminhando,
dessa maneira, sem fim
vou sonhando.

Como um franco-atirador,
no meu peito sinto a dor,
com um enorme pudor.

Assim sigo,
Vendo seu sorriso,
ali eu vivo.

Autoria



Como nossos pais

Referência: Como nossos pais - Elis Regina

A realidade contínua da sociedade
Luta, corrente, seguimos em frente!

Vivência de outras gerações.
Vida, uma guerra infinita!
Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais?

Vivemos um acordo como as nossas gerações passadas,
Dos mesmos ídolos,
Dos mesmos preconceitos, dos sofridos ou cometidos.

Viver ainda é melhor que sonhar,
Acabamos desejando muito os nossos sonhos,
Mas que sonhos?

Viver é dar voz às pequenas coisas,
Grandiosas e maravilhosas que já temos,
Da vivência e do costume.

Na parede da memória, essa lembrança é o quadro que mais dói,
Como dói!
Não somos os mesmos.
E nunca seremos.
Pois eu sei de tudo na ferida viva do meu coração.

Toda essa luta que a gente vive,
não do jeito que nossos pais viveram,
mas como nós vamos viver.
Pra sempre, Elis.

Autoria

Kayon José, 15 anos
Fernando Eduardo, 15 anos
Danielle Dib, 14 anos
Livia Catarina, 15 anos
Ana Carolina, 15 anos
Clara de Paula, 13 anos
Domingas, 15 anos
Cristianyer Fred, 14 anos
Einyel Joryeth, 12 anos
Luis Fernando, 16 anos



Tempo perdido

Referência: Tempo perdido – Legião Urbana

Meu primeiro dia no ensino médio. Algo para o que eu venho me preparando há muito tempo, mas o medo me arrepia e assusta.

— Pronto?! – meu namorado, Heitor, grita em meu ouvido.

— Credo, Heitor! Pra quê isso? Quase infartei! – faço meu típico drama, com a mão no peito.

— Ah, para vai. Qual a sua sala? É próxima da minha? – ele me interroga, tão animado quanto uma criança.

— Se é próxima da sua, eu não sei. Mas é 1°C. – Algumas meninas passam por mim, me olham com desdém, sussurram algo e riem. — Eu vou pra casa! – quase berro, apavorada.

— Não vai, não! Você precisa estudar, não vai poder fugir do ensino médio pra sempre, amor. – ele para, me olha e sussurra. — Vai ser rápido. E eu vou estar aqui o tempo todo. Não precisa ter medo e muito menos fugir.

— Mas e se falarem algo sobre o meu cabelo? Ou sobre meus óculos? Meu corpo?! Eu não tô pronta. – digo a ele, vendo-o torcer o nariz.

— Vamos, vou te levar até a sua sala. – Heitor enrosca o braço no meu, me arrastando pelos corredores da escola. — É aqui, amor. O primeiro intervalo é às 15h50, eu venho te buscar. Me espera aqui, tá bom? – ele diz quando paramos em frente a uma sala.

— Tá bom. – digo, receosa.

Assim que entro na sala, os olhares começam, os burburinhos... e não direi mais nada, pois tudo o que quero é apagar esse dia da minha memória.

Mais um dia do ensino médio, o segundo dia, agora. Não vou entrar nessa escola. Quando decido dar meia volta, quem eu menos esperava aparece para me alegrar, mas faz totalmente o contrário.

— Aonde você vai?

— Beber água, ué. Pode entrar na frente, eu vou depois. – me desvio do Heitor, pronta pra correr o mais rápido possível.

— Você não sabe mentir, Bianca. Vou cabular com você. – ele pega na minha mão e vamos correndo pelo bairro. — Aonde você quer ir? – ele diz quando, enfim, paramos. Apenas levanto meus braços e ombros, simbolizando que não sei. — Então eu vou te guiar, preta! – ele sai correndo na frente, e eu o sigo logo em seguida, pronta para todo tipo de coisa.

Vamos o caminho todo assim, ele correndo na frente e eu correndo atrás. De repente, ele para. Aparentemente chegamos ao nosso destino. Mas não estou entendendo nada, nem reconhecendo aquele lugar. E só agora posso reparar: tudo ao nosso redor parou. As pessoas estão paradas; os carros, igualmente. O que está acontecendo?

— Heitor! – grito, assustada. — Heitor! O que é isso?

— Meu Deus! O que tá acontecendo? Fica perto de



mim! Não se afasta, Bianca! – pelo visto, ele só nota o mundo parado agora. Dou um passo para trás e tudo volta ao normal. — O quê? - ele olha em volta. — Dá um passo pra frente, preta. - Faço isso, e tudo para novamente. — Somos nós! - ele sussurra.

— Quando estamos próximos, tudo para. Mas longe um do outro, tudo volta. - a ficha cai, tudo para, por minha causa. Mas como isso?

— O nosso amor — Heitor parece ler a minha mente. — O nosso amor para tudo, se estamos juntos, nos amando. Temos todo o tempo do mundo.

— Mas e o tempo perdido? O tempo que perdemos agora? - eu questiono, intrigada.

— Não existe tempo perdido, amor. Nós somos jovens, nos amamos e, aqui, nós temos o nosso próprio tempo, temos todo o tempo do mundo, minha preta. - ele me responde com um sorriso no rosto.

— Mas isso tudo é tão louco! Não sai de perto de mim, nunca! Eu não tenho medo, mas não quero me afastar. - ele se aproxima aos poucos.

— Nunca, meu amor. Eu jamais me afastaria de você. Estávamos vivendo algo monótono, vivíamos por promessas que ninguém nunca nos prometeu, escondíamos coisas que já estavam escondidas. Mas agora não mais, agora somos só eu e você, sem medos, sem tempo para perder!

— Me abraça forte e não vai embora, por favor.

— Por que eu iria? Você ainda não entendeu? NÓS TEMOS O NOSSO PRÓPRIO TEMPO. - damos as mãos e corremos ainda mais. Lá se foi todo o tempo perdido.

Autoria

Gabrielly Beatriz Fontes Cavalcanti (Gaby Fontes), 15 anos

Lucas Gabriel Fontes Cavalcanti, 12 anos

Isabella Manuella Fontes Cavalcanti, 7 anos



Velha Infância/Aquarela/Lágrimas Negras/Eternamente

Referência: Velha Infância – Tribalistas / Aquarela – Toquinho / Eternamente – Gal Costa / Lágrimas Negras – Gal Costa

Na frente do espelho,
 Logo ali eu vejo uma criança que não parava de sonhar...
 Sempre deixada de lado, começava a desenhar
 Com a Aquarela que um dia se descolorirá
 Escutando aquela música que te fará lembrar
 Das guerras de travesseiros, dos dias de sol, dos banhos de chuva e dos castigos depois de aprontar.
 Os bons momentos que te farão chorar,
 Dando risada das suas palhaçadas, pois a gente nunca se cansa
 Da nossa velha infância...
 Momentos da infância que poderiam ser diferentes,
 Falas que deixaram marcas,
 Marcas que deixaram cicatrizes,
 Cicatrizes que deixaram lembranças...
 Que são como pedras de um moinho
 Quem moem, roem, moem...
 Dói pensar que deixarei de brincar para lutar,
 Para os meus direitos conquistar...
 Mas, no momento, o que me resta é aproveitar,
 E criar tantos momentos bons,
 Para os quais nunca mais poderei voltar.

Autoria

AEL PADRE ANTONIO VIEIRA | EMEF PADRE ANTONIO VIEIRA
 Evandro Fantoni Rodrigues Alves, Rosângela Aparecida Moya de Freitas
 e Sílvia Aparecida da Cruz
 Coordenação de estudos literários e teatrais

Alice de Sousa Sobral, 16 anos
 Josué Christian Marinho, 15 anos
 Luiza Souto Videira, 14 anos



Tiro ao Álvaro

Referência: Tiro ao Álvaro – Adoniran Barbosa

Era uma tarde tranquila de verão. O céu parecia pintado de laranja e rosa, como se Deus tivesse usado seus lápis de cor favoritos. As folhas das árvores balançavam suavemente, como se estivessem dançando uma música secreta.

Fiquei parada, hipnotizada. Havia alguma coisa que era encantadora e era impossível olhar para outra coisa... O som das risadas das crianças brincando e o perfume das flores deixavam o momento ainda mais mágico.

Foi quando alguém chamou minha atenção: seus olhos brilhavam como duas estrelas, com uma luz que parecia ir diretamente no meu coração.

Nossos olhares se cruzaram, e senti como se uma flecha invisível tivesse me atingido, não para machucar, e sim para criar uma conexão profunda. Era uma sensação difícil de explicar, quase mágica, que me fez sentir como se estivesse em um belo conto de fadas.

Ele andava calmamente, cada passo parecia uma parte de uma bela dança. O vento tocava seus cabelos, balançando suavemente. A lembrança de uma música antiga veio à minha mente, uma música maravilhosa sobre amor e encontros especiais. Igual acontece com almas gêmeas, parecia que cada palavra da música se tornava realidade. O tempo, de repente, parecia ter parado. Nossos olhares falavam sem precisar usar palavras.

Aquela flechada do olhar dele não foi apenas um momento passageiro. Eu sabia que nunca me esqueceria...

Ali, no meio da rua, com meu coração batendo rápido e um sorriso tímido no rosto, percebi que alguns encontros são verdadeiramente especiais. São como histórias de fadas que eu tanto adoro, aquelas que ficam com a gente para sempre, como uma música favorita que a gente não cansa de cantar.

Autoria

DRE PIRITUBA / JARAGUÁ





Tempo perdido

Referência: Tempo perdido - Legião Urbana

Assisto quieta, imóvel. Imersa em avaliá-la e guardar minhas críticas mais profundas. Percebo como ela olha, como fala, como sente. Noto como ressoa. Olho para ela de novo, olho para mim, afinal, ela sou eu.

Todos os dias, quando acordo e não tenho mais o tempo que passou, percebo como era apenas uma pequena criança desbravando o mundo com suas próprias aventuras e estigmas. Mas tenho muito tempo, ainda temos todo o tempo do mundo.

— Você gosta de viver? - ela me pergunta.

Por que não perguntaria? Faço-me essa pergunta todos os dias, mas a profundidade dessa frase é além de tudo o que essa pobre criança já viu. Todos os dias, antes de dormir, lembro e esqueço como foi o dia. Não gosto de guardar decepções.

— Talvez? - é a minha breve resposta. Não quero tirá-la da fatídica inocência infantil, mas não posso prometer-lhe o mundo. Sempre em frente, já que não temos tempo a perder. Quero incentivá-la, quero que ela se torne uma sonhadora, que tenha a lucidez de ter os pés no chão. E veja o sol dessa manhã tão cinza...

Como pode uma criança tão despreparada, gritando para a vida que um dia a despedaçará, pedindo ajuda? Nosso suor é sagrado e é tudo que resta dos sonhos programados.

— Então me abraça forte? - ela me pede em prantos, a atenção a si mesma que por anos neguei. Não gosto muito de focar nos problemas, geralmente eu os ignoro. Afinal, os boletos sozinhos não irão se quitar.

— Já estamos distantes de tudo, então podemos chorar, digo eu, em versão sublime, à minha outra eu, frustrada.

“Temos nosso próprio tempo”, era o que mamãe dizia para me fazer dormir.

— Não tenho medo do escuro, mas deixe as luzes acesas, peço para ela antes que saia do meu quarto e volto a sonhar. Até porque o que foi prometido ninguém me prometeu, nem foi tempo perdido.

Só somos jovens, infantis e sonhadores. Acredite em mim, com o tempo, tudo vai ficar bem.

Autoria

Jessica Souza Cerqueira, 15 anos



O que é o que é?

Referência: O que é o que é? - Gonzaguinha

O Que É? O Que Foi?
Confio na pureza
E na resposta das pessoas.
É a vida, arriscada: uma aspilia*
Viver confiando no estranho que vai falar;
Cantar e dançar: recordar
Da beleza de ser um eterno aprendiz.
Ai, meu Deus!
Eu sei que a vida não é nem de longe perfeita,
Mas isso não impede que eu resista.
É difícil, mas bonita: muito linda.
Nossa vida tão corrida, mas que linda a flor!
Ela está nos pequenos detalhes
Na flor que nasce no asfalto
Na flor que floresce na dor.

**é uma espécie nativa comum no campo seco do sul do Brasil -
mal-me-quer-do-campo, mal-me-quer-amarelo, margarida-do-campo*

Autoria

Guilherme Artimundo da Silva, 15 anos



Céu azul

Referência: Céu Azul - Charlie Brown Jr.

Em uma quarta qualquer, uma menina chamada Pérola, muito ingênua, não sabia o que o futuro lhe preparava... Arrumar-se era um de seus passatempos favoritos, principalmente os penteados. Fazia parte da elite, considerada uma pessoa fútil, mas extremamente sensível. Aprendera com a mãe desde pequena a ser uma mulher posturada - como a própria mãe se referia rememorando sua terra natal - sabia disfarçar sua sensibilidade.

Nunca teve muitas amizades, pelo menos não que durassem ou que fossem realmente verdadeiras, que a ajudassem. Estudou em muitas escolas, mas agora teria seu primeiro dia de aula em uma escola pública. Por não conseguir se enturmar, a mãe apelou para o extremo, tirou-a da escola particular.

Logo que chegou a nova escola, viu de longe um menino moreno, alto, olhos claros, que aparentava ser educado e simpático. Ficou encantada, mas logo despertou do momento mágico com o sinal tocando. Meio perdida no novo ambiente, procurou a sua sala, ao entrar, se depara com o menino que a fez balançar. Sentou-se em sua frente, mas não conseguiu prestar atenção nele, pois a única coisa que realmente a chamou a atenção foi a sua sala, extremamente diferente do que estava acostumada.

A aula passou e ela não prestou muita atenção no conteúdo, até porque ela já havia estudado tal coisa em alguma escola da qual não se lembra. Estava aflita pelo fato de ninguém ter ido falar com ela ainda. Então, com toda a sua coragem, decidiu puxar assunto com o lindo menino que estava atrás dela. Virou-se e chamou o ga-

roto, que olhava atentamente para o celular. Ele parou de digitar e olhou para ela. Com o resto de sua força, puxou assunto. Os dois se apresentaram, começaram uma longa conversa, descobriram singularidades: o garoto se chamava Felipe, o mesmo nome que seu irmão mais novo.

A partir daí uma amizade começa a florescer. Em uma de suas conversas, Felipe conta que só estava naquela escola por castigo do pai, que dizia que ele era ingrato, não reconhecia tudo que tinha e que isso precisaria mudar. Pérola ficou aliviada ao saber disso, pois percebia que estava começando a sentir algo a mais pelo Felipe e eram parecidos, ambos não se encaixavam naquele universo.

Depois de muitos encontros, o namoro aconteceu e como a adolescência durou muito pouco. Os olhos da menina brilhavam, nunca se sentiu assim com ninguém, nunca esteve tão feliz, mas logo Felipe passou a não dar importância para o relacionamento dos dois. O namoro acabou junto com a amizade. Para se livrar dela, o encantado passou a criticá-la, dizia que era gorda, feia e que ele não poderia ser visto com uma menina que não estava no mesmo padrão que ele.

Descobriu de maneira preconceituosa que a aparência engana, que amor não se faz com beleza e que interesse não é garantia de amizade. Tinha sido ensinada que pessoas que choram ou que demonstram sua tristeza são fracas. Pela primeira vez, permitiu-se ser de verdade, sensível e fraca, e então chorou. Descobriu-se humana, o lado bom dessa história.

Autoria

Enzo Silva dos Santos, 14 anos

Lara Eduarda dos Santos Silva, 13 anos

Murilo Pereira de Souza, 14 anos

Nicole da Rosa Silva, 14 anos

Yasmin Aurora Benedito Pontes, 13 anos

Yasmin Farias Assunção, 13 anos



O lado vazio do sofá

Referência: O lado vazio do sofá - Rodrigo Alarcon

O apartamento era pequeno e aconchegante, mas algo nele parecia incompleto. Era como se houvesse um espaço vazio que não podia ser preenchido por nenhum objeto material. Esse espaço era o sofá na sala de estar.

Um homem de trinta e poucos anos vivia ali sozinho desde que sua mulher partira. Ela era sua companheira, sua confidente, sua melhor amiga. Juntos, compartilharam anos de risadas, histórias e sonhos realizados. O sofá sempre foi o lugar onde eles se reuniam após um longo dia de trabalho, onde assistiam a filmes abraçados nos fins de semana preguiçosos, onde planejavam o futuro.

Mas desde que ela se foi, o sofá se transformou em um símbolo doloroso da ausência dela. Ele se viu evitando aquele lugar, não por falta de conforto físico, mas por causa da dor emocional que sentia ao se sentar ali sozinho. O lado vazio do sofá era como um eco silencioso de tudo o que ele perdeu.

Os dias se arrastavam lentamente, cada um trazendo uma mistura de tristeza e saudade. Ele tentava ocupar seu tempo com trabalho, amigos e hobbies, mas sempre havia um momento silencioso à noite, quando a casa se acalmava e a ausência de sua mulher se tornava mais palpável.

Ele ainda fazia tudo o que ela gostava, saía para comprar canela, fazia o café...café, como ele odiava café. O gosto amargo era tudo o que ele não queria, ele já achava suficiente sentir o amargo de amar só, ele não precisava de mais esse sabor.

Ela amava café, sempre tomava com um pouquinho de canela. As canecas lamentavam a ausência da mulher, a porta estava triste por não sentir mais os toques dela antes de entrar em casa.

Aquele sentimento vazio o tomava por completo. Ele estava cansado, após mais um dia de trabalho, ele se via sozinho, só ele e o sofá. Pegou uma xícara e sentou-se no sofá, ele estava decidido, iria se afogar naquele café até não sentir mais nada.

Cada gole era mais enjoativo que o último. Ele encarava o lado vazio do sofá e o vazio o encarava de volta. O único pensamento que passava na cabeça daquele homem era "que desperdício de café, ela não volta mais". Amargo. O último gosto sentido por aquele rapaz. O amargo gosto de amar.

Autoria

Allana Bastos da Silva, 15 anos

Emanuelle Mendonça Costa Gonçalves, 14 anos

Lívia Rodrigues Rosa, 14 anos

Melyssa Ribeiro Silva, 14 anos

Manuela Ermacora Soares, 14 anos

Manuela Santana Correa, 14 anos

Maria Luísa Ferreira Rodrigues, 14 anos

Thayane dos Santos Lima, 15 anos



Queima minha pele

Referência: Queima minha pele - Baco Exu do Blues

Uma frestinha de luz incomoda o meu adormecer, após uma longa noite de insônia, percebo que o dia chegou, que o Sol sempre volta a brilhar no céu, que minha vida não pode parar por um segundo sequer. Passar mais uma noite em claro não mudará a minha realidade, não te fará ser meu nem mesmo tê-lo ao meu lado. O tanto que me enganei em pensar que você gostaria de ser a luz de minha escuridão, o tanto que me desfiz para te entregar o meu coração, não levei em consideração o perigo a que estava me submetendo, assim, esquecendo de quem sou, porém, tudo valia a pena, pois nosso amor era tudo.

Mesmo com todo o mal que você me trouxe, não consigo ignorar todos nossos planos, todos os nossos sonhos, momentos e principalmente as brigas. Elas me provam da insistência na permanência sobre nós, que desistir nunca foi uma opção, do jeito que insistimos em nosso amor até mesmo no último segundo, até a última brisa, até nos tornarmos cinzas, até não restarem nada. Hoje, as chamas que tanto me esquentavam não me fornecem mais o risco de me queimar.

Observo meus pedaços se desfazendo em pó, virando brisa da falecida fogueira existente em meu peito. As chamas que antes iluminavam meus dias, agora geraram queimaduras em todo meu corpo, mas, principalmente, em meu coração. Lembro-me de cada batida de nossa canção predileta, recordo da forma que dançávamos, sincronizadamente, e sinto falta de escutar seu coração bater em minhas mãos. Sofro muito em saber que não sou a pessoa que você escolheu para amar, você não imagina como gostaria de me tornar esse alguém.

Sigo me enganando, tentando disfarçar a falta que sinto de ti. Perceber que a falta de comunicação entre a gente foi o nosso erro, e não te dizer sobre minhas inseguranças foi o meu. Os problemas poderiam ser resolvidos. A luz que ilumina meus dias se foi. Por tudo isso, com um copo vazio em minhas mãos, engulo minha vaidade a seco e te digo: "Volta pra mim".

Autoria



Graça da natureza

Referência: Garota de Ipanema - Tom Jobim

Olha que coisa mais linda
Mais cheia de graça
É essa natureza que a gente vê
E passa com o cheiro de flores pelo ar
Que sempre vamos avistar
Que sempre vamos visitar
Até nunca acabar
Sempre vamos sonhar voando pelo ar
E quando o sol nascer vamos ver a natureza brilhar
E sempre vamos lembrar quando sonhar e acordar

Autoria

Larissa Silva Costa, 12 anos



Tudo passa

Referência: Insegurança - Pixote

Era sempre do mesmo jeito... a gente brigando toda hora. Mas, no final, nós sempre nos resolvemos, colocamos um filme e tudo passa.

Mas, no dia seguinte, as brigas continuavam, até que, em um momento, um de nós já tinha se esgotado e achava que não dava mais. Sim, era eu, eu não aguentava mais aquelas discussões, por um momento pensei até em terminar tudo...mas o amor falou mais alto e eu decidi esperar pra ver se ele acordava pra vida e decidia mudar.

Só que não foi bem assim, as brigas só aumentavam e eu desisti. Terminei esse relacionamento que não estava mais dando certo, mais uma vez - como em bilhões de outras - ele disse que ia mudar, mas não dava mais, pelo menos, não pra mim.

Um ano depois, o amor bateu na minha porta. Sim, era ele. Disse que tinha mudado e só me pediu uma coisa: um date com ele para me mostrar que ele estava diferente.

Eu aceitei, mas o que ele não sabia era que eu estava namorando e não acreditava que ainda havia futuro para o nosso amor.

Chegamos ao encontro e ele foi muito fofo comigo, me levou ao restaurante mais caro da cidade, foi maravilhoso. Depois disso, passamos a sair todos os finais de semana, ele continuava um gato e estava fazendo tudo que o meu namorado não fazia.

Poucas semanas depois, terminei com meu namorado, falei que tinha me apaixonado por outra pessoa e que queria seguir os meus sentimentos.

Sim, voltei com meu ex-namorado, ele realmente tinha mudado. Eu havia mudado. Nosso relacionamento tinha mudado. Agora a gente tem um combinado: toda vez que a gente briga, um faz o outro rir e encerra a discussão. E tem mais, nós nunca mais dormimos separados, sempre que eu estou chateada, ele canta assim: "Já é tarde vamos nos deitar se quiser conversar na nossa cama, porque sei que tudo isso passa, você me abraça e a gente se ama. Eu não vou te trair com ninguém, meu amor você tem minha palavra, porque tudo que um homem precisa eu tenho em casa".

Hoje estamos muito felizes, somos casados, temos filhos lindos e não discutimos tanto quanto antes. Aprendemos que o amor é capaz de superar qualquer obstáculo. E como diz a música: tudo passa.

Autoria



Depois...

Referência: Depois - Marisa Monte

Não conseguia acreditar que depois de tantos anos aquele amor tinha acabado. Não conseguia parar de chorar e pensar no que devo ter feito de errado para acabar assim. Mas também não sou besta de perdoar ele.

Fiquei chorando por um bom tempo, até que ouvi batidas em minha porta... era ele... o mesmo rapaz que adotou minha vida conseguira estragar tudo com a maldosa traição. A primeira coisa que ele fez foi se desculpar inventando histórias e tentando me fazer acreditar naquelas mentiras. Enquanto ele falava eu só conseguia pensar em como ele podia ter me traído depois de tantos anos de amor.

— Depois de todos os nossos planos, de construir ano a ano um futuro para nós. O que isso significava para você? - O choro me consumia, por dentro, um turbilhão de pensamentos, por fora um silêncio na rua, na casa. - Depois de tantos momentos juntos, todas as coisas que passamos, nós nos separamos como qualquer outro casal... Só me pergunto o porquê, eu fiz algo errado? Claro que não.

Ele apenas abaixou a cabeça enquanto eu falava e desabafava tudo que eu estava sentindo.

— Foi tudo em vão? Depois de tudo, virou-me as coisas e não me deu as respostas certas, só mentiras, mas por quê? O que aconteceu? Como aconteceu?

O silêncio dele já estava me incomodando, ele não tinha nada para falar? Nem uma desculpa sincera ele iria dar. Já estava ficando com raiva disso.

— Eu...

— Eu nada! Por que você fez isso? Estava cansado

de nós dois? - e lá estava eu chorando novamente. — Só quero que você seja melhor no próximo relacionamento que você tiver, e eu também serei melhor.

Aquele momento fez ele paralisar, não sei se foi pela minha reação, ele me conhecia muito bem, mas mesmo assim acho que foi algo inesperado.

— Mesmo com tudo isso, só tenho a agradecer a você por todos os momentos que nosso tempo juntos ofereceu. Não podemos negar, foi bom. Todas as nossas histórias ficarão na memória. Não quero lidar com isso, mas vou conseguir viver sem você e você sem mim também.

Já ia empurrando ele discretamente para a saída, insinuando que já não tínhamos mais nada a dizer.

— Depois que aceitarmos isso, vamos direcionar nossa paixão para um outro alguém... meu bem, quero que você seja feliz... mas sem mim.

Empurrei-o para o lado de fora e bati a porta. Depois daquele desabafo, virei as coisas para a porta e desabei no chão. “Pensando melhor, nossos momentos juntos eram bons de qualquer forma, vamos ser felizes em outra história, sem trair mais ninguém. Vamos ter liberdade para amar a vontade. Espero que esse tempo passe rápido e esse machucado se cure. Espero que você seja feliz, hei de ser feliz também...Depois”.

Autoria



Moreno

Referência: Nosso xote - Bicho de pé

Já terminava de me arrumar quando ouvi minha mãe gritar meu nome:

— Sandra! Vamos logo senão iremos perder o arraíá! Ande!

Todo ano, quando o São João chegava, a minha vila fazia a maior festa para as pessoas de fora como uma boa-vinda. Igual a todos esses anos, minha família estava atrasada e corríamos contra o tempo.

Terminei de me arrumar e logo fui para o lado de fora esperar minha mãe e meu pai. Depois de uns cinco minutos esperando, finalmente todos estavam prontos para a grande festa, então fomos correndo.

Quando chegamos mais perto, deu para ver que a festa era enorme, tinha de tudo que se pode imaginar: comidas típicas, bebidas, roupas, barracas em geral, brinquedos, músicas antigas, novas, pessoas da vila e pessoas de fora... mas o que mais me chamou atenção foi a quadrilha e um forró pé de serra que estavam tocando.

Cutuquei minha mãe para pegarmos umas comidas e depois irmos ver a quadrilha. E assim fizemos, comemos um milho, um caldo de cana e um pastel e fomos entrando festa adentro. Tinha muitas pessoas, tanto assistindo a dança quanto “pulando a fogueira”, cutuquei de novo minha mãe, queria muito participar da quadrilha, nem esperei respostas, como ansiosa que sou, fui direto dançar.

Passei umas duas horas dançando, mas, para a minha infelicidade, minha mãe me chamou para avisar que já iríamos embora. Mesmo chateada, fui sem reclamar, pois sabia que nada era capaz de fazer a minha mãe mudar de ideia.

Andava cabisbaixa e triste, quando cruzamos com dona Marlene, uma senhorinha que amava um pé de serra e que sempre me chamava para dançar com ela. E esse ano não foi diferente, mas dessa vez glorifiquei que ela apareceu, não queria ir embora. Graças à aparição oportuna de Dona Marlene, minha mãe resolveu ficar mais um pouquinho.

Ao entrarmos no salão, percebi que havia muitos estrangeiros e um em especial chamou minha atenção. Um

moreno alto, com roupas nadas convencionais para uma festa junina e um olhar penetrante que me seguiu por todo o caminho enquanto procurávamos um lugar para sentar. Minha mãe, como sempre atenta a tudo, percebeu nossa troca de olhares:

— Chega nele, menina, para de ser boba. - disse minha mãe em tom mais alto do que deveria.

— Meu Deus! - quase me escondi de vergonha ao perceber que ele sorria porque claramente entendeu o que minha mãe tinha dito.

Por quase meia hora ficamos nos olhando discretamente, tentando disfarçar o interesse mútuo. Até que ele se levantou e começou a caminhar em minha direção, meu coração disparou, ele estendeu a mão em minha direção e disse:

— Vamos dançar?

Apenas fiz um sinal que sim com a cabeça e o segui. Aquela voz me encantou desde o primeiro instante, até aquele sotaque de fora me aquecia por dentro. Começamos a dançar, e o meu corpo se arrepiou por inteiro a cada toque dele. Carinhosamente ele beijou o meu cabelo, cheirou meu cangote e em um movimento rápido me puxou para mais perto de si.

— Qual é o seu nome? - ele sussurrou em meu ouvido.

— Sandra. E o seu?

— Ethan. - não sei o que era mais bonito, se o nome ou o sotaque que me deixava acanhada demais para falar.

Quanto mais dançávamos, mais impressionada eu ficava com o seu jeito de balançar o corpo inteiro... tudo nele era incrível... Eu ia me soltando cada vez mais, ao cair da noite, e nossa sincronia só aumentava. Dançamos até às três horas da manhã, só paramos porque meus pais queriam ir embora... Não, não rolou nada... e fim...

Claro que não... peguei o contato dele e estamos conversando desde domingo...

Autoria

DRE SANTO AMARO

f



E

A

P

L

b



o

L



Adobe Stock



Malandragem

Referência: Malandragem - Cássia Eller

Um belo dia, acordei e percebi que as coisas estavam diferentes, há pouco eu ainda era uma criança, conseguia ver as coisas com olhos ingênuos e inocentes, ainda tinha pensamentos infantis e não conseguia ver maldade nas pessoas e nem em suas atitudes, mas, de repente, percebi que sobreviver nessa sociedade vai exigir de mim uma nova visão, mais realista, menos iludida. Eu descobri, então, que estava amadurecendo e agora precisava ser mais esperta, não acreditar em todas as coisas que eu via e ouvia, é necessário ter sagacidade, malícia, esperteza, para não ser feita de boba.

Eu percebi também que, na vida, se passa por muitas decepções, entendi muito bem isso com minha primeira desilusão amorosa.

Todos os dias, eu observava aquele garoto dos cílios grandes. Ele tinha baixa estatura, passava quase todos os dias às 8:30 da manhã passeando com seu cachorro de pelos cor de caramelo. Eu realmente estava gostando daquele menino, mesmo sabendo que ele nem sabia que eu existia, minha alegria era observar ele passear perto do condomínio onde eu morava. Eu escrevia poemas de amor, amor que me fazia gaguejar quando falava para algumas amigas, aquele amor de fazer sentir borboletas no estômago. Ah! Eu era tão ingênuu!

Logo percebi que o amor não é assim cor de rosa, não dá tudo certo como nas novelas mexicanas, na realidade está mais pra cinza, aquele dia escuro que tira nossa vontade de fazer qualquer coisa, e a culpa não é do garoto de cílios grandes, mas sim minha culpa, porque me deixei apaixonar e descobri de forma dura que amar às vezes machuca e talvez eu ainda não saiba o que é amar.

Então, resolvi viver minha realidade, observar o meu dia e fazer aquilo que me satisfaz, aproveitar o meu tempo sem me importar com a opinião dos outros e não ser manipulada pelas pessoas.

Sinto que estou crescendo, apesar do aumento das responsabilidades e do cansaço da vida que está em transição, a vida adulta chegando, eu peço a Deus sabedoria, inteligência e também um pouco de malandragem para não ser passada pra trás. Estou num processo de transição, estou tentando entender a malandragem do mundo, conhecer a verdade. Já percebi que na vida preciso sonhar, buscar meus objetivos, mas não espero mais por um príncipe encantado, ainda escrevo meus poemas, coloco neles meus sentimentos de culpa, porque sei que me tornei malvada em alguns aspectos, quem sabe um dia eu aprenda a amar de verdade...

Só peço a Deus um pouco de malandragem para sobreviver em meio ao caos.

Autoria

Nina Vitoria De Moura, 14 anos

Nicole Cristina Pereira, 14 anos

Barbara Melo Pereira, 14 anos

Nicolas Marques, 14 anos

Sofia Gonzaga, 14 anos

Maria Eduarda Oliveira, 14 anos

Gabriela Cruz Costa, 14 anos

Danilo Santos Pereira, 15 anos

Maria Eduarda Ferreira, 15 anos

Yara Alves, 13 anos

Maria Eduarda Tatiane, 13 anos

Leticia Tavares, 13 anos

Ana Clara Colli, 14 anos

Bruno Lima, 14 anos

Izabel Silva Amorin, 14 anos

Gustavo Matias, 14 anos

Beatriz Melo Pereira, 12 anos

Yago Gonçalves, 14 anos

Miguel Henrique Araujo, 14 anos

Karolaine S Nunes, 14 anos

Beatriz Laura, 13 anos

Amanda Souza Manzon, 14 anos

Raissa Gonçalves Barbosa, 14 anos



Referência: AmarElo - Emicida

Coberto por pedras, e um rio em que minha irmã se banhava, percebo e observo o vento fazendo curva. Um lugar com muito sol, minha terra de consolo, em específico, o morro. Carolina, minha irmã de sete anos, sempre vinha falar:

— Vamos caçar melancia, broer*?

— Claro, Carolzinha!

No caminho, encontramos fantasmas ocupando barcos. Espere, são homens brancos! Vieram falar conosco, disseram para darmos a eles ouro em troca de espelhos. Pensamos bem, mas dissemos que não valia a pena, não era uma troca justa.

E então se irritaram e me bateram no rosto. Por fim, levaram, eu e minha irmã, em barcos diferentes. São homens maus, me desprezavam toda manhã e noite. Disseram entre eles que precisavam terminar a obra. “Mas que obra” - Pensava eu. “Chegamos a terra desejada!” - Diziam eles. Nos acorrentavam e chicoteavam, ainda que trabalhássemos, continuávamos sendo torturados. Construíamos dia e noite sem descanso.

Até que, enfim, terminamos. Festejar não podia, porque tudo pertencia a eles. Na luz do luar, teve a primeira apresentação com a ópera, fui apreciá-los de perto, a socos me arrastaram, não tiveram piedade e fraco me deixaram.

No meu último suspiro, Carolina me aparece ao lado de um branco, não me pareciam estranhos. Forçada, agarrou-a para ver-me morrer.

— A única negra que poderia apreciar a Ópera seria você, Carolina - ele dizia a ela.

E vejo lágrimas cair do rosto de Carolina.

Essa foi a história passada por gerações, muito obrigada aos meus antepassados por terem sido fortes e hoje me conceder ser um cara de sorte.

Na atualidade, podemos desfrutar daquilo que VOCÊS construíram.

**Broer: irmão/irmã em africano*

Autoria

AEL SÉRGIO VAZ | EMEF ALMIRANTE SYLVIO HECK

Ana Paula Rodrigues

Coordenação de estudos literários e teatrais

Yasmin Silva de Oliveira, 14 anos
Maria Viktória de Carvalho Sales, 13 anos
Suzana Santos da Rocha, 14 anos
Soraia Franca de Jesus, 13 anos



Racionais – capítulo 4 , versículo 3

Referência: Capítulo 4, Versículo 3 - Racionais MCs

“Ok coleguinhas, guardem seus materiais, não esqueçam a lição de casa, até semana que vem!”.

E depois que o sinal toca, no caminho de casa, pelas perigosas ruas do Capão, de longe dava para ver, pessoas amontoadas observando algo, poderia ter me juntado, mas com tanto trabalho a se fazer preferi voltar para casa.

“Oi, filho, já chegou? Estou terminando de me arrumar para o trabalho, você viu se aconteceu algo na rua? Passou no jornal”. No momento me recordo da multidão, a curiosidade me bate, então vou depressa e ligo a televisão. “Hoje no bairro do CAPÃO REDONDO, às 10h30, durante confronto entre policiais e criminosos, adolescente de apenas 14 anos morre baleado por engano”.

“Mãe, vou à padaria”. Tive que mentir, porque se pedisse pra ver o acontecido, com certeza meu pedido seria negado. Então, saí correndo torcendo pra que ainda pudesse ver a cena, a ansiedade pulsava meu coração, quem será que foi dessa vez? Já pensando em quem será o próximo.

Quando chego, tento atravessar a multidão, e quando finalmente consigo... era um menino, negro, camisa branca ensanguentada, aos seus pés, uma mulher, que implorava por ajuda. “SOCORRO, AJUDA, POR FAVOR”. Mas se ao menos os policiais a escutassem... Em meio àquela situação, uma lágrima cai dos meus olhos, é a dor de sobreviver no inferno.

Autoria

Paulo Henrique Queiroz Sousa, 14 anos

Sara Maria Santos Fernandes, 14 anos

Stephany Vitoria Gomes Teixeira, 14 anos

Vitor Hugo Monteiro Da Silva, 12 anos

José Barbosa Da Silva, 12 anos



Referência: O Sol e a Lua - Pequeno Cidadão

Era uma vez, uma linda mocinha cacheada chamada Luana e uma jovem sorridente chamada Sofia, elas eram amigas de infância. Quando entraram na adolescência, Sofia percebeu que sentia algo a mais que amizade por Luana e uma paixão nasceu em seu coração.

Um dia, Sofia decidiu escrever uma carta se declarando a Luana, dizendo que já a amava há muito tempo, desde quando brincavam juntas na casinha da árvore.

Mas Luana respondeu: não sei, não sei, não sei.

Então, Sofia pediu ajuda a sua amiga Vitória, que faz muitas atividades extra-curriculares e não tem tempo para ouvir sua história.

E 24 horas depois, o Sol nasceu, a Lua se pôs e Sofia foi novamente declarar seu amor por Luana, que respondeu: não sei, não sei, não sei. Me dá um tempo, pois meu coração não pertence a ninguém.

Sofia sem saber mais o que fazer, com tanto amor para dar, começou a chorar e se entristecer, suas expectativas escureceram e ela foi para casa tentar se consolar.

E 24 horas se passaram e outra vez o Sol se pôs, a Lua nasceu, e de novo e de novo e de novo. E várias declarações foram feitas: bilhetes, cartas, indiretas nas redes sociais, mas nenhuma notificação subiu; afinal, Sofia foi se apaixonar justo por Luana, que a despreza e a deixa esperar sem respostas.

E 24 horas se passaram e outra vez o Sol se pôs e, na saída da escola, a grande revelação, Luana aparece ficando com um menino! O coração de Sofia congelou e a decepção roubou sua alegria.

Mas o que Sofia mal sabia era que alguém a amava também.

E um conselho surge de onde menos esperava, sua amiga Vitória lhe diz:

— Se a Luana não te quer, tudo bem. Você é linda! E seu brilho vai muito mais além. Um dia você vai encontrar alguém, que com certeza vai te amar também.

E na mente de Vitória ecoa a resposta: “mal sabe ela que esse alguém sou eu...”

Autoria

Ana Beatriz Coelho Madalena, 14 anos

Ana Luiza da Silva Godoi, 14 anos

Karina Akemi Abe, 14 anos

Maria Clara Gonçalves Araújo Caldin, 11 anos

Nathalia Gamberini do Nascimento, 14 anos

DRE SÃO MATEUS

f



E



A

P

L



L

Adobe Stock



Devolva-me

Referência: Devolva-me - Adriana Calcanhotto

Estou deitada na cama, até que escuto meu celular tocar, vou atender e vejo uma mensagem da minha amiga Mariana, ela parecia tensa, abro a mensagem e me deparo com uma imagem não muito agradável, era meu marido com minha ex-melhor amiga de infância.

Espero meu marido chegar em casa. E depois de um tempo, ouço a porta abrir:

GERALDO: Oi, meu bem! Eu estava no futebol.

JULIANA: Não sabia que a Beatriz estava no seu time de futebol.

GERALDO: É... Eu... Magina, eu não falo há muito tempo com ela.

JULIANA: Não adianta mentir, eu tenho provas. A Mariana me mandou a foto de vocês dois juntos no maior amasso.

GERALDO: Não era eu! Ela está louca! Ela quer te colocar contra mim. Ela deve ter visto o Gilberto, você sabe muito bem o quanto somos parecidos. Juliana mostra o celular, quase enfiando na cara do Geraldo.

JULIANA: Não sabia que seu irmão estava com problemas de visão e usando exatamente a mesma armação que você!

GERALDO: Foi ela que me agarrou e me beijou! Ela sempre deu em cima de mim, desde a época em que vocês eram amigas.

JULIANA: É, ela sempre deu em cima dos meus namorados. Mas isso não justifica seus braços ao redor do corpo dela!

GERALDO: É que... eh.... acho que eu estava meio bêbado, e eu não conseguia me equilibrar direito. É isso, foi por isso que eu abracei ela. Quando ela me beijou, eu perdi o equilíbrio e aí eu me segurei nela para não cair.

JULIANA: Ah, então você estava jogando futebol bêbado, logo você que se importa tanto com o “seu” futebol?

GERALDO: Mas eu bebi depois do jogo! Nós saímos pra comemorar a vitória, e bebemos algumas cervejas.

JULIANA: Sei muito bem que vocês sempre vão ao bar do “Seu Jorge”, e na foto vocês NÃO estão lá! A Mariana tirou a foto no “Sambão”, e aí?

GERALDO: É... é que... eh... O Eduardo, isso, ele achou melhor conhecer um bar novo, e por isso fomos ao “Sambão”.

JULIANA: Chega! Basta! Cansei de você e das suas mentiras. Cai fora da minha casa!

Ela começa a retirar as roupas dele do armário, e as joga no chão.

GERALDO: Não, é que.... eh!....

JULIANA: Ah, cale a boca, não quero ouvir mais nada! Eu sei que você vai inventar mais mentiras. E eu não aguento mais.

GERALDO: Mas eu te amo, você é a mulher da minha vida! E, ... E... eu estava bêbado!

JULIANA: Deixe-me sozinha, que assim eu viverei em paz. Quero que você seja bem infeliz, junto daquela piriguete.

Geraldo desiste de argumentar, pega suas roupas no chão e faz menção de pegar um retrato deles em cima da cômoda. Juliana percebe e grita:

JULIANA: Deixe isso aí, não ouse levar qualquer retrato meu, e se tiver algum na sua carteira, devolva-me!

Autoria

Amanda Ferreira Bueno, 13 anos

Grazielly Nascimento Penna, 13 anos

Enzo Gustavo Ferreira Souza, 14 anos

Pedro Lucas de Jesus Silva, 13 anos

Yasmin Cambraia de Almeida, 14 anos

Dafny Menezes, 14 anos

Wenzo Bonfim Silva, 13 anos



Dona de mim

Referência: Dona de Mim - Iza

Por muito tempo sofri sem ter voz
Calada, engolindo as lágrimas amargas
Por muito tempo me perdi no caminho
Sem saber se conseguiria voltar
Quieta, aprisionada
Chorando sem saber, se um dia tudo isso passaria!
Mas cresci e amadureci! Me tornei dona de mim!
Ninguém vai tirar a minha força, o meu poder. Sei do meu valor
Do que sou capaz de fazer
Não acreditem
em palavras brutas, como pedidos de desculpas
sempre acarinhando com a mesma mão que espanca.
Depois de tanto dizer sim, aprendi a dizer não!
Não vou nunca mais me rebaixar! Sou dona de mim!
Dona da minha história, eu vou muito além
do que qualquer um tentou me determinar
Minha fé me guia
Não vou desistir, caio, me levanto
A vida é assim!
Sou livre! Empoderada! Sou dona de mim!

Autoria

Enzo Gabriel Dias Barbosa, 13 anos

Eveline Charles, 13 anos

Gabrielly Silva Santos, 12 anos

Isabela de Andrade Gonçalves, 12 anos

Isabella dos Anjos Silva, 13 anos

Kaue Oliveira Gomes, 10 anos

Luana Maria Januario, 11 anos

Maria Eloah Dias Rosa Vasconcelos Luiz Santos, 10 anos

Pedro Henrique de Miranda Crispim, 12 anos

Vitoria Hadassa Dias Rosa Vasconcelos Luiz Santos, 11 anos

Vitoria Oliveira de Sousa, 12 anos

Nicolý Proença Luciano, 14 anos



Mundo Livre

Referência: Mundo Livre - Face Da Morte

Não vim aqui para falar de coisas ruins,
vou te mostrar meu irmão, nossa AEL
faz a gente sonhar com literatura, poesia,
escritores, ilustradores e
um mundo cheio de fantasias.
Guarde essa sigla AEL,
pois você saberá, que não é uma sigla qualquer,
ela pode te transformar
e você vai se alegrar.
Então irei te contar o que fazemos
nos encontros da nossa academia.
Peço que não se assuste camarada,
pois nossas festas parecem loucura,
mas na realidade o que fazemos
é ler livro, pois esses nos curam.
Nós somos um time que conta histórias,
através de peças, poesias e muita oratória.
Se você está triste, venha para AEL,
aqui você encontra alegria, diversão,
muita leitura e animação,
jamais terá depressão,
portanto o que fazemos
traz muita paz para o coração.
Saiba que a AEL é legal
abre a mente e sua criatividade,
para poder escrever textos e
ter muito mais inventividade.
Quando chegar a sua vez de vivenciar AEL,
vamos juntos dar as mãos e
apresentar no palco da vida



nossa união e confraternização.
 Te convidamos a abrir um livro e entrar na AEL,
 porque o amor existe e você é acolhido.
 Se você está triste, lá eles têm tudo de bom,
 só para te dar e te apoiar.
 Bora colega, se libertar da cegueira
 deste mundo e venha viver na AEL
 Essa grande brincadeira.
 Não se intimide, seja da periferia ou do centro,
 AEL acolhe a todos.
 Neste território AEL, não existe preconceito,
 o que fazemos é promover a equidade,
 amizade, liberdade, esperança e fraternidade.
 Porque neste ambiente
 discutimos e refletimos
 ações para o mundo sem racismo.
 O diálogo e a diversidade estão presentes
 e nunca ficarão ausentes,
 seja qual for o seu gênero ou sua opção,
 venha lutar e vivenciar conosco
 a solução para um mundo de amor,
 respeito e compreensão.
 Mostramos para vocês um pouquinho da nossa AEL,
 se você está aberto para novas viagens,
 livre das amarras da maldade deste mundo,
 venha fazer parte dessa arquitetura
 fantástica da leitura de encantamento,
 imaginação e conhecimento.
 Nosso lema aqui na AEL é:
**A AEL encantou, vamos todos juntos, escrever nossa canção/
 A AEL encantou, unindo muita leitura e criatividade num só coração.**

Autoria

Ana Clara da Silva Correia, 12 anos
 Ana Clara Pereira de Sousa, 10 anos
 Ana Clara Teixeira da Silva Maciel, 9 anos
 Ana Isabela de Lima, 13 anos
 Ana Isabella lusco Quispe, 10 anos
 Ana Julia de Oliveira Miranda, 11 anos
 Anderson Rodrigues da Silva Filho, 11 anos
 Claudia Paolla Llusco Saire, 14 anos
 Davi Luiz dos Santos Peixoto, 11 anos
 Emilly Nascimento Barbosa, 11 anos
 Ester Maria Aguiar da Silva, 12 anos
 Guilherme Silva Ramos, 9 anos
 Isabelle aparecida Cruz Bento, 9 anos
 Isabelly Eloisa Lima da Silva, 12 anos
 Joana Bonilha Olímpio, 11 anos
 Krolayne Rodrigues de Brito, 11 anos
 Lara Sophia Nascimento de Macedo, 11 anos
 Larissa Oliveira da Silva, 15 anos
 Laura Beatriz Sousa Campos, 10 anos
 Laura Maria Vasconcelos Silva, 11 anos
 Leonardo Daniel da Silva Souza, 9 anos
 Letícia França dos Santos, 12 anos
 Lorena Nunes, 11 anos
 Lucas Barros, 12 anos
 Luiz Miguel da Cunha, 13 anos
 Maria Clara de Sousa Ferreira, 8 anos
 Maria Vitória de O. Silva, 12 anos
 Matheus Barros, 12 anos
 Micaella Brandão Almeida, 15 anos
 Nicolay Vitória de Almeida Guimarães, 10 anos
 Rafael Cabral, 13 anos
 Ryan Henrique Alves Martins, 12 anos
 Sophia Bonilha Olímpio, 7 anos
 Soraya Ribeiro da Silva, 9 anos



Oração

Referência: Oração - A banda mais bonita da cidade

Anna era um bebê saudável e feliz até seus 4 anos de idade, quando em um exame de rotina seus pais descobriram que ela sofria de cardiopatia congênita. A cirurgia não seria necessária naquele momento, mas sua vida seria repleta de cuidados. E assim fizeram seus pais, sempre presentes, porém a incentivaram a viver intensamente, preocupados que ela não vivesse por muitos anos.

Os anos se passaram e em seu primeiro ano da faculdade de teatro ela conhece Pedro, um rapaz cheio de energia, com um certo espírito de criança levada. A amizade é imediata e, ao longo dos anos de convivência, o amor foi surgindo. Após a faculdade, Anna inicia carreira de atriz, e Pedro segue como filmmaker*.

No aniversário de 25 anos de Anna, Pedro decide fazer uma surpresa pedindo-a em casamento. E, um ano depois, os dois dizem sim em uma cerimônia muito romântica ao pôr do sol, em uma praia do litoral paulista. Na hora da valsa, o casal dançou sua música favorita “Oração”, emocionando todos os convidados.

Três anos depois, como qualquer outro casal apaixonado que engravida, Pedro e Anna vão para o hospital fazer exames de rotina. Eles estão muito felizes com o fato da família aumentar. Durante o ultrassom, porém, eles descobrem que são três bebês, e isso a princípio é um grande choque para os dois. Anna fica assustada e em desespero com medo do que virá, pois teme que seu coração não aguentar a pressão de gerar três bebês.

No caminho de volta pra casa, Anna está pensativa, e Pedro tenta animá-la dizendo que os dois juntos con-

seguirão cuidar dos bebês. Ela decide então contar sua verdadeira apreensão, sua condição de cardiopata e seu medo de morrer.

Chegando em casa, Pedro muito inseguro sem saber ao certo o que falar para ela, vai para seu quarto e faz uma oração para que o coração de sua esposa seja salvo. Ao andar pela casa, Anna consegue ouvir seu marido no quarto e fica na porta ouvindo. Assim que ela percebe que a oração está acabando, ela sai. Pedro a ouve e consegue acompanhá-la. Ele pega em sua mão e diz que eles estão nessa juntos, que buscarão os melhores médicos e tratamentos, e que tudo dará certo, e que juntos cuidarão dessas três vidas inteiras.

**profissional que produz filmes. Sejam curtas, médias ou longas-metragens.*

Autoria

Isabelly Ferreira Marques, 15 anos
Gabriely Basso Pereira Melo, 14 anos
Manuela Gonçalves de Lima, 15 anos
Thawany Vitória Firmino da Silva, 11 anos
Sophia Gomes Oliveira Sousa, 13 anos
Clara Miranda de Moraes, 13 anos
Leticia Ramos Cavassini, 14 anos
Nicolly Victoria de Araujo Silva, 13 anos



Triste, Louca ou Má

Referência: Triste Louca ou Má - Francisco El Hombre

Eu estou cansada, cansada de sempre ser machucada,
Cansada dos olhares, cansada de ser humilhada e depreciada.
A pessoa diminuída ou reduzida a objeto
Aquele que não decide ou é chamada do pior

Triste, louca ou má
Será qualificada quem recusar seguir receita tal

Estou cansada de assim me chamar
Não ser amada e só eu amar
Fatigada com a pressão psicológica que a sociedade impõe a mim.
É tão difícil entender que eu não sou um simples manequim?
Tenho sentimentos e direito de escolher
É difícil entender que quero sair na rua sem ter medo de morrer?
Ser assediada, machucada
E, talvez, até o horror: ser estuprada!

A receita cultural do marido, da família
Aquele que cuida, cuida da rotina.
Só mesmo rejeita bem conhecida receita
Quem não sem dores aceita que tudo deve mudar

Mas ainda assim tenho que estar bonita
Porque ai de mim se sair e estiver largada,
Vão ter ofensas e críticas por não ser linda
Mas terei problema se eu sair muito arrumada.
Roupa curta nem pensar
Mas se for de calça também não vai rolar,
Mais e mais sou renegada.



Eu estou cansada de tudo mesmo
Da escola, dos problemas
E, principalmente, dessa sociedade estereotipada.
Quero andar sem ter receio,
Saber que posso ter uma filha
E deixar ela brincar na rua sem medo
Sem ser sequestrada
Ou algo pior...

A mulher precisa entender e formar opinião
Argumentar e dizer não
Porque um homem não te define
Sua casa não te define, sua carne não te define
Você é seu próprio lar

Eu que tenho que saber como me comportar melhor?
Não seria mais lógico que eles soubessem se limitar?

Mas, como disse, estou cansada...
A mulher precisa se desprender
Quero ouvir que ela desatinou,
Desatou nós, vai viver só
Que a carne feminina seja mais que banquete
Alvo de caça, conformada vítima
Quero fazer isso mudar!
Nem que eu faça campanhas ou grite.
Eu tenho direitos e os quero
Mesmo que eu tenha que conquistar cada um deles,
Suar, sangrar para com eles compartilhar.

Dizem que sou muito jovem para amar,
Entender ou simplesmente saber
O que, na verdade, é sofrer...
Mas estão todos errados.
Por que eu sou jovem demais para saber o que é amar,
Mas sou madura o suficiente para eles me tocarem e me machucar?
São sempre os donos da razão,
Sou mulher e sou com muito orgulho
Mesmo com todo esse medo e aflição

Então, faça-me o favor:
Pare de simplesmente achar que sou mais fraca,
Só por causa do sentimento feminino.
Sou mulher, mas, como dizia a Rita Lee:
"Sou mais macho que muito homem..."
Então, entenda meu vocabulário
Pois meu NÃO é NÃO mesmo
Não é um simples palavreado.

Mas se eu digo que consigo
É porque, claramente, eu sou capaz.
Compreenda a diferença
Entre ser mulher ou o seu mero capataz
Pois um homem não te define,
Sua casa não te define
Sua carne não te define
(Você é seu próprio lar).

Autoria

Clarissa Felipe Rodrigues, 14 anos
Letícia Cotting Domenes, 14 anos
Laís Cristina Grecco (Haru), 13 anos

DRE SÃO MIGUEL

f



E



A

P

L



L

Adobe Stock



Era uma vez!

Referência: Era uma vez - Kell Smith

Na tranquila cidade de Pedra Branca, uma senhora chamada Cora está sentada em sua varanda observando sua netinha Sofia brincar. Uma sensação de nostalgia a envolveu, quando parada ali recordava os dias de sua infância, das tardes inesquecíveis brincando no quintal, das risadas sinceras e das aventuras com seus amigos.

A vida adulta trouxe responsabilidades e preocupações que a afastaram da simplicidade e alegria de ser criança. Cora ansiava pelos dias em que não havia boletos nem horários para cumprir. Só queria sentir aquela mesma liberdade de explorar o mundo com os olhos cheios de maravilha!

Sem perda de tempo, correu até sua neta e lhe propôs uma corrida, a menina logo respondeu:

— Mas a senhora não está muita velha para brincar de correr?

— Velha?!!! Deixa disso, menina!! Nunca é tarde para se reconectar consigo mesma!!

Sua neta a encarou e sorrindo disparou a correr. Aquela tarde foi um recomeço para Cora que nunca mais foi a mesma, pois entendeu que não precisa ser durona sempre e que pode voltar a ser criança quando quiser!

Autoria

Ana Clara dos Santos, 13 anos

Emanuely Silva Santos, 12 anos

Isabella Valentina Barros Nascimento, 12 anos

Isabelli da Silva de Jesus Santos, 13 anos

Jamilly dos Santos Fernandes, 13 anos

Keethlyn Eduarda Ferreira Nogueira, 14 anos

AEL CECÍLIA MEIRELES | EMEF GENERAL NEWTON REIS

Lucicleide V. Freire Lima e Renato Plínio Romero Sanches

Coordenação de estudos literários e teatrais



O homem que não tinha nada

Referência: O homem que não tinha nada – Projota e Negra Li

Morava em uma periferia do bairro de Vila Esperança, no Rio de Janeiro, um homem chamado Alexandre, de 42 anos. Ele era bem pobre e praticamente não tinha nada a não ser algo que nem todas as pessoas têm: uma linda família, composta por Maurício de 15 anos, Ingrid de 12, Geovanna de 8 e uma bela esposa chamada Andréia. Alexandre, mesmo não tendo boas condições financeiras, sempre se preocupava muito com eles e fazia de tudo para dar-lhes o melhor.

Ele trabalhava numa das sedes do MetrôRio, a organização responsável pelas estações de trem, metrô, entre outros meios de transportes do Rio de Janeiro, e entrava por volta das 6h15 da manhã. Por isso, saía cedo todos os dias e enfrentava vários contratempos, como ônibus lotado, gritaria, confusão, o “clássico transtorno” do dia a dia do brasileiro que pega transporte público. Sua função era fazer a faxina em uma das estações da empresa. Mesmo sendo um trabalho bem cansativo, já que ali circulavam milhares de pessoas sujando o chão com demasiada frequência, ele continuava com esperança e disposição em seu trabalho.

Em uma terça-feira ao anoitecer, Alexandre voltava do trabalho com sua cabeça bem longe, preocupado com as dívidas, contas, com a falta de alimento em sua casa. Enquanto caminhava, lembrou-se de que haviam cortado a sua luz. Então, com um pouco de malandragem e cuidado, subiu no poste e fez um tipo de esquema para que voltasse a energia de sua casa, já que procurava oferecer um pouco de dignidade a sua família.

Infelizmente, no outro dia, quando saiu para o trabalho, levando apenas sua mochila, sua marmita, um guarda-chuva e um celular bem humilde, Alexandre sentiu dentro de si que algo ruim aconteceria logo à frente. Então, rapidamente ligou para sua família e disse que os amava e por garantia se despediu. Assim que chegou ao ponto, ficou aguardando o ônibus, em uma rua praticamente deserta. Enquanto esperava, atrás de si apareceu um homem com uma faca. Nesse momento, Alexandre se viu rendido pelo homem que queria tudo o que ele tinha, embora não houvesse nada o que entregar. O assaltante, vendo que nada ganharia, ficou irritado e tirou a única coisa que Alexandre tinha: sua vida.

Autoria



As canções que você fez pra mim

Referência: As canções que você fez pra mim – Maria Bethânia

Em Salvador, sob o céu tingido pelas cores do crepúsculo, o Bar Martínez era um refúgio para almas cansadas e corações solitários. Bernardo Cacelli, com sua voz suave e violão gasto, era a estrela não anunciada do lugar. Filho da pobreza, mas rico em sonhos, ele cantava não por fama, mas pelo sustento de sua família.

Selena Martins, herdeira do bar e da solidão que ele abrigava, encontrou em Bernardo uma melodia que faltava em sua vida. Noite após noite, ela se perdia na doçura de suas canções, na honestidade de seus olhos. Uma paixão silenciosa floresceu, tão delicada quanto as notas que dedilhava em seu violão. Mas a melancolia é irmã da beleza e a história deles não foi exceção. Em uma noite fatídica, com a lua como testemunha, Bernardo revelou seu segredo: ele partiria. Salvador, o Bar Martínez e Selena - tudo seria abandonado em busca do sonho de ser artista.

"Selena", ele sussurrou, "a música me chama, e eu devo seguir seu chamado. Mas saiba que você sempre será a canção mais doce que meu coração já conheceu".

Ela tentou sorrir, mas seus olhos traíram a tempestade em seu peito "Bernardo, por favor, fique", ela implorou, sua voz ecoou um sussurro trêmulo. "Não há sonho maior do que o amor que podemos construir aqui."

Bernardo, com a alma dividida entre o amor e a ambição, olhou para Selena, a mulher de cabelos dourados que o tinha em suas mãos. Ele sabia que cada nota que tocava, cada palavra que cantava, era um eco do amor que sentia por ela. Mas, dentro dele, a chama de um sonho maior ardia intensamente.

"Selena, minha querida, você é a melodia que sempre tocarei em silêncio", ele confessou, seus dedos pausando sobre as cordas do violão. "Mas eu devo seguir a música que me chama para além destas paredes."

Ela alcançou seu rosto, puxando-o suavemente para um beijo que selou suas almas em um momento eterno. Foi um beijo carregado de promessas não ditas e desejos inconfessos, um beijo que falava de um futuro que nunca seria.

Quando seus lábios se separaram, Bernardo tocou o rosto de Selena com ternura, uma despedida silenciosa. "Eu sempre levarei seu beijo comigo", ele murmurou, "como um doce lembrete do que tivemos".

Com o coração pesado, ele se afastou, deixando para trás o amor de Selena e o Bar Martínez. Ela ficou ali, sozinha, com o gosto amargo da despedida em seus lábios e a dor da perda em seu coração.

Bernardo partiu com o amanhecer, levando consigo as esperanças e sonhos de dois corações. Selena ficou abraçando a lembrança daquele amor, tão breve quanto belo, que viveu nas noites do Bar Martínez.

Selena Martins, com os olhos fechados, deixa-se embalar pelas canções que Bernardo Cacelli compôs para ela. Cada nota é um sussurro do passado, cada letra uma carícia que atravessa o tempo. Em seu coração, ele permanece como o único e verdadeiro amor, aquele que, com sua partida, levou uma parte dela. Ela aninha-se na melancolia dessas melodias, abraçando a doce esperança de que, um dia, as canções a guiarão de volta aos braços de seu amado. E, assim, entre a saudade e a doce dor da lembrança, Selena espera, com o amor que nunca se desvanece, pelo retorno de Bernardo.

Autoria



Valsinha

Referência: Valsinha – Chico Buarque

Na suavidade dos acordes da valsinha,
Os corações dançam em harmonia,
Como se o tempo se curvasse diante da melodia envolvente.
Os passos leves acompanham a cadência romântica,
Tecendo uma teia de emoções que se entrelaçam a cada giro gracioso.

Entre olhares cúmplices e sorrisos tímidos,
Nasce uma conexão que transcende as palavras.
O eterno pulsar incandescente de uma estrela cadente
Remete o brilho do meu olhar ao cruzar o teu.
É como se a música, por si só, traduzisse os sentimentos mais profundos
Que habitam as almas dos amantes.

Quando os sinos tocarem
Serei teu. Tu? Serás minha?
Nunca, nem irão ousar sonhar.
Vamos dançar com ternura e graça
Vamos ser o novo símbolo da paz.

Na pista de dança da vida, os protagonistas deslizam suavemente,
Um amor antigo que veio se despedir
Por que realmente?
Está na hora de partir.

O momento esperado,
Que nenhum dos dois sabia que teria que sentir.
Na dança alegre que um dia ensaiaram para dançar
Se encontrava o recomeço, o retorno.

Deixaram-se levar pela melodia que celebrou a beleza e a delicadeza
Dos momentos compartilhados a dois.
E nosso dia
Amanheceu em paz.

Autoria

Pela luz dos olhos teus

151



Referência: Pela luz dos olhos teus - Miúcha e Tom Jobim

Na escuridão do coração,
Dois pares de olhos relutam em não se encontrar,
mas, sucumbindo a vontade, quebram a barreira,
que juntos decidem criar.

Na luz daqueles olhos
Aquele coração que escuro não mais ficará.
Sinto rubor.
Sinto calor.
O eterno pulsar.

Pela luz dos olhos teus, brilhantes e serenos,
Caminho sem medo, perdido em meus terrenos.
Como as ondas do mar que buscam a areia,
Perco-me em teu olhar, em tua alma cheia.

Sem palavras, nem sussurros,
apenas olhos solitários.
Que sem receios quisessem urrar
Os segredos que lutaram para guardar.

No compasso suave da melodia que ecoa,
Encontro abrigo em tua voz que entoa.
Como notas de um piano que tocam o coração,
Sinto a calma e a paixão nessa doce canção.

Quando a luz dos olhos teus
Bateu com os meus
Ardeu a minha alma
E iluminou esse caminho de escuridão.
Teu poder foi tão forte, tão puro,
que não aguento mais,
Fui incapaz de resistir.

Nestes olhos teus, tão doces e profundos,
Desvendo segredos, caminhos e mundos.
Não posso esperar
Pois nós já estamos a nos encontrar
Em cada verso, em cada acorde de amor,
Sinto a eternidade desse encanto sedutor.
E que a luz dos olhos teus
Seja a única, que com os meus, consiga enxergar.

Autoria

Anna Giulia De Souza Gonçalves, 14 anos

Isabelle Nycole da Silva, 15 anos

Liz Joelma Galindo Condori, 15 anos

Sofia De Freitas, 14 anos

Ysu Celestine Peçanha Di Domenico Cleto, 14 anos

AEL CLARICE LISPECTOR | EMEF ALMIRANTE PEDRO DE FRONTIN

Mariana da Cunha Pinto

Coordenação de estudos literários e teatrais



Velha infância

Referência: Velha infância – Tribalistas

Que saudades, da minha velha infância, eu gostava muito de subir nas árvores, nos pés de coco, pegar caranguejos.

Andava de jangada pelos rios, também tomava muito banho no mar, na praia de Tamandaré, Pernambuco. Desde os 8 anos, já cavalgava a cavalo, cuidava dos meus animais, como peru, galinha, ovelha e cabrito. Ainda tinha muito tempo para estudar e brincar de boneca, que a minha vó fazia com muito amor.

Eu ainda ia buscar água nos chafarizes, sempre ia pegar lenha com a minha mãe e as minhas irmãs. Na escola, brincadeiras no final do ano eram muito divertidas, mas o dia mais importante foi o dia da minha primeira comunhão, algo muito grande em cima de uma mesa e eu pensei que era um anjo morto em cima da mesa, na hora em que as professoras foram cortar, eu pensei que iriam matar o anjo, mas percebi que era só um bolo.

Tenho saudade da minha professora, me lembro até do nome Nadi de Melo Guimarães. Como sinto falta da minha linda infância, hoje tenho 67 anos e me resta muita saudade...

Autoria

Isabelle Rayssa Araujo Silva, 10 anos



Valeu Amigo

Referência: Valeu amigo – Pikeno & Menor

Dois amigos inseparáveis tiveram uma discussão boba e ficaram algumas semanas sem se falar, perceberam que ninguém é feliz sozinho e decidiram se reconciliar.

Certo dia eles estavam passeando na rua e um deles esbarrou em Alysso que por coincidência já se conheciam, ficaram conversando por muito tempo, lembrando histórias de um passado não tão recente.

O outro amigo foi deixado de lado, o que causou muita mágoa e solidão, quando já era 16h48, os dois foram embora, nem perceberam o quanto aquela situação foi constrangedora.

Ele voltou para casa triste, no dia seguinte foi comprar pão para tomar café e, no caminho, esbarrou em uma garota muito linda, os dois pediram desculpas um ao outro e seguiram, ele comprou o que devia e voltou pra casa. Mas na volta encontrou Alysso e seu ex-amigo, ele passou reto e nem olhou na cara deles.

No dia seguinte, ouviu a campainha tocar, foi até a porta e se surpreendeu, era a menina com quem tinha esbarrado no dia anterior, ficou sem entender nada e quis saber o que ela estava fazendo ali.

Ela explicou que havia caído na rua e precisava de ajuda e como no dia anterior o viu entrando naquela casa, imaginou que ele morava ali, por isso resolveu pedir ajuda.

Ele acabou ajudando-a e percebeu que a vida é muito curta para se preocupar demais com pequenas coisas e que realmente ninguém é feliz sozinho e que agora não teria mais um amigo e sim dois.

Autoria

AEL KIUSAM DE OLIVEIRA | EMEF JOSEFA NICÁCIO ARAUJO

Elisete Mendes Scatolin de Almeida

Coordenação de estudos literários e teatrais

Eduarda Cristina Leão Da Silva, 13 anos

Maria Eduarda Marcelino, 11 anos

Mariana Cristina César de Souza, 12 anos

Vitória Santos Lima, 12 anos



Amigos inseparáveis

Referência: Fico Assim sem você - Claudinho & Bochecha

Era uma vez dois amigos, na escola estudavam na mesma sala, gostavam muito de cantar e todo mundo admirava a voz deles. No intervalo, conseguiram o que parecia impossível: fazer a escola parar para ouvir eles. Quando um funcionário precisava de silêncio, pedia para eles puxarem uma música:

*Por que é que tem que ser assim,
Se o barulho não tem fim...
Preste atenção nesse instante
Nem mil alto-falantes
Vão poder falar por mim...*

Um dia, apareceu um aluno de quem todos tinham medo, era o valentão da escola. Ele zoava com todo mundo, era briguento e um monte de meninos seguiam ele. Eles tinham até uma gangue chamada “os descolados”. Uma brincadeira que eles gostavam de fazer era o “cuecão”, que era puxar a cueca do outro enquanto estava distraído. O líder se chamava Michael e chegou dizendo:

— Vocês cantam que nem um gato no cio! Todo mundo começou a rir.

Claudinho ficou com vergonha, então Lucas foi falar com ele:

— Deixa a gente em paz, Michael, você está com inveja!

— Fica na sua, bochechudo! - de repente Lucas ficou bravo, com fogo nos olhos, respirando fundo.

Michael continuou:

— Eu vou dar uma chance para vocês não serem os meninos mais zoados da escola, se juntem à minha gangue! Assim, vocês terão fama e poder. Os amigos pensaram e um deles aceitou, disse o Claudinho:

— Eu quero participar!

O outro amigo não queria, mas a decisão não era dele, então lá se foi uma amizade de anos. E nunca mais Claudinho falou com seu amigo. Viveram mundos diferentes, Claudinho deixou de cantar, passou a estudar mais e se distanciou dos amigos, Buchecha ficou se achando o melhor, todo felizão que estava no grupo mais “da pesada” da escola.

Passaram 5 anos, Michael fez uma festa e convidou todos da sua sala.

Claudinho foi para a festa, mas só estava na dele, escrevendo suas poesias e vendo subir as bolinhas do refrigerante. De repente, uma menina passou correndo e esbarrou em sua mesinha de plástico, derrubando o refrigerante em cima da poesia. Fazendo uma careta de desgosto, Claudinho foi ao banheiro e viu seu melhor amigo, Buchecha. Um olhou para o outro, então lembraram do tempo que eram amigos:

— Oi! - disse Claudinho.

— E, aí como vão as coisas?

— Bem e você? - e os dois ficaram conversando...



Michael chegou naquele momento, ficou olhando os dois, deu uma risada e disse:

— Foi mal, acho que eu quebrei o clima... Buchecha, você vai ficar de conversa com este monga?

— Sim, por quê? Tá com inveja? - disse Claudinho impaciente.

— Não tô, só acho que você não pode ficar falando com essa gente! - respondeu Michael.

— Quê, se toca, eu falo com eu quiser! - disse Buchecha indignado.

— Você quer fazer uma batalha de rimas? - disse Claudinho confiante.

— Você parece valentão, mas é só um “sem noção”!

O Michael não teve como responder, então começou uma briga de verdade. Mas os pais deles chegaram na hora.

Meia década depois, Claudinho e Buchecha se reencontraram em uma praça, Buchecha viu no chão uma letra:

Buchecha sem Claudinho

Sou eu assim sem você

Circo sem palhaço

Namoro sem abraço

Sou eu assim sem você

Buchecha achou engraçado e deu risada. Disse que a diversão é melhor do que a fama. Para agradar Claudinho, Buchecha cantou junto com ele e sentiram a força daquela amizade de anos. E não se desgrudaram mais.

Souberam depois que Michael foi denunciado e expulso da escola. E já que sabiam cantar, formaram uma dupla que logo se tornou famosa não apenas na família, mas no Brasil inteiro. Tornaram-se amigos inseparáveis.

Autoria

Gabrielly Barros de Alencar, 10 anos

Joelson Silva Santana, 10 anos

Gabriel Lucas da Silva, 10 anos

João Francisco Lima Teixeira, 9 anos

Katlyn Maya da Silva, 11 anos

Arthur Santana Silva, 11 anos

Wagner do Nascimento Dias, 9 anos

Nicolas Gomes dos Santos, 10 anos

Gabriel Santana Macedo, 10 anos



Negro drama

Referência: Negro drama - Racionais MC's

Negro drama
Sucesso e lama, o que dizem
Que é ao contrário da fama.
O drama que eu carrego,
Para não ser só um preto
ferrado.
No dia a dia no corre dobrado,
E mesmo assim carregando o
fardo de ainda ser,
Um preto anulado.
Sempre a provar que sou um
homem
E não um covarde.
E mesmo assim para a
sociedade,
Continuo sendo só um preto,
Covarde.
Mãe solteira solo,
De um promissor vagabundo.
Família brasileira, favelada,
Que para muitos são apenas,
Mal faladas.
Quando ainda vão nos criticar com suas falas?
Até quando vão abafar essa pauta?
Não é conto, nem fábula,
lenda ou mito,

É só mais uma realidade
de um preto omitido.
Guerreiro, poeta entre o tempo e a história,
e ainda assim lutando para conquistar,
Nossa glória.
Para lutar diante das nossas derrotas
e comemorar as nossas vitórias.
Ginga e fala gíria, eles dizem
Na verdade, a bem dizer, somos o que somos
vivendo e não nos privando
deste mundo que habitamos.

Autoria



Mina do Condomínio

Referência: Mina do Condomínio - Seu Jorge

Em um belo dia, logo após as férias, Marcelo chega à escola e percebe entre tantos colegas que alguns são novos, mas uma em especial chama sua atenção. Seu coração bateu mais forte naquele momento. Foi para sua sala aguardando o momento do intervalo para vê-la novamente. Era amor à primeira vista. Até o nome dela era lindo! Soube que se chamava Melissa. Os dias foram passando, e ele pensando em várias estratégias de aproximação, mas ela simplesmente não dava bola para ele.

Marcelo comentava com os amigos as tentativas frustradas de aproximação. Os amigos o consolavam.

Num final de tarde, Marcelo e sua mãe foram à administração do condomínio onde moravam reservar o salão de festas para o aniversário dele que se aproximava, quando ele teve a maior surpresa de sua vida até aquele dia: Melissa morava no mesmo condomínio! Ela no bloco A e ele no bloco B.

Chegando à escola, no dia seguinte, contou aos amigos que o incentivaram a convidá-la para sua festa. Prometeram ajudá-lo com o tema, convites e tudo mais, dizendo:

- Vamos pensar em algo infalível!
- Sua festa terá um clima romântico!
- Vamos conversar com a sua mãe e ajudá-la com os preparativos.

Marcelo agora percebia uma mistura de sentimentos: alegria, porque a menina mais linda que ele já tinha visto morava tão perto, porém o medo da rejeição tinha aumentado depois de tentar se aproximar algumas vezes acenando e ela ignorando sua presença.

- Os amigos tentavam consolá-lo argumentando:
- Talvez ela seja deficiente visual... já pensou nisso?
- Ou tão tímida quanto você...
- Ou é comprometida?

E assim eles iam tentando deduzir os motivos da indiferença de Melissa. Marcelo pensava em tudo que poderia fazer para chamar sua atenção. Resolveu voltar a tocar. Tirou a poeira da guitarra. Terminou uma música que estava compondo há algum tempo. Fez sua apresentação no show de talentos da escola, porém ela não estava lá naquele dia. Aborrecido, resolveu direcionar sua atenção para a festa de aniversário que se aproximava.

Havia um clima de mistério no ar. Seus amigos certamente teriam escolhido um tema à altura do seu gosto pela arte ou pelo esporte. Estava curioso e ansioso.

O dia tão esperado chegou, e o inesperado também chegou junto.

Quando Marcelo entrou no salão de festas não podia acreditar no que os seus olhos estavam enxergando. Seus amigos, para zoar com ele, escolheram o tema Galinha Pintadinha para seu aniversário de 15 anos. Era muito absurdo! Enquanto ele tentava se acostumar com a ideia, ele avistou Melissa caminhando na sua direção, e rindo ela disse:

— Nossa! Gostei do tema do seu aniversário... achei tão maduro!

Marcelo, é claro, estava muito envergonhado, mas o evento rendeu ótimas risadas e os dois foram vistos em muitos momentos conversando animadamente. Dizem até que um beijo aconteceu ao som da música A Galinha e o Galo Carijó.

Autoria

Maycon Caio M. Gonçalves, 14 anos

Maryllin Victória Soares, 13 anos

Anna Luiza Gomes Carvalho, 14 anos

Jhonatha Ismael Tom Jhon Silva, 14 anos

Danilo Gonçalves Assunção, 13 anos

Gustavo de Lucas Carvalho, 14 anos

Jennifer Bianca de Oliveira Barbosa, 13 anos

Pietro Israel da Costa Nogueira, 13 anos

Denner Nascimento Pereira, 13 anos

Arthur Nascimento Souza, 13 anos

João Victor de Souza Morais, 13 anos

Lucas Daniel Gomes dos Santos, 14 anos



Clarice

Referência: Clarice - Kamaitachi

Havia uma menina que amava brincar em uma praça perto de sua casa e lá também brincava um menino. Ele a observava a todo momento, certo dia ele foi falar com ela, seu nome era Noah e o dela Hermione. Desde esse dia, eles ficaram muito amigos. Brincavam juntos todos os dias, até que um dia as brincadeiras acabaram. Hermione iria se mudar para outra cidade. Dia 06/09/07 foi um péssimo dia para Noah, pois foi nesse fatídico dia que sua amiga foi embora.

Vários anos depois, Noah estava de boqueira no intervalo da escola, quando passou por ele uma jovem com um rosto bem familiar. Seu coração acelerou e em seu pensamento só existia uma pergunta: — Será ela? Hermione?

No outro dia, estava ansioso para a hora do intervalo. Bateu o sinal, saiu em disparada, pareciam mais alunos do fundamental do que do ensino médio, mas a ansiedade era tanta que nem percebeu que seus colegas riam dele. Ficou parado perto do portão, observava cada movimento dos estudantes, até que, de longe, uma luz invadiu seus olhos, seu coração, era ela, a menina mais linda que já tinha visto. Foi ao seu encontro e todo trêmulo perguntou:

— Desculpa, você é a Hermione?

Ela fixou seu olhar por alguns instantes em Noah e respondeu:

— Sim Noah, sou eu! Finalmente te encontrei.

Eles se abraçaram como se não houvesse amanhã. A partir daquele momento, não se desgrudaram mais.

E aquele sentimento que sentiam quando eram crianças foi amadurecendo e ganhando cada vez mais força, até que Noah se declarou:

— Hermione, estou apaixonado por você, quer namorar comigo?

— Simmmmmmm! - ela respondeu.

Terminaram o ensino médio, entraram para faculdade, após o término da faculdade se casaram, tiveram filhos, posteriormente netos, tiveram uma vida maravilhosa até seus últimos dias... Assim, tornando o amor deles eterno.

Autoria

Stephani Trajano, 13 anos
Felipe da Cruz, 14 anos



Sabiá

Referência: Sabiá - Luiz Gonzaga

Era uma vez um passarinho que se chama Ryan, ele era um passarinho que voava e voava, buscava amor pelo mundo todo. Certo dia, ele encontrou uma sabiá que se chamava Luiza, seus olhos de sabiá brilhavam, e por isso ele tinha certeza que era ela o amor da sua vida. Ele a pediu em namoro e ela não aceitou porque não sentia o mesmo que o pássaro sabiá.

Passaram-se dias, semanas e meses, até que o sabiá Ryan a pediu em namoro novamente, e a passarinha, percebendo seu sentimento, aceitou finalmente o pedido.

Durante muito tempo, eles foram muito felizes, contudo, após alguns anos, ela foi atropelada por uma moto e o Ryan ficou imensamente triste pela perda de sua amada, deixando um vazio que nunca iria ser preenchido. O tempo passou e o sentimento de tristeza se tornou saudade e ele conheceu outra sabiá, Pérola. Ryan e Pérola de amigos tornaram-se namorados e, com o passar do tempo, se casaram.

Um dia, Ryan lembrou seus momentos com sua ex-esposa e percebeu o quanto a Pérola era parecida e linda como sua sempre amada Luiza. Ryan finalmente havia preenchido o vazio que ele achou que nunca fosse conseguir.

Autoria

AEL VINICIUS DE MORAES | EMEF FERNANDO DE AZEVEDO

Elaine Jacó Santos de Oliveira

Coordenação de estudos literários e teatrais

Alice de Moura Aguiar dos Santos, 13 anos

Lorenzo de Araújo Teixeira, 9 anos

Ana Luiza M. da Silva, 12 anos

Coodernação AEL nas DRES

BUTANTÃ

Rita de Cassia Almeida Braga

CAMPO LIMPO

Cleomar de Souza Lima
Elaine Silva Lacerda

CAPELA DO SOCORRO

Deusdete Cassio de Jesus

FREGUESIA/BRASILÂNDIA

Melina Rodolpho
Roberto Antônio Maciel

GUAIANASES

Maria Inês Alves Pereira
Tânia Regina da Silva
Valéria Silva Nascimento de Oliveira

IPIRANGA

Renato Brunassi Neves dos Santos Silva

ITAQUERA

Cinthia Krayuska de Araújo Sousa
Lúcia Ramalho Nunes Munis

JAÇANÃ/TREMEMBÉ

Ana Carolina Cuofano Gomes da Silva
Ivan Venturini

PENHA

Paula Gardenia Lucena Gallego
Thalita Garcia Lopes

PIRITUBA/JARAGUÁ

Patricia Zerino Aguillera

SANTO AMARO

Cláudia Gonçalves da Silva

SÃO MATEUS

Ana Paula Rodrigues de Sousa Oliveira

SÃO MIGUEL

Vanessa Carneiro Dias

PROJETO GRÁFICO

Centro de Multimeios – CM

Ana Rita da Costa – Diretora

Núcleo de Criação e Arte

Aline Frederick Santos

Angélica Dadario - Projeto e diagramação

Cassiana Paula Cominato

Fernanda Gomes Pacelli

Marcos Rogério da Silva Moreira

Simone Porfirio Mascarenhas

Biblioteca Pedagógica

Roberta Cristina Torres da Silva - Revisão textual

Elementos visuais: Adobe Stock



**CIDADE DE
SÃO PAULO**
EDUCAÇÃO